

**Danielle Stuart Oliveira**

**ACESSIBILIDADE E INTERAÇÃO SOCIAL: COMPORTAMENTO SOCIAL EM  
FACE DE PROBLEMAS DE MOBILIDADE NO PARQUE ECOLÓGICO DA  
PAMPULHA.**

Belo Horizonte  
Escola de Arquitetura da UFMG  
2013

**Danielle Stuart Oliveira**

**ACESSIBILIDADE E INTERAÇÃO SOCIAL: COMPORTAMENTO SOCIAL EM  
FACE DE PROBLEMAS DE MOBILIDADE NO PARQUE ECOLÓGICO DA  
PAMPULHA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pinto Guimarães.

Belo Horizonte  
Escola de Arquitetura da UFMG  
2013

### FICHA CATALOGRÁFICA

720.42  
O48a

Oliveira, Danielle Stuart.

Acessibilidade e interação social [manuscrito] : comportamento social em face de problemas de mobilidade no Parque Ecológico da Pampulha / Danielle Stuart Oliveira. - 2013.  
192f. : il.

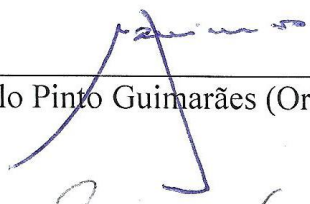
Orientador: Marcelo Pinto Guimarães.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Acessibilidade. 2. Espaços públicos. 3. Desenho Universal. 4. Interação Social. I. Guimarães, Marcelo Pinto. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

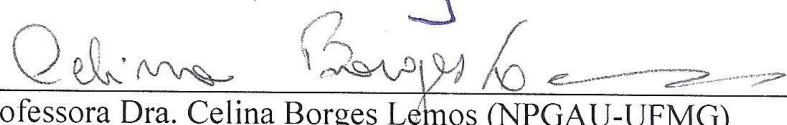
CDD 720.42

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - NPGAU da Universidade Federal de Minas Gerais, e aprovada em 04 de abril de 2013 pela Comissão Examinadora:



---

Professor Dr. Marcelo Pinto Guimarães (Orientador –NPGAU-UFMG)



---

Professora Dra. Celina Borges Lemos (NPGAU-UFMG)



---

Professora Dra. Regina Cohen (FAU-UFRJ)

Ao meu querido tio Rubyvette, que se não pôde usufruir dos frutos certamente motivou o plantar da semente.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, amigo e companheiro de todas as horas, Hugo, sem você eu não teria conseguido!

À minha querida mãe, por sempre permanecer na torcida e por ter me ensinado, com seu coração de mãe-professora, o valor da educação. A ela o obrigada especial pela torcida constante em minha vida e pela ajuda na reta final deste trabalho!

Ao meu pai, minha madrinha e meus irmãos, Gi, Neto e Márcio, que sempre estiveram disponíveis e com os quais compartilhei momentos de alegria e afeto, imprescindíveis para que eu conseguisse passar por toda essa jornada.

A todos os familiares e amigos pelo apoio e por compreenderem os momentos de minha ausência.

À Ana Carolina que sempre lembrou de dar um telefonema para saber como eu estava ou se precisava de algo... Sempre presente em todos os momentos importantes da minha vida!

À Tali, que assim como a Ana, sempre trouxe palavras de incentivo, e que me deu força e cobertura para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

À Naty pelo incentivo para que eu fizesse o mestrado, quem sabe ainda daremos aulas juntas um dia?

Às amigas conquistadas ao longo desse percurso, Paty, Fabi, Clara, Jeanne e Júnia, obrigada por compartilharem os momentos de alegrias e de tristezas, especialmente à Paty por seu carinho e companheirismo durante toda a caminhada!

Ao orientador Professor Dr. Marcelo Pinto Guimarães, pelo apoio, credibilidade e exigência, e por ter sido o vetor de tantas informações e de novas formas de pensar.

Às Professoras Doutoras Celina Borges Lemos e Regina Cohen por comporem a banca de avaliação, e à Celina, especialmente, por clarificar ideias nas aulas de metodologia e pelo carisma e incentivo em momentos tão importantes.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo por toda contribuição ao longo desses anos.

Às coordenadoras Fernanda Borges de Moraes e Jupira Gomes de Mendonça, por todo apoio e suporte no decorrer do curso.

À secretária do NPGAU/UFMG, Renata Albuquerque de Araújo, que sempre esteve disposta a ajudar e demonstrando alegria e satisfação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo fomento à minha pesquisa.

À Isabela, por ter contribuído na prática para a conclusão deste trabalho, e que, além de ter trazido informações importantes com a sua participação na pesquisa, trouxe também mais incentivo e motivação através de sua postura otimista e guerreira diante da vida.

Se não houver frutos, valeu a beleza das flores;  
se não houver flores, valeu a sombra das  
folhas; se não houver folhas, valeu a intenção  
da semente.

(HENFIL)

## RESUMO

Esta pesquisa investigou o comportamento social das pessoas em locais de lazer e espaços de convivência públicos, especialmente de um parque, ressaltando como as características de acessibilidade do lugar podem influenciar ou até mesmo determinar o comportamento das pessoas com problemas de mobilidade. Através de um estudo de caso, observando e acompanhando usuários do Parque Ecológico da Pampulha, objetivava-se compreender padrões de comportamento das pessoas com e sem problemas de mobilidade e verificar qual a relação entre as formas comportamentais e as características do espaço físico e, ainda, se a inacessibilidade poderia comprometer a qualidade da interação das pessoas com problemas de mobilidade. Foi realizada a pesquisa de campo em três etapas, constando do reconhecimento das áreas do Parque Ecológico da Pampulha, da observação e mapeamento do comportamento dos usuários e da aplicação de entrevistas. Como saldo desta pesquisa, foi possível observar diferenças comportamentais entre as pessoas com e sem problemas de mobilidade e foi plausível associá-las às características ambientais dos espaços estudados. Constatou-se que as pessoas com problemas de mobilidade, mesmo tendo acesso às áreas do parque, muitas vezes permaneciam marginalizadas em relação à maioria dos usuários e não conseguiam compartilhar com os mesmos as atividades disponibilizadas pelo parque. Dessa forma, conclui-se que a Acessibilidade deve ser aplicada num sentido mais amplo, provendo condições de acesso e flexibilização no uso para todas as pessoas, em consonância com o princípio primordial do Design Universal, o uso equitativo. Este é fator preponderante para a democratização dos espaços públicos de lazer e para garantir que os indivíduos com problemas de mobilidades consigam interagir com outras pessoas em seu meio social, sendo efetivamente incluídos nele.

**Palavras-chave:** Espaços Públicos. Acessibilidade. Design Universal. Comportamento e Ambiente. Interação Social.

## ABSTRACT

This research investigated spatial aspects of social behavior in places for public leisure, especially a city park, the Parque Ecológico da Pampulha, in Belo Horizonte, Brazil. It highlighted how accessibility features can influence or even determine the behavior of people with mobility problems with relatives and acquaintances. Through observations in a case study, behavioral patterns of people with mobility problems and other people without noticeable problems while functioning in the environment were investigated to identify the relation between human activities and physical space features. The main goal was to see whether inaccessibility could compromise the quality of social interaction for people with mobility problems. The field research included three phases: the first one described areas in the ecological park for people leisure, the others stages approached observation and mapping user behavior and interview application. Research results indicate that behavioral differences exist between people with mobility problems and those without them. The study associated such differences to environmental characteristics of different sectors of the park. It was found that people with mobility problems who have full access to park areas, often remained off mainstream in comparison to most users, and therefore, they could not share opportunities for social activities offered in the park. Thus, conclusion points out that the overall planning for accessibility in open areas should be applied more broadly, providing access conditions and flexibility in use for all people. This is in line with the main Universal Design principle, the equitable use as an important factor for democratization of leisure in public spaces and to ensure that individuals with mobility problems are able to socially interact with others in really inclusive environments.

**Keywords:** Public Spaces. Accessibility. Universal Design. Behavior and Environment. Social Interaction.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Modelo do mapa de concentração de usuários e atividades no Parque .....	57
FIGURA 2 - Vista aérea do Parque Ecológico e entorno.....	63
FIGURA 3 – Portaria 1 .....	64
FIGURA 4 – Estacionamento da Portaria 1 .....	64
FIGURA 5 – Portaria 2 e algumas vagas reservadas.....	65
FIGURA 6 - Parada de ônibus em frente à portaria 1 .....	65
FIGURA 7 - Parada de ônibus próxima à portaria 2 .....	66
FIGURA 8 - Áreas do Parque Ecológico, equipamentos e serviços .....	68
FIGURA 9 – Área Silvestre, equipamentos e serviços .....	69
FIGURA 10 – Ponte em madeira, ligação da portaria 1 ao parque .....	70
FIGURA 11 – Totem de sinalização direcional.....	70
FIGURA 12 – Portão da Área de Proteção Ambiental.....	71
FIGURA 13 – Brinquedos na Área Silvestre.....	71
FIGURA 14 – Brinquedos na Área Silvestre e trilha periférica .....	72
FIGURA 15 – Opções de trajeto para o Memorial da Imigração Japonesa.....	73
FIGURA 16 – Memorial da Imigração Japonesa .....	73
FIGURA 17 – Memorial da Imigração quando da inauguração .....	74
FIGURA 18 – Caramanchão da Área Silvestre .....	75
FIGURA 19 – Placa da Área Silvestre.....	75
FIGURA 20 – Área do Centro de Apoio, equipamentos e serviços .....	76
FIGURA 21 – Vista externa lanchonete.....	76
FIGURA 22 – Vista interna lanchonete.....	76
FIGURA 23 – Vista do Centro de Apoio com entrada pela portaria 1 .....	77
FIGURA 24 – Edificação do Centro de Apoio e Espelho D'água .....	77
FIGURA 25 – Área com brinquedos ao lado do Centro de Apoio .....	78
FIGURA 26 – O Bosque.....	79
FIGURA 27 – Área do Bosque, equipamentos e serviços.....	79
FIGURA 28 – Coreto do Parque Ecológico e trilha em piso intertravado .....	80
FIGURA 29 – Bicicletário .....	81
FIGURA 30 – Sanitários.....	81
FIGURA 31 – Piquenique no Bosque .....	80
FIGURA 32 – Interação no piquenique.....	82
FIGURA 33 – Senhora sentada em caixote .....	82
FIGURA 34 – Visitantes levam suas cadeiras.....	82
FIGURA 35 – Área da Esplanada, equipamentos e serviços .....	83
FIGURA 36 – Sinalização que restringe algumas atividades à Esplanada .....	83
FIGURA 37 – Funcionário sinaliza a restrição de soltar pipa na Área Silvestre .....	84
FIGURA 38 – A Esplanada.....	85
FIGURA 39 – Portaria 2, na Esplanada.....	85
FIGURA 40 – Mapa de distribuição e tipos de trilhas do parque.....	88
FIGURA 41 – Trilha em piso intertravado é estreita.....	89
FIGURA 42 – Placa de inauguração do Bicicletário e Sanitários .....	90
FIGURA 43 – Mapa Unificado da Concentração de usuários e atividades realizadas .....	93
FIGURA 44 – Mapa Unificado com “subáreas” de Concentração de usuários e atividades realizadas.....	102

FIGURA 45 – Trecho que revela circulação intensa pelo desgaste na grama .....	103
FIGURA 46 – Início da área Esplanada .....	104
FIGURA 47 – Início da trilha em piso intertravado .....	104
FIGURA 48 – Continuação da mesma trilha .....	104
FIGURA 49 – Trecho de trilha ociosa da Área Esplanada .....	105
FIGURA 50 – Trilha da Esplanada vazia.....	106
FIGURA 51 – Talude bloqueia visão da Esplanada .....	106
FIGURA 52 – Mapa deslocamento do homem usando cadeira de rodas e seus acompanhantes.....	107
FIGURA 53 – Homem parado, sob o sol na Esplanada .....	108
FIGURA 54 – Homem parado, observa pessoas se aproximando .....	108
FIGURA 55 – Grupo conversando e se preparando para deixar o parque.....	109
FIGURA 56 – Mapa deslocamento da menina usando cadeira de rodas e seus acompanhantes .....	110
FIGURA 57 – Deslocamento pela grama .....	111
FIGURA 58 – Passando para o piso intertravado .....	111
FIGURA 59 – Se aproximando dos sanitários.....	119
FIGURA 60 – Mulher acompanha a menina.....	111
FIGURA 61 – Mulher auxilia a garota após queda .....	112
FIGURA 62 – Retorno para a trilha .....	112
FIGURA 63 – Família contempla espelho d’água .....	113
FIGURA 64 – Mapa de deslocamentos da mulher na cadeira de rodas, da idosa e o acompanhante.....	115
FIGURA 66 – Na trilha próxima ao <i>playground</i> .....	116
FIGURA 67 – Homem e mulher se distanciam da senhora.....	116
FIGURA 68 – Grupo parado à sombra .....	117
FIGURA 69 – Pessoas se separam na trilha.....	117
FIGURA 70 – Mais uma parada sem aproveitar a área de descanso .....	117
FIGURA 71 – Novamente juntos na trilha .....	118
FIGURA 72 – Esforço para a descida.....	119
FIGURA 73 – Condição inoportuna para interação .....	119
FIGURA 74 – Hora do lanche.....	119
FIGURA 75 – Homem retoma a caminhada.....	119
FIGURA 76 – Homem lê informação da placa.....	120
FIGURA 77 – Homem segue para área restrita .....	120
FIGURA 78 – Homem retorna da área restrita .....	120
FIGURA 79 – Mapa de deslocamentos da mulher andando com muletas e seus acompanhantes.....	121
FIGURA 80 – Grupo para na Esplanada.....	122
FIGURA 81 – Dificuldades com muletas na grama .....	122
FIGURA 82 – Sob uma árvore no Bosque.....	122
FIGURA 83 – Dificuldades para levantar.....	122
FIGURA 84 – Deixando o parque.....	123
FIGURA 85 – Mapa de deslocamento do menino na cadeira de rodas e seus acompanhantes.....	124
FIGURA 86 – Menino segue para a trilha com auxílio da mãe.....	125
FIGURA 87 – Menino segue pela trilha, sozinho.....	125
FIGURA 88 – Mãe e menino seguem pelo gramado.....	126
FIGURA 89 – Reencontrando o grupo .....	126

FIGURA 90 – Ajuda para seguir pelo gramado.....	126
FIGURA 91 – Indo para o outro parque.....	126
FIGURA 92 – Raro momento de interação.....	127
FIGURA 93 – Acabou a brincadeira.....	127
FIGURA 94 – Deixando o <i>playground</i> .....	127
FIGURA 95 – Pistas Parque Villa-Lobos.....	167
FIGURA 96 – Pistas Parque Ibirapuera.....	167
FIGURA 97 – Pista sombreada, Parque Ibirapuera .....	168
FIGURA 98 – Circuito das Árvores Villa-Lobos.....	169
FIGURA 99 – Dentro do circuito .....	169
FIGURA 100 – Marquise, Ibirapuera.....	169
FIGURA 101 – <i>Playground</i> acessível, Ibirapuera.....	169

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – População residente por tipo de deficiência - Brasil - 2010.....	22
GRÁFICO 2 – Distribuição dos usuários do Parque Ecológico da .....	23
GRÁFICO 3 – Atividades realizadas no parque todos os dias .....	94
GRÁFICO 4 – Atividades realizadas no parque aos sábados .....	95
GRÁFICO 5 – Atividades realizadas no parque aos domingos .....	96
GRÁFICO 6 – Atividades realizadas no parque, às manhãs .....	96
GRÁFICO 7 – Atividades realizadas no parque, às tardes.....	97
GRÁFICO 8 – Atividades realizadas na Área Silvestre .....	98
GRÁFICO 9 – Atividades realizadas na Área do Centro de Apoio .....	99
GRÁFICO 10 – Atividades realizadas no Bosque .....	99
GRÁFICO 11 – Atividades realizadas na Esplanada .....	100
GRÁFICO 12 – Distância dos banheiros na opinião de todos os usuários .....	135
GRÁFICO 13 – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade .....	135
GRÁFICO 14 – Eficiência da sinalização na opinião de todos os usuários.....	135
GRÁFICO 15 – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade .....	136
GRÁFICO 16 – Quanto a sentar na grama na opinião de todos os usuários .....	137
GRÁFICO 17 – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade .....	137
GRÁFICO 18 – Quanto a disponibilizar mesas na opinião de todos os usuários....	138
GRÁFICO 19 – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade .....	138
GRÁFICO 20 – Quanto a pistas separadas na opinião de todos os usuários .....	139
GRÁFICO 21 – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade .....	139
GRÁFICO 22 – Quanto às áreas de sombra na opinião de todos os usuários .....	140
GRÁFICO 23 – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade .....	140
GRÁFICO 24 – Quanto a andar na grama na opinião de todos os usuários.....	141
GRÁFICO 25 – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade .....	141
GRÁFICO 26 – Quanto a andar no intertravado na opinião de todos os usuários ..	142
GRÁFICO 27 – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade .....	142
GRÁFICO 28 – Quanto a andar na areia/seixos na opinião de todos os usuários .	143
GRÁFICO 29 – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade .....	143
GRÁFICO 30 – Quanto ao cansaço ao caminhar na opinião de todos os usuários	144
GRÁFICO 31 – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade .....	144
GRÁFICO 32 – Escolhas de todos os entrevistados referentes à situação 1.....	146
GRÁFICO 33 – Escolhas das pessoas com problemas de mobilidade - situação1	146
GRÁFICO 34 – Escolhas de todos os entrevistados referentes à situação 2.....	147
GRÁFICO 35 – Escolhas das pessoas com problemas de mobilidade - situação 2	147
GRÁFICO 36 – Elementos do parque reconhecidos por todas as pessoas.....	149
GRÁFICO 37 – Elementos reconhecidos pelas pessoas com problemas de mobilidade .....	149
GRÁFICO 38 – Elementos do parque utilizados por todas as pessoas .....	150
GRÁFICO 39 – Elementos utilizados pelas pessoas com problemas de mobilidade .....	150

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1 Considerações Iniciais .....	16
1.2 Local de estudos .....	20
1.3 Justificativa e relevância do tema .....	21
1.4 Objetivos .....	23
1.4.1 Objetivo geral .....	23
1.4.2 Objetivos específicos .....	23
1.5 Questionamentos e Hipóteses .....	24
<b>2. LAZER E ACESSIBILIDADE NO ESPAÇO PÚBLICO</b> .....	<b>26</b>
2.1 A importância do lazer no processo de inclusão .....	26
2.2 Das garantias de acessibilidade x acessibilidade total .....	28
2.3 Espaços públicos de lazer acessíveis e sua importância na vida cotidiana contemporânea .....	34
<b>3. ASPECTOS DO COMPORTAMENTO E SUA RELAÇÃO COM A ACESSIBILIDADE</b> .....	<b>39</b>
3.1 Aspectos perceptivos e cognitivos do comportamento .....	39
3.1.1 O comportamento influenciado pela acessibilidade .....	41
3.2 Comportamento e inacessibilidade: os reflexos sobre a interação social .....	46
3.3 Para além das garantias de acessibilidade: O Design Universal, um conceito a ser adotado .....	50
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>55</b>
4.1 Primeira fase da pesquisa de campo: dados iniciais .....	55
4.2 Segunda fase da pesquisa de campo: observações e mapeamentos .....	55
4.3 Terceira fase da pesquisa campo: realização de entrevistas .....	58
4.3.1 Visita acompanhada e entrevista .....	61
<b>5. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO</b> .....	<b>63</b>
5.1 A experiência de visita do Parque e seu entorno .....	63
5.2 As áreas, estruturas e atividades no Parque Ecológico .....	67
5.2.1 A Área Silvestre .....	69
5.2.2 A Área do Centro de Apoio .....	76
5.2.3 A Área do Bosque .....	78
5.2.4 A Área da Esplanada .....	83
5.2.5 As áreas do parque como um todo .....	86
<b>6. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>92</b>
6.1 O que os mapas de comportamento e entrevistas revelam .....	92
6.1.1 Concentração de usuários e atividades realizadas em todo o parque .....	92
6.1.2 Atividades realizadas por áreas .....	98
6.1.3 As subáreas de atividades .....	101
6.2 O comportamento dos usuários com problemas de mobilidade .....	106
6.2.1 O Caso 1: O homem que usava cadeira de rodas, “sozinho” na Esplanada .....	107
6.2.2 O Caso 2: A menina que usava cadeira de rodas no Bosque .....	110
6.2.3 O Caso 3: A mulher que usava cadeira de rodas na trilha e Área Silvestre .....	115
6.2.4 O Caso 4: A mulher que usava muletas em piquenique no Bosque .....	121

6.2.5 O Caso 5: O menino que usava cadeira de rodas no <i>playground</i> .....	124
6.3 O que os casos descritos informam.....	129
6.4 Das entrevistas e seus resultados .....	130
6.5 Última confrontação: a visita acompanhada .....	154
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>172</b>
<b>APÊNDICE A – Mapas individuais da concentração de usuários e atividades</b>	<b>176</b>
<b>APÊNDICE B – Entrevista Semiestruturada.....</b>	<b>188</b>
<b>APÊNDICE C – Cartão de Figuras aplicado junto à entrevista.....</b>	<b>190</b>
<b>APÊNDICE D – Entrevista com Gustavo Penna.....</b>	<b>192</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Considerações Iniciais

Atualmente, o processo de inclusão e as práticas inclusivas têm merecido destaque nas discussões de novas políticas sociais. Para que a sociedade se lance numa tentativa de se alcançar condições mais dignas de vida para todas as pessoas, de forma equânime e justa, é fundamental que tal processo seja continuamente aprimorado.

Apesar de existir uma legislação específica que trata da questão da acessibilidade às edificações, espaços e equipamentos urbanos em nosso país, a Lei nº 10.098 de 2000 (efetivada pelo Decreto Federal 5296 de 2004) e a NBR 9050 de 2004<sup>1</sup>, o que se percebe ainda é que a acessibilidade<sup>2</sup> é de fato uma realidade incompleta nos espaços públicos, inclusive os de lazer, o que carece de atenção e seriedade por parte da sociedade para se tornar um direito respeitado em sua plenitude.

Tratando especificamente de espaços como parques, foi sancionada a Lei Nº 11.982/09, citada abaixo, que parece um “reforço” à legislação existente e demonstra uma tentativa das autoridades em garantir uma porcentagem mínima de espaços e equipamentos acessíveis em parques públicos ou privados.

Parques de diversões públicos e privados terão que adaptar a partir desta sexta-feira, 17, pelo menos "5% de cada brinquedo e equipamento e identificá-lo para possibilitar sua utilização por pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida", segundo o que manda a Lei Nº 11.982, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e publicada no Diário Oficial da União.

Esta determinação está em parágrafo acrescentado pela nova lei ao artigo 4º da Lei Nº 10.098, de 2000. A lei estabelece normas para a promoção da acessibilidade dessas pessoas, ordenando que sejam adaptados os

---

<sup>1</sup> A Lei nº 10.098/00, o Decreto 5296/04 e a NBR 9050-2004 serão tratados novamente nos próximos capítulos.

<sup>2</sup> O conceito de acessibilidade considerado neste trabalho vai além da simples condição de dar acesso a algo a ou a determinado espaço com a implantação de normas técnicas. Entende-se como acessibilidade o processo de aprimoramento do uso ambiental, pressupondo que os recursos ambientais existentes favoreçam pessoas com deficiência, inclusive as com problemas de mobilidade, e, dessa forma, a solução técnica possa beneficiar a todos os usuários do meio edificado.

parques, as ruas e demais espaços públicos e as respectivas instalações de serviços e mobiliários urbanos.

O parágrafo acrescentado, ao ordenar a adaptação de parte dos brinquedos dos parques de diversões, também diz que isso será feito "tanto quanto tecnicamente possível" (EICH, 2009).

Tal sanção revela que a simples existência de uma lei não garante na prática a condição de acessível aos espaços públicos de lazer e, ao ditar em sua definição que a acessibilidade deve ser proporcionada "tanto quanto tecnicamente possível", demonstra a impossibilidade de uma normatização prever todas as formas e possibilidades de se criar o acessível, reforçando o caráter mais indicativo do que definitivo dos parâmetros normativos atuais.

Tratar de inclusão social significa considerar a garantia dos direitos de todos os cidadãos independente de sua habilidade física ou condição intelectual. Nesse sentido, a acessibilidade é fator preponderante para promover o processo de inclusão<sup>3</sup>, fazendo com que todas as pessoas sejam envolvidas na sociedade e possam participar dela ativamente.

O acelerado desenvolvimento das cidades e o crescimento populacional concomitante ao avanço da expectativa de vida, aumentam a cada dia os problemas urbanos como dificuldades de transporte e mobilidade na cidade, insegurança e violência, que geram nas pessoas o aumento do estresse, da pressão e do cansaço.

Diante desses "aspectos negativos" da vida contemporânea, os parques com áreas de lazer e espaços de convivência públicos podem representar mais qualidade de vida e auxiliar na promoção da saúde de toda uma sociedade.

E, para além desses benefícios, os espaços públicos citadinos de uma forma geral, são de grande importância para a vida em sociedade, pois representam instrumentos urbanísticos indispensáveis para a recuperação da cidade democrática

---

<sup>3</sup> Para Sasaki (1999), inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais pessoas que estejam excluídas por alguma razão, como por exemplo uma deficiência, e simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade, ou seja, presume-se a equiparação de oportunidades para todos.

contemporânea, que está sob a ameaça da dissolução e privatização dos seus espaços (BORJA, 2003).

Para que a apropriação do espaço pelo indivíduo ocorra e dessa apropriação resultem a interação e a vida em sociedade, destaca-se, no uso dos parques públicos, a importância da acessibilidade ambiental como forma de permitir às pessoas com problemas de mobilidade<sup>4</sup> o usufruto dos espaços de lazer e convivência, assim como o fazem os usuários sem as mesmas condições físicas.

Dessa forma, é garantida a todos a possibilidade de conviverem no mesmo ambiente e a oportunidade de desempenharem as mesmas atividades. São criados canais de comunicação e interação entre os diversos usuários e, não menos importante, é gerada a sensação de pertencimento à cidade e de responsabilidade sobre os espaços públicos nas pessoas com problemas de mobilidade, que na maioria vezes ficam marginalizadas à sociedade.

Muitas vezes porém, apesar de esses espaços trazerem a proposta de promover a interação social entre as pessoas por meio da oferta de áreas de convivência ou estímulo às atividades que podem ser realizadas em grupo, pode-se observar que, em alguns casos, as pessoas com problemas de mobilidade se mantêm restritas ao uso e permanência em determinadas áreas devido às condições ambientais que as impõem uma situação ou atividade sem lhes deixar opção de escolha. Tais condições podem impossibilitar a vivência de socialização plena.

Nos projetos de parques, em que a proposta dos mesmos é além da interação social, a de interação homem-natureza, o desafio para transpor a barreira da não interação se torna ainda maior, visto que o planejamento desses lugares deve

---

<sup>4</sup>A expressão utilizada ao longo deste trabalho “pessoas com problemas de mobilidade” se refere a todas aquelas que apresentam qualquer grau de dificuldade para se locomoverem seja devido a características físicas permanentes ou a situações momentâneas como um membro do corpo quebrado ou machucado, ou até mesmo o fato de empurrar algum objeto como um carrinho de bebê desde que lhe dificulte a mobilidade. A legislação que trata de acessibilidade cita as pessoas “portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida” como as beneficiadas pela acessibilidade, mas entende-se aqui que a condição de acessível beneficia a todos e, neste trabalho pretende-se investigar as consequências da inacessibilidade especificamente para as pessoas com problemas de mobilidade.

contemplar soluções que respeitem as condições naturais do local e, simultaneamente, a diversidade de usuários.

Eliminar barreiras físicas respeitando a diversidade de usuários é fundamental, pois não basta atender as necessidades de um grupo de pessoas com certa deficiência em detrimento de outras, o que se deve buscar são soluções benéficas comuns a todos os usuários.

Além de compatibilizar soluções para a especificidade de cada grupo gerando benefícios comuns, é importante ressaltar que as necessidades de acesso físico e as necessidades psicológicas das pessoas formam um traço comum a todo ser humano e não aspectos divergentes.

Uma sociedade inclusiva deve ser “voltada para prover aos indivíduos as condições logísticas e de infraestrutura para que todos possam se instrumentar por recursos ambientais” (GUIMARÃES, 2010), e nesse processo, têm papel fundamental os profissionais que projetam e influenciam na forma como se dá o uso dos espaços construídos. Nas palavras de Lefebvre (1969, p. 100) que tratam de taumaturgo, isto é, pessoa que faz milagres:

[...] o arquiteto, não mais do que o sociólogo, não tem os poderes de um taumaturgo. Nem um, nem outro cria as relações sociais. Em certas condições favoráveis, auxiliam certas tendências a se formular (a tomar forma). Apenas a vida social (a praxis) na sua capacidade global possui tais poderes. Ou não os possui.

Intervindo com responsabilidade e eficiência no planejamento dos espaços, com a consciência de que os mesmos podem aproximar ou afastar pessoas e estimular ou prejudicar a autoestima e o desenvolvimento de pessoas que sofrem algum tipo de limitação que pode ser reforçada pelo ambiente, o profissional que projeta espaços pode promover as “certas condições favoráveis”, como nas palavras de Lefebvre “propor, tentar, preparar formas” e ainda “inventariar a experiência obtida, tirar lições dos fracassos, ajudar o parto do possível através de uma maiêutica nutrida de ciência.”

Neste sentido, olhar para o que feito está pode suscitar novas questões sobre o como projetar para promover a inclusão, observar o parque e as pessoas que dele fazem uso, comparando as propostas pretendidas para cada espaço com o uso efetivamente feito deles e entender a relação entre pessoa e ambiente, pode nos clarificar as expectativas das pessoas em relação ao que os espaços públicos lhes oferecem.

Tanto a Arquitetura quanto o Design Universal<sup>5</sup> buscam encontrar as melhores soluções para necessidades práticas com base nas possibilidades técnicas e econômicas. Enquanto definições sobre Arquitetura também enfatizam questões como necessidades espirituais e estéticas, o conceito de Design Universal não estabelece critérios claramente nesses campos. Por outro lado, em ambos, o resultado deve beneficiar e ser utilizável por todas as pessoas.

Logo, tomando-se uma abordagem em amplo espectro, não há contradições entre Arquitetura e Design Universal já que o enfoque central para as soluções técnicas são as pessoas. Como devem ser consideradas questões como a estética, tendências atuais e a funcionalidade, é possível que nos desviemos de soluções especializadas não só em uso, mas também na expressão da forma: Desafio tanto para arquitetos quanto para designers (ASLAKSEN *et al.*, 1997, tradução nossa).

## **1.2 Local de estudos**

O Parque Ecológico Promotor Francisco Lins do Rego, mais conhecido como Parque Ecológico da Pampulha<sup>6</sup>, é patrimônio de Belo Horizonte por fazer parte do Complexo arquitetônico e paisagístico da Pampulha e foi inaugurado em 21 de maio de 2004.

---

<sup>5</sup> A definição de Design Universal conforme o Centro de Design Universal da Carolina do Norte é a concepção de ambientes ou produtos para serem utilizáveis pela maior extensão possível de pessoas, sem necessitar de um desenho específico para determinado grupo ou adaptação.

<sup>6</sup> Para denominar o Parque Ecológico Promotor Francisco Lins do Rego será utilizada, ao longo do trabalho, apenas a expressão Parque Ecológico da Pampulha, forma que é comumente adotada pela população da cidade para denominá-lo.

Fica localizado às margens da Av. Otacílio Negrão de Lima, número 6061 e já chegou a receber 5.000 (cinco mil) pessoas nos finais de semana à época de sua inauguração. Administrado pela Fundação Zoo-Botânica o parque funciona de terça a quinta, apenas para visitas agendadas e monitoradas, e de sexta a domingo para o público em geral, das 8:30h às 17h.

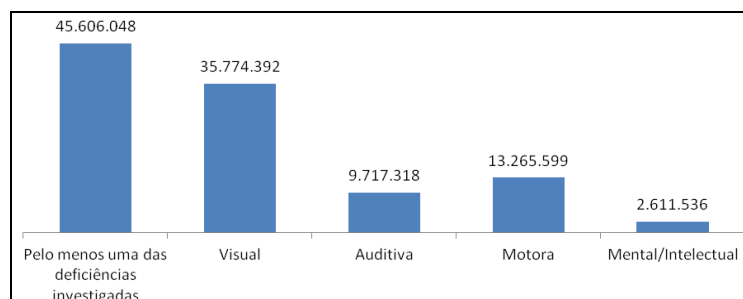
O surgimento da área de 30 hectares (ou 300 mil metros quadrados) que forma o parque artificial se deu a partir de 1979, quando foi realizada a primeira dragagem do material de sedimentos da Lagoa da Pampulha e que, juntamente com outras limpezas, ocasionou em 1989 na junção de três ilhas.

O projeto do parque é de autoria dos arquitetos Gustavo Penna, Álvaro Hardy e Mariza Machado Coelho. Com características pouco comuns em parques no Brasil, tem como proposta oferecer aos usuários uma interface direta para uso do ambiente, onde por exemplo, o gramado pode ser pisado e utilizado para o lazer, descanso e contemplação da natureza (PBH, 2007).

### **1.3 Justificativa e relevância do tema**

Diante da eventualidade de ocorrência de deficiências variadas, e com o crescimento constante da população idosa, promover a acessibilidade em espaços públicos de lazer se torna a cada dia mais necessário ao passo que o entendimento de sua complexidade progride.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, já são mais de 45 milhões de pessoas com alguma deficiência no Brasil (GRÁFICO 1) e a tendência é que os números aumentem acompanhando o envelhecimento populacional.



**GRÁFICO 1 – População residente por tipo de deficiência<sup>7</sup> - Brasil - 2010**  
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Devido à contemporaneidade do assunto, é necessário o aprofundamento das discussões em torno do tema como forma de elucidar os obstáculos à promoção da acessibilidade e de se propagar a importância e a urgência da aplicação de práticas inclusivas no cotidiano das cidades.

O Parque Ecológico foi escolhido por ser um dos mais novos parques da cidade, que fora projetado após a criação da legislação específica para a acessibilidade.

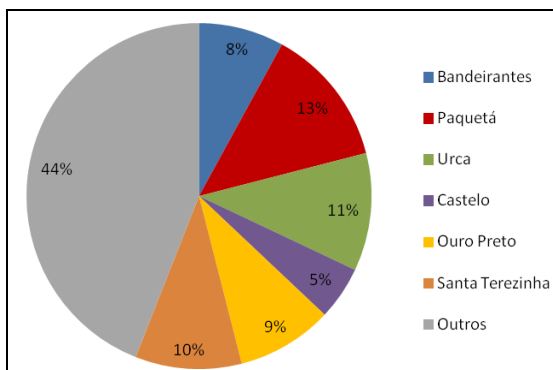
Este parque se difere da maioria dos outros parques urbanos de Belo Horizonte, pois ele não surgiu de uma área natural e intocada que passou a ser preservada para depois se tornar um parque. Mas, desde a sua origem, foi pensado para se tornar um parque aberto ao público, como parte das obras de revitalização da Lagoa da Pampulha que estava em processo acelerado de assoreamento.

Ou seja, ele não é um parque no qual as instalações, equipamentos e pessoas tiveram que obrigatoriamente se adequar à geografia e condições originais dele. Pelo contrário, lá a natureza foi de certa forma “manipulada” para originar a sua área e estrutura, o que gera uma expectativa de que os espaços possam ser mais acessíveis.

Além disso, o Parque Ecológico da Pampulha tem público bem variado, com frequentadores de diversos bairros da região da Pampulha e de outras regiões da cidade, como pode ser visto no gráfico 2. Esta característica lhe confere mais

<sup>7</sup> Algumas pessoas declararam possuir mais de um tipo de deficiência. Por isso, quando somadas as ocorrências de deficiências, o número é maior que 45,6 milhões, que representa o número de pessoas, não de ocorrência de deficiência (IBGE, 2010).

relevância no que se refere à possibilidade de verificação de situações comuns e representativas de outros locais onde se verifique o público-alvo da pesquisa, as pessoas com problemas de mobilidade.



**GRÁFICO 2** – Distribuição dos usuários do Parque Ecológico da Pampulha quanto ao bairro onde moram  
Fonte: TEIXEIRA, 2007.

Compreender a dinâmica de funcionamento de parques públicos e entender as necessidades e o comportamento dos usuários, pode ser um meio para a criação e manutenção de espaços acessíveis, favoráveis à convivência entre as pessoas, que respeitem a diversidade de seus usuários e estimule a interação entre os mesmos. Os resultados deste trabalho poderão, ainda, servir como orientação para novas pesquisas relacionadas à acessibilidade em espaços públicos de lazer.

## 1.4 Objetivos

### 1.4.1 Objetivo geral

Verificar se condições de acessibilidade podem determinar comportamentos e influenciar na qualidade da interação social de usuários com problemas de mobilidade em parques públicos.

### 1.4.2 Objetivos específicos

- Identificar os espaços do parque com maior e menor concentração de usuários;

- Observar o comportamento dos usuários no parque, salientando as diferenças em relação a determinados padrões de comportamento;
- Avaliar como é a qualidade da interação dos usuários com problemas de mobilidade;
- Identificar quais características dos parques urbanos podem influenciar no comportamento dos usuários, estimulando-os ou inibindo-os no uso do ambiente;

### **1.5 Questionamentos e Hipóteses**

Considerando que a acessibilidade em parques públicos possa influenciar e em alguns casos determinar o comportamento das pessoas, como por exemplo, fazer que uma pessoa permaneça em determinado espaço por não ter condições de acessar outros, ou que só realize determinadas atividades ao invés de outras facilmente ao alcance da maioria das pessoas, especulou-se que a acessibilidade também pode influenciar na qualidade da interação social dos usuários com problemas de mobilidade.

Pode ser que, quanto mais acessíveis forem os espaços do parque, e quanto maior seja a diversidade de pessoas que estejam acomodadas nesses espaços, maiores podem ser as oportunidades de interação social entre as pessoas, independentemente dos problemas de mobilidade. Dessa forma, chegou-se às seguintes hipóteses:

- As condições verificadas nos locais projetados com acessibilidade que aumentam a distância e tempo de percurso interferem na interação social das pessoas com problemas de mobilidade.
- Pessoas com problemas de mobilidade não se limitam aos locais especificamente planejados para acessibilidade e utilizam o parque, independente do espaço ser plenamente acessível, mesmo com problemas de interação social.

- Certos setores do parque mesmo tendo sido planejados para acessibilidade, de acordo com as normas da ABNT, não favorecem a interação social de pessoas com problemas de mobilidade.

## 2. LAZER E ACESSIBILIDADE NO ESPAÇO PÚBLICO

### 2.1 A importância do lazer no processo de inclusão

Além de se ter um lugar para morar e de se ter um trabalho para prover as necessidades de alimentação e moradia, as pessoas em sociedade buscam pelo lazer e necessitam dele como forma de escape para as tensões do cotidiano e da vida agitada dos centros urbanos.

Medeiros (1975), ainda afirma que o lazer<sup>8</sup> tem como principal característica a liberdade. Cada pessoa usufrui desse tempo livre a seu modo, buscando preencher os vazios de sua existência e assim encontrar um equilíbrio entre a própria vida com o que lhe falta na profissão. O lazer não é simplesmente tempo de sobra, mas uma oportunidade para o indivíduo manifestar de forma espontânea o seu modo de ser.

Joffre Dumazedier, um sociólogo francês, definiu o lazer como:

[...] Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1973, p.34).

Para Bramante (1998, p. 9), o lazer “se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço”.

Dessa forma, o lazer pode ser considerado um fator de integração do homem na sociedade, através de contatos espontâneos proporcionados por ele e em momentos de alegria e relaxamento, favorecendo o convívio entre pessoas diferentes, fortalecendo a coesão da sociedade e a sensação de pertencimento à mesma no indivíduo que usufrui do lazer.

---

<sup>8</sup> O termo vem de “*licere*, ser permitido” (MEDEIROS, 1975, p. 101).

Cresce o entendimento do lazer como busca da dignidade e do respeito ao sujeito como cidadão, e com isso, sua compreensão como campo de humanização das relações, dando mais sentido aos fatos e valor aos desafios como temperos da vida (PINTO *et al*, 1998, p.18).

“[...] na sociedade moderna o lazer aumentou e subiu a uma posição de relevo. De privilégio de alguns passou a necessidade de todos, perdendo o trabalho a sua tradicional marca de maior interesse da vida”, (MEDEIROS, 1975, p.61).

Muitas pessoas que trabalham em funções que não lhes dão prazer, têm no lazer a sua forma de realização pessoal e de divertimento, quando o trabalho para elas é apenas uma fonte de renda e um meio para se conquistar o tão desejado tempo livre para desempenhar as atividades que realmente gostam.

Se para todas as pessoas é importante decidir como utilizar esse tempo livre conquistado, para as que lidam com alguma deficiência ou problema de mobilidade, o lazer é ainda mais relevante, como afirmam Meneghetti e Sampaio (2005, p. 281), por suas possibilidades de “proporcionar uma melhor qualidade de vida e sua inclusão social, contribuindo para superar marginalizações, segregações e preconceitos”.

O lazer é, portanto, direito do cidadão<sup>9</sup>, e através dele o indivíduo mantém uma postura criativa e participativa, se integrando aos grupos sociais e possibilitando as transformações de seu meio.

No entanto, como afirma Vieira (2005), apesar de o lazer ser um direito constitucional, observa-se que em alguns espaços onde ele é oferecido, as pessoas com deficiência ou problemas de mobilidade se deparam com diversos obstáculos para usufruir dele, por falta de informação nos locais, pelas dificuldades de acesso físico e/ou pelas inadequações dos equipamentos e instalações.

Reconhecer que através do lazer é possível incluir socialmente a pessoa com deficiência é um primeiro passo para que se possa pensar nas formas de oferecer o

---

<sup>9</sup> A Constituição Brasileira de 1988 trata o lazer como um dos direitos sociais no Título II, Capítulo II, Artigo 6. E no Título VIII, Capítulo III, Seção III, Do Desporto, no Artigo 217, no último parágrafo do item IV – “O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social” (BRASIL,1988).

lazer e de constituir seus espaços, promovendo a facilidade de acesso e de utilização para todas as pessoas.

Por este e outros motivos já citados, não se pode negar a importância do lazer que deve ser uma preocupação para os governos como uma importante ferramenta na promoção de qualidade de vida para a população. Ainda conforme Medeiros (1975, p.54):

O aumento do tempo livre (conseguido pela máquina e estendido pela maior duração da vida), a disseminação das novas maneiras de ocupar o tempo (propiciada pelos meios de comunicação em massa), as tensões na vida de uma sociedade em acelerada mudança (onde a competição sobrepõe) e o rápido desenvolvimento urbano das últimas décadas aguçaram nos responsáveis pelo bem-estar da coletividade a consciência do potencial do lazer.

Bruhns (1992, p. 274), também reforça a ideia de Medeiros no que concerne às potencialidades do lazer:

O lazer tem por objetivo manter a continuidade do processo de desenvolvimento social das pessoas, a continuidade da realização prática de si mesma, da auto-realização através do trabalho que possibilita a realização e a expressão das possibilidades internas, numa construção do seu eu socialmente evoluído.

Por tantos aspectos positivos citados aqui, o lazer é importante para as todas as pessoas na sociedade e tem um caráter profundamente inclusivo quando possibilita que pessoas com deficiência interajam com outras pessoas independentemente dos problemas de mobilidade, dando-lhes a oportunidade, durante a prática do lazer, de se desvencilharem de um cotidiano repleto de barreiras e dificuldades.

## **2.2 Das garantias de acessibilidade x acessibilidade total**

Considerando um parque urbano, onde há áreas de lazer e espaços de convivência de uso livre para a população, espera-se que tais espaços sejam integrados<sup>10</sup> e

---

<sup>10</sup> Os espaços integrados são aqueles em que há o intercâmbio entre ambientes de interesse geral, estimulando o compartilhamento e convívio entre as pessoas. Os espaços integrados se diferem dos espaços segregados, pois nestes a experiência acontece de forma isolada ou em situação paralela

dotados de condições para que todos os usuários possam usufruir de iguais oportunidades de socialização.

O Decreto Federal 5296 de dezembro de 2004, determina no Artigo 10 que tanto a criação quanto a implantação dos projetos arquitetônicos e urbanísticos “devem atender aos princípios do desenho universal, tendo como referências básicas as normas técnicas de acessibilidade da ABNT, a legislação específica e as regras contidas no próprio Decreto”, e no Artigo 15 fica estabelecido que “no planejamento e na urbanização das vias, praças, dos logradouros, parques e demais espaços de uso público, deverão ser cumpridas as exigências dispostas nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT”.

No entanto, a própria legislação vigente em nosso país, que determina as condições gerais de acessibilidade, dá margens para a possibilidade de criação de espaços segregados, uma vez que sua definição não considera a acessibilidade em sua totalidade.

O mesmo Decreto Federal 5296, em seu Artigo 8º, considera que acessibilidade é:

- I - acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;
- II - barreiras: qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação.

O fato de o Decreto 5296 indicar que as condições de utilização devem prever segurança e autonomia<sup>11</sup> mas que podem ser totais ou assistidas, o termo “assistida”, demonstra que a acessibilidade é tratada de forma parcial, predispondo a

---

de convívio em relação à maioria dos usuários do local, quase sempre sem autonomia e independência pessoal (WWW.ADAPTSE.ORG, 2010).

<sup>11</sup> “Trata-se do poder de decisão de um indivíduo”. Muitas vezes é confundida com a independência, ter autonomia é ter condições de exercer uma ação para decisões ante os problemas de ordem pessoal e ambiental. Logo, mesmo dependendo de alguém para alcançar seus objetivos, a pessoa ainda participa ativamente na vida em sociedade se sua autonomia é preservada (WWW.ADAPTSE.ORG, 2010).

existência de espaços parcialmente acessíveis e que tendem a gerar situações de segregação.

Outro fator importante de se ressaltar é a geração de conflito entre o exercício da autonomia de cada indivíduo e a condição de acessibilidade assistida, pois se o objetivo é a utilização de forma autônoma, logo essa não deve ser assistida, salvo em condições em que não haja outra possibilidade.

Os usuários do parque com problemas de mobilidade (que tenham dificuldades para acessar determinados espaços, ou mesmo tendo dificuldades em desempenhar tarefas nele) podem ter o convívio social comprometido por não terem as mesmas oportunidades de acesso que outras pessoas têm ou por não realizarem atividades em espaços compartilhados, como consequência não tendo interação social plena.

Caso os espaços no parque forem integrados, a existência de rotas acessíveis<sup>12</sup> e de condições para realização de atividades por um espectro abrangente de usuários e o intercâmbio entre ambientes de interesse geral, podem favorecer o compartilhamento do espaço e o convívio social.

Particularmente para elas (pessoas com deficiência), a acessibilidade ao espaço é um dos itens de maior importância para o pleno respeito de suas individualidades. [...] A prática tem mostrado que algumas limitações e incapacidades na vida de uma pessoa com deficiência advêm da inadequação do meio e da falta de oportunidades de que dispõe a comunidade em geral (RESENDE, 2003, p. 41).

Resende aponta a importância da acessibilidade como um dos principais fatores para o respeito da individualidade das pessoas com deficiência. Duarte e Cohen (2010), pesquisadoras do Núcleo Pró-acesso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, ressaltam porém que, em suas pesquisas, puderam perceber que eliminar barreiras apenas, nem sempre trazia a satisfação plena das pessoas no uso dos espaços estudados. As autoras acrescentam ainda:

---

<sup>12</sup> De uma rota acessível subentende-se um caminho claro e bem definido que conecte todos os espaços e recursos acessíveis de um local. Presume-se então que não deve haver degraus ou escadas numa rota acessível, que seja previsto o trajeto mais curto possível e que o conjunto de instalações do espaço deve estar no mesmo nível de todas as pessoas ou em níveis conectados por rampas ou elevadores, possibilitando o acesso de todos (MACE *apud* LUSHER e MACE, 1989).

De fato, ao olhar para a questão da inclusão através de um prisma interdisciplinar, compreendemos que, para se sentirem incluídos, os usuários dos ambientes construídos não precisam apenas de acesso (em seu sentido *stricto*) mas precisam desenvolver afetos pelo Lugar<sup>13</sup> [...] espaços inacessíveis para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida dificultam os processos de afeto e sua construção do Lugar, impedindo muito mais do que o acesso, já que interferem na sua construção identitária e na sua relação com o outro (DUARTE e COHEN, 2010, p. 81-82).

Portanto, além da acessibilidade que gera rotas acessíveis que proporcionam ao usuário realizar um trajeto com o mínimo de esforço e com máximo de segurança, e por fim chegar até o local desejado, é importante pensar nas atividades que ele pode realizar naquele espaço e transformá-lo num significado de lugar, de forma que qualquer pessoa tenha a opção de usufruir das áreas disponibilizadas no parque independente de sua condição física.

Mais do que desempenhar tarefas, ter a oportunidade da interação social com outras pessoas, através dessa autonomia conquistada e de poder decidir que espaços utilizar e de que forma fazer uso deles, torna o indivíduo presente nos meios sociais e se sentindo parte dele.

A NBR 9050:2004 traz considerações genéricas no que se refere à acessibilidade em parques. No item 8.5.3, que abrange parques, praças e locais turísticos, se menciona apenas que:

8.5.3.1 Sempre que os parques, praças e locais turísticos admitirem pavimentação, mobiliário ou equipamentos edificados ou montados, estes devem ser acessíveis.

8.5.3.2 Nos locais onde as características ambientais sejam legalmente preservadas, deve-se buscar o máximo grau de acessibilidade com mínima intervenção no meio ambiente.

8.5.3.3 O piso das rotas acessíveis deve atender às especificações contidas em 6.1.1.

8.5.3.4 Pelo menos 5%, com no mínimo uma, do total das mesas destinadas a jogos ou refeições devem atender a 9.3. Recomenda-se, além disso, que pelo menos outros 10% sejam adaptáveis para acessibilidade.

8.5.3.5 Quando se tratar de áreas tombadas deve-se atender a 8.1.

---

<sup>13</sup> A palavra lugar está grafada com letra maiúscula no texto original, no qual as autoras justificam tal grafia devido a importância conceitual dada à palavra no artigo.

O item 8.5.3.1 que é uma exigência, é elaborado com as expressões “devem ser acessíveis” e “sempre que admitirem”. A exigência, nesse caso, torna-se relativa e pode ser considerada de forma subjetiva por quem projeta os espaços, visto que não há encaminhamentos da norma no se refere a “ser admitido”.

O texto ainda trata de “máximo de grau de acessibilidade com mínima intervenção no meio ambiente” para lugares em que as características ambientais têm preservação legal, sem explicitar com clareza quais são os graus de acessibilidade ou uma referência do que seria um mínimo de intervenções que devem ou podem ser feitas, restando a quem projeta os espaços a utilização do bom senso e a busca por informações adicionais sobre a acessibilidade e o desenho universal para definir as melhores soluções.

Esta falta de detalhamento sobre mecanismos de aplicação do desenho universal nos instrumentos legais e normativos é evidente e incômoda para profissionais que os desconheçam por outros meios. Contudo, esta lacuna de informação pode ser considerada mais um benefício do que uma falha em função da natureza do processo de controle da atividade construtiva. [...] Por outro lado, é importante aqui registrarmos certas impropriedades nos termos da legislação e das normas técnicas, os quais definem aspectos contraditórios ao longo dos respectivos conteúdos em exigências que podem prejudicar os processos de inclusão e o design universal (GUIMARÃES, 2009, p.90).

Uma interpretação errônea ou limitada dos recursos e recomendações contidas na lei pode prejudicar os usuários que deveriam ser beneficiados por tais condições e ocasionar na segregação das pessoas com deficiência e com mobilidade reduzida.

Por exemplo, se as trilhas acessíveis de um parque forem projetadas na largura mínima prevista pela legislação, elas podem impedir que uma pessoa que utilize cadeiras de rodas compartilhe o trajeto com outras pessoas, fazendo que a mesma permaneça isolada pelo fato de a trilha não comportar mais pessoas ao mesmo tempo.

Outro exemplo de uma situação em que há segregação pela interpretação limitada da legislação, é a criação de acessos específicos para determinado grupo de usuários. Como a criação de uma rampa deslocada da entrada principal para pessoas que utilizam de cadeira de rodas, nesse caso, mesmo que o acesso tenha

sido provido seguindo aspectos dimensionais previstos na norma, a pessoa que depende de utilizar este recurso fica isolada das outras e não pode utilizar o acesso principal à edificação.

Por isso, além de se fazer cumprir a norma, é preciso ir além para que alcancemos a acessibilidade total, daí a necessidade de os profissionais de se instrumentarem por fontes adicionais de informação.

Ao se buscar a acessibilidade total é importante também ter um olhar diferenciado em relação à questão da deficiência, pois se consideramos que a deficiência não é da pessoa e sim dos espaços que não se adaptam à diversidade de seus públicos, passam a ser possíveis ambientes mais inclusivos que considerem a diversidade de usuários. Duarte e Cohen (2010, p. 82), compartilham desse pensamento com outros estudiosos:

A exemplo de diversos autores dedicados ao assunto, temos buscado também fugir dos enfoques que tratam a deficiência como sendo falta de habilidade de certas pessoas e procuramos, ao contrário disso, mostrar que muitas vezes é o espaço quem é o “agente deficiente”, uma vez que muitos ambientes não são capazes de acolher todos os seus usuários de forma eficaz.

Se passarmos a tratar a relação da acessibilidade com o comportamento de socialização, é preciso deixar claro que, mesmo numa tentativa de se fazer o espaço mais acessível possível e com isso gerar condições para que a interação social aconteça, a acessibilidade hoje não é uma questão completamente resolvida e nem se pretende aqui levar a crer que os problemas de são de fácil solução.

Como afirma Guimarães, (1998, p.3), a “acessibilidade ambiental é um processo dinâmico que devemos compreender de modo a obtermos soluções de Design Universal”.

“A Acessibilidade com “A” maiúsculo é alcançada quando os espaços são convidativos, fáceis de percorrer, fáceis de entender, atrativos e, acima de tudo, são promotores de encontros e convívio com o Outro” (DUARTE e COHEN, 2010, p. 86).

Devemos compreender portanto que existem “diferentes níveis de recursos ambientais” que determinam que alguns espaços são mais acessíveis que outros e que ambos podem evoluir. Tal evolução é que nos conduzirá à verdadeira inclusão “como sendo um processo de todos para todos” (GUIMARÃES, 2009, p.94).

A acessibilidade deve ser encarada como parte do processo de desenvolvimento de uma sociedade inclusiva, pois gera possibilidades de acesso aos meios sociais para pessoas antes excluídas deles. E além de garantir o acesso, quanto mais avançarmos, outro objetivo maior deve ser alcançado: o de não destacar ou identificar determinadas pessoas com base em suas diferenças, pois só assim elas serão incluídas de fato.

### **2.3 Espaços públicos de lazer acessíveis e sua importância na vida cotidiana contemporânea**

Os espaços públicos de lazer<sup>14</sup> das cidades são de extrema importância para o desenvolvimento saudável da vida em sociedade, uma vez que direcionam as pessoas quanto ao que fazer em seu tempo livre, sendo uma possibilidade de integrá-las ao meio social.

São importantes também para o fortalecimento da sociedade democrática, pois nesses espaços as pessoas são livres para compartilhar ideias e experiências e para se expressar como indivíduos diante da coletividade, salientando que essa “liberdade de expressão” deve ser norteadas por comportamentos socialmente aceitáveis, sem que interfira no direito do outro, noção que só pode ser apreendida por uma pessoa que usufrui e faz parte dos meios sociais.

“Nas pequenas comunidades, que antes eram regra, todos se conheciam, podendo cada qual sentir bem a sua identidade dentro do grupo e assim alcançar satisfação pessoal”, (MEDEIROS, 1975, p. 84).

---

<sup>14</sup> Entende-se como lazer a definição dada por Medeiros (1975, p.03), que o trata como “espaço de tempo não comprometido do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida”.

No entanto, o crescimento acelerado e desordenado das grandes cidades traz consigo além dos problemas de aumento da criminalidade, do vandalismo e do uso de drogas pela população que fica marginalizada, o distanciamento entre pessoas que, mesmo fazendo parte de uma grande massa, se sentem solitárias e vivem isoladas quando em outra época poderiam conviverem e se ajudarem.

Manley (2011), ao tratar em seu artigo do problema do excesso de veículos nas ruas que impedem a livre circulação de pessoas, afirma que a diminuição dos espaços para socializar, particularmente em sociedades nas quais o envelhecimento da população é tendência e cada vez mais as pessoas moram sozinhas, é um desenvolvimento preocupante e pode até ser um fator contribuinte para os níveis crescentes de problemas de saúde mental entre a população de países, como os Estados Unidos e o Reino Unido.

Nesse contexto, os parques públicos podem representar um ponto de encontro entre as pessoas de uma mesma comunidade, no qual elas compartilham experiências e aprendem a valorizar sua própria cidade e a se sentirem parte importante dela.

Democratizar o lazer implica em democratizar o espaço. [...] E se a questão for colocada em termos de vida diária da maioria da população, não há como fugir do fato: o espaço para o lazer é o espaço urbano. As cidades são os grandes espaços e equipamentos de lazer (MARCELLINO *et al.*, 2007, p. 16).

Para as pessoas com algum tipo de deficiência ou problema de mobilidade, ter acesso aos espaços públicos de lazer e ter a chance de decidir como realizar atividades em comum com outras pessoas que não tem o mesmo problema, é de extrema importância para se sentirem cidadãos, com os mesmos direitos da maioria e, principalmente, para demonstrar sua participação e força na sociedade.

Por esses aspectos determinantes na vida em sociedade e, por consequência, na vida de cada indivíduo, os espaços públicos de lazer precisam ser acessíveis para todas as pessoas, independente de condição física, idade, sexo ou classe social. Se esses espaços continuarem a ter uso segregado ou forem inacessíveis, a igualdade de oportunidades não será garantida e a sociedade inclusiva não existirá de forma plena.

Para Lerner *apud* Abrahão (2008), moradia, trabalho e lazer deveriam estar estreitamente conectados para promover o encontro entre as pessoas, pois para ele essa é a função urbana da cidade.

Tratando do encontro entre pessoas, ele ocorre de forma mais restrita dentro das residências e dos locais de trabalho, pois tais encontros se limitam quase sempre às mesmas pessoas e aos mesmos hábitos de vida. Esses locais privados da cidade levam consigo as características dos indivíduos que deles fazem parte e não costumam apresentarem opções de mudanças nas atividades cotidianas.

Num espaço de lazer público é diferente, qualquer pessoa, independente de seu nível socioeconômico ou da atividade que desempenhe em seu trabalho, pode compartilhar ambientes e tarefas em comum com outras pessoas que não fazem parte de seu círculo social.

É no espaço público de lazer, fora do mundo particular das residências ou dos locais de trabalho, que pessoas com diferentes necessidades e de diferentes famílias, idades, profissões ou religiões, convivem com a diversidade e aprendem a respeitá-la, e o respeito à diversidade é imprescindível para que se garanta igualdade de oportunidades para todos na sociedade. E no caso dos parques públicos, além da possibilidade de convivência com o outro, as pessoas ainda têm a oportunidade de usufruir do contato com a natureza e de serem estimuladas e convidadas a desempenharem novas atividades e desenvolverem novas habilidades.

Camargo (1998), afirma que uma pesquisa realizada em 1996, na cidade de São Paulo pelo SESC (Serviço Social do Comércio), constatou a preferência das pessoas por espaços abertos e áreas verdes, quando 70% dos entrevistados declararam fazer uso das áreas verdes para o lazer, sendo os parques urbanos os mais frequentados para este fim.

Olivares *et al.* (2005, p. 158) reforçam esta ideia ao assinalar que “[...] as áreas verdes são de grande importância para as grandes cidades. Estas áreas valorizam o

ambiente, além de proporcionar espaços para atividades de lazer, turismo e educação ambiental”.

Por isso os parques urbanos têm muita importância como espaços públicos de convivência e lazer para a população de grandes centros urbanos como Belo Horizonte.

Por serem espaços nos quais é possível a permanência mais longa, devido às suas dimensões e à diversidade de atividades oferecidas, costumam ser a opção de lazer de grande parte da população que busca aproveitar seu tempo livre, mas não deseja ou não pode se deslocar para fora da cidade. Sendo ainda um local onde as pessoas podem ser educadas ambientalmente, aprendendo a preservar e a respeitar a natureza.

“Muitas vezes a solução não está na construção de novos equipamentos, mas na recuperação e revitalização de espaços, destinando-os a sua própria função original, ou, com as adaptações necessárias, a outras finalidades” como afirma Marcellino (2005, p. 168).

[...] a observação do uso dos equipamentos de lazer tem nos levado a constatações de inúmeros casos de “adaptações”, ou de “novos usos”, pela população, diferentes daqueles para os quais foram planejados, o que exigiria uma postura diferenciada dos animadores, ou uma nova forma de planejamento de equipamentos mais participativa, de acordo com as aspirações da população, diga-se de passagem, em consonância com o próprio conceito de lazer (MARCELLINO, 2005, p.170).

Para Lia Diskin (que é co-fundadora da Associação Palas Athena<sup>15</sup>), ao tratar da riqueza na vida social afirma que:

[...] a qualidade de vida pessoal, institucional ou social depende em grande escala da capacidade de se relacionar com o outro (diferente), o entorno e o planeta de maneira respeitosa e responsável, promovendo o legítimo direito de oportunidades para usufruir os bens naturais e culturais de que todas as

---

<sup>15</sup> Fundada em 1972, é uma organização da sociedade civil e sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública por órgãos oficiais, que promove e agencia projetos em diversas áreas como Educação, Saúde, Direitos Humanos, Meio Ambiente e Promoção Social, tendo como finalidade aprimorar a convivência humana por meio da aproximação de culturas e articulação dos saberes (PALASATHENA.ORG.BR).

comunidades humanas têm disponibilidade ao longo da nossa história (DISKIN, 2000, p.37).

“Nas grandes cidades, as pessoas buscam áreas abertas (praças, parques, etc.), pois sentem a necessidade de estar em contato com o meio ambiente”, (MARCELLINO, 2007, p.24).

“Eis porque alguns grandes parques, espalhados pela cidade, tornam-se polos centralizadores de verdadeiras multidões” (SANTINI, 1993, p.44).

E é pelas necessidades de se relacionar com o outro e de se ter contato com a natureza, como destacado por Diskin e Marcellino respectivamente, que se tem a constatação de Santini, sobre a relevância dos parques públicos como espaços de lazer importantes para a sociedade que se projeta para um futuro mais inclusivo.

Dessa maneira, não só para os governos, mas principalmente para os que mais se envolvem nas proposições de lazer para a população das cidades e quem tem maiores condições de incentivar verdadeiras mudanças, como quem projeta os espaços de parques públicos, é fundamental reconhecer a importância do espaço público e do lazer como promotores da interação entre pessoas e do processo de inclusão.

### **3. ASPECTOS DO COMPORTAMENTO E SUA RELAÇÃO COM A ACESSIBILIDADE**

#### **3.1 Aspectos perceptivos e cognitivos do comportamento**

Um dos pioneiros da psicologia social moderna, Kurt Lewin, em trabalho sobre a Psicologia Ambiental, apresentou a equação  $C = f(P \times A)$ , que deve ser traduzida como “comportamento é função da interação pessoa ambiente” (LEWIN, 1965).

Ou seja, a equação de Lewin indica que o comportamento ou as ações humanas são o resultado da relação entre pessoa e ambiente e que ambos se influenciam mutuamente. Dessa forma, não só a pessoa interfere no ambiente como o ambiente influencia no comportamento da pessoa.

No caso de parques, por exemplo, uma área pode ter sido destinada a determinadas atividades como descanso e contemplação, mas alguns usuários decidem que irão jogar bola nele e para isso modificam o espaço colocando objetos no chão que servirão de marcação para o gol e ocupam boa parte da área para a atividade, inclusive um banco no qual colocam seus pertences.

Em seguida, uma pessoa que usa cadeiras de rodas, chega ao local acompanhada de um amigo, com o intuito de contemplarem a área e de conversarem, mas desistem de sua atividade por se sentirem “ameaçados” ou inseguros com toda a movimentação e acabam deixando do local. Nesse caso, o “novo” ambiente que havia sido modificado pelos primeiros usuários, influenciou no comportamento dos usuários que chegaram depois, desestimulando-os a permanecerem nele.

No entanto se, no mesmo exemplo, por acaso, o grupo de jogadores estivesse próximo a mais bancos que estão sob uma sombra agradável e a pessoa na cadeira de rodas pudesse se acomodar confortavelmente ao lado da pessoa que veio acompanhá-la, as duas poderiam ficar ali e além de conversarem, assistir a uma boa partida.

Tem-se nesses exemplos diferentes formas de influência entre pessoa e ambiente, resultando em diferentes comportamentos. E por isso, é importante para esta pesquisa identificar essas relações entre pessoa-ambiente, e como elas podem determinar os comportamentos dos usuários do parque.

Reis e Lay (2010), abordam a relação entre a área de estudo Ambiente e Comportamento com o conceito de desenho universal (tratado neste trabalho como a acessibilidade total ou design universal), afirmando que, ao levar em consideração a forma como os diferentes usuários percebem e utilizam os espaços de acordo com suas necessidades, tal conceito remete logicamente à relação entre pessoa e ambiente e, portanto, nos torna útil compreender aquela área de estudo.

Intrínsecos à área de estudos Ambiente e Comportamento, o conceito de percepção trata da relação inicial entre o ambiente e seus usuários e dos estímulos provocados por tal ambiente sobre os sentidos dos usuários, enquanto o conceito de cognição inclui também a memória dos usuários, suas experiências passadas, valores e conhecimentos. (REIS e LAY, 2010, p.106)

Ao se orientarem por um caminho, por exemplo, as pessoas incorporam elementos do lugar para reconhecerem o mesmo, num processo de ordenamento espacial, e assim adquirem segurança para então explorar novos caminhos e utilizar outros espaços.

O comportamento espacial das pessoas depende parcialmente das imagens que elas têm da estrutura do ambiente. [...] A capacidade de se orientar, tanto socialmente como fisicamente, é um dos principais contribuintes para a sensação de segurança do indivíduo (LANG, 1987, p. 135).

O processo de ordenamento do espaço, denominado mapeamento cognitivo, é definido como um mecanismo de enfrentamento através do qual a pessoa identifica no espaço, rapidamente e de forma eficaz, onde estão certas coisas valorizadas e como chegar até elas a partir do ponto onde se está. Tal mapeamento depende da capacidade de armazenamento de informações do indivíduo, de suas habilidades de recepção sensorial e do tempo de permanência dele no ambiente (STEINFELD, DUNCAN e CARDELL, 1997).

É através dessa estrutura ambiental percebida pelo usuário que o mesmo construirá seu mapa cognitivo, memorizando os pontos mais marcantes e arquivando-os na memória como referências que lhe servirão de orientação e auxílio numa próxima experiência no mesmo lugar. Os mapas cognitivos são um processo através do qual as pessoas adquirem, armazenam códigos e decodificam as informações de localização relativa e outros atributos do meio físico (LANG, 1987).

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem do meio ambiente, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada e ela está habituada a interpretar informações e a comandar ações (sic). [...] A imagem de um bom ambiente dá, a quem possui, um sentido importante de segurança emocional. Pode estabelecer uma relação harmoniosa entre si e o mundo exterior. Isto é o inverso do medo que deriva da desorientação [...] Na realidade, um meio ambiente característico e legível não oferece apenas segurança mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana (LYNCH, 1960, p. 14-15).

### **3.1.1 O comportamento influenciado pela acessibilidade**

Para entender como a acessibilidade no parque pode determinar o comportamento das pessoas, é interessante saber, por exemplo, quais elementos são mais marcantes para quem frequenta o local e quais comportamentos se repetem em determinadas áreas, ressaltando, quando houver, ações que se destacam de outras observadas como “padrão”. Pois, se o comportamento das pessoas depende em boa parcela das imagens que as mesmas têm da estrutura do ambiente, comportamentos diversos podem significar diferentes formas dessa “visão”.

A abordagem perceptiva e cognitiva na avaliação da qualidade de projetos urbanos e de edificações, ao considerar o usuário de tais projetos, assume, que a qualidade deles está diretamente ligada às atitudes e aos comportamentos de seus usuários, como consequência das experiências espaciais possibilitadas pelos projetos. Considerando que projeto diz sobre a organização espacial para a realização das atividades previstas, não se pode falar em qualidade de projeto ou de projeto qualificado sem saber se as atividades previstas são realizadas de maneira satisfatória (REIS e LAY, 2006, p.22).

Geralmente, as pessoas com deficiência e que vivenciam problemas de mobilidade têm este mapeamento do espaço fragmentado e, por isso, podem se sentir inibidas a realizar determinadas atividades no ambiente, ou até mesmo, coagidas a não

explorá-lo (GUIMARÃES, 1991). A justificativa para este mapeamento fragmentado pode ser o fato de a percepção dessas pessoas em relação aos espaços ser diferente da maioria das outras, em função de sua própria condição física que modifica seu ângulo de visão, a forma que se desloca no lugar e interage com ele. Dessa forma, quanto menos o ambiente for acessível para as pessoas com deficiência, é possível que haja mais dificuldade na construção do mapeamento do espaço.

Como exemplo, se uma pessoa a pé adentra uma área muito arborizada de um parque ela terá referências diferentes de outra que se locomova utilizando cadeiras de rodas ou de outra que use da ajuda de um cão-guia. Mas todas elas, independente de sua condição, produzirão de forma inconsciente esse mapa cognitivo, e é ele que confere a sensação de segurança e confiança ao se utilizar um espaço. Portanto, quanto mais o espaço possibilita que o usuário o vivencie, melhor tende a ser a experiência do usuário e conseqüentemente aumentam sua segurança e confiança.

Como os mapeamentos dos espaços se modificam de pessoa pra pessoa, e de acordo com a condição física e psíquica de cada um no momento em que vivencia a experiência no espaço, as pessoas com problemas de mobilidade podem deixar de desempenhar determinadas atividades no parque por terem dificuldades de identificar todas as áreas e até mesmo de acessá-las. Essas pessoas podem ainda ser influenciadas por experiências anteriores mal sucedidas na utilização dos espaços e por isso se sentirem desencorajadas na exploração dos mesmos, o que afetará as possibilidades de interação social. Mas, se os espaços forem acessíveis e fornecerem condições para que as pessoas com problemas de mobilidade os explorem, o processo de interação social tende a ser facilitado.

O fato de identificar, por exemplo, que um determinado grupo de usuários do parque que não tem problemas de mobilidade, conhece mais áreas e identifica mais elementos dele do que outro grupo que possui tais dificuldades, pode indicar que as pessoas com problemas de mobilidade têm uma visão mais fragmentada de todo o espaço, e possivelmente, porque determinadas áreas são menos acessíveis.

No caso da orientação em parques ecológicos, por exemplo, identificar elementos pode ser muito mais fácil para uma pessoa que caminha sem ter que se preocupar com obstáculos no chão ou sem ter que realizar muito esforço para sua locomoção.

Por isso é importante que os projetos de parques públicos considerem a diversidade de usuários que ele poderá acolher e as diferentes formas de uso do espaço que os mesmos fazem, gerando assim rotas mais acessíveis para todos e elementos que serão perceptíveis para diferentes perfis de usuários.

[...] pode-se dizer que o desenho universal implica num projeto ou ambiente 'capaz' e não 'incapaz' ou 'deficiente', revertendo a ótica da pessoa com deficiência, pois se o ambiente não atende à todos, ele que é 'deficiente' (REIS e LAY, 2010, p.108).

Outros conceitos importantes da área de estudo Comportamento e Ambiente são *affordance* e *behavior setting*<sup>16</sup>.

As *affordances*, (traduzidas por Guimarães, em 2005, como ofertas de acolhimento), são "o que ele [ambiente] 'oferece' ao animal, o que ele 'provê' ou 'fornece', de bom ou de ruim" (GIBSON, 1977, p.127).

São portanto as propriedades de um objeto ou características de um espaço que indicam ao indivíduo como este deve se conectar àqueles e dá possibilidades de ação ao indivíduo independente de sua capacidade de perceber essa possibilidade (SOEGAARD, 2010). Ou seja, é o que o ambiente proporciona ao usuário.

Para Lynch, ofertas de acolhimento no espaço físico têm a ver com a imageabilidade da experiência. Imageabilidade é "aquela qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma forte imagem em qualquer observado" (LYNCH, 1960, p. 9). O autor também vincula imageabilidade de um objeto ou espaço físico com sua legibilidade, "[...] a facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas em um padrão coerente" (LYNCH, 1960, p. 2).

---

<sup>16</sup> Nos estudos brasileiros tem-se preferido não traduzir o termo com o intuito de manter a ideia original do autor da direta relação entre pessoas e ambientes (ELALI, 2006).

Donald Norman (1988), em seu livro “*Design of Everyday Things*”, acrescenta que a oferta de acolhimento deve ser percebida, ou seja, é mais subjetiva do que objetiva e representa uma pista para a função e uso do objeto ou espaço.

O termo *affordance* se refere às propriedades percebidas e reais da coisa, principalmente, as propriedades fundamentais que determinam o quão a coisa pode ser utilizada. [...] *Affordances* fornecem pistas fortes para as operações de coisas. [...] Quando *affordances* são aproveitadas, o usuário sabe o que fazer, só de olhar: nenhuma imagem, etiqueta, ou instrução é necessária (NORMAN, 1988, p.9).

Lynch (1981), acrescenta que a estrutura dos espaços é determinada pela permeabilidade, ou seja, se relaciona ao número de rotas alternativas apresentadas de um ponto a outro, sendo a permeabilidade visual fator preponderante para a assimilação dessas alternativas. A permeabilidade pode ser caracterizada por três aspectos: variedade de atividades acessíveis, a equidade de acesso a distintos grupos da população e o controle do sistema de acessos (LYNCH, 1981).

É relevante, pois, como afirmam Reys e Lay (2006, p.25), “reconhecer a importância do ambiente em determinar oportunidades e restrições em função de suas características”, as denominadas *affordances*, e ainda entender que “diferentes padrões ambientais proporcionam diferentes comportamentos e experiências estéticas”, o que se enquadra no conceito de *behavior setting*.

*Behavior settings* consistem em pequenos sistemas sociais com “um ou mais padrões permanentes de comportamento” restritos por limites de tempo e espaço (BARKER, 1968, p.18), ou seja:

[...] propriedades físicas da configuração de um ambiente, que o capacitam a ser usado de uma forma particular, por determinado grupo de usuários, significando aquilo que o ambiente oferece de positivo ou negativo em função das propriedades físicas de sua configuração, limitando ou estendendo as escolhas estéticas e comportamentais do usuário potencial. (REIS e LAY, 2006, p.25).

*Behavior setting* não é o local em si, mas é o conjunto das relações entre os usuários e o ambiente. Por exemplo, se tratamos de uma área do parque como uma lanchonete, ela em si não é um *behavior setting*, mas se analisamos a lanchonete no

horário de almoço ou então na hora do café do tarde temos *behavior settings* diferentes.

A adequação do espaço, que se manifesta através dos *behavior settings*, determina o grau em que a capacidade e a forma dos espaços e equipamentos se ajustam com o padrão e a quantidade de ações às quais as pessoas geralmente se dedicam, ou que desejam se engajar (LYNCH, 1981).

Conforme Elali (2006), a observação de comportamento permite a coleta de dados não verbais que se referem à relação pessoa-ambiente. Essa observação possibilita uma compreensão anterior sobre a ocupação e faz surgir questões para serem investigadas.

[...] a partir da perspectiva proporcionada pela PA<sup>17</sup>, o projetista deixa de amparar suas decisões apenas na vivência profissional (embora ela continue a ser amplamente valorizada e utilizada em projeção), para se apoiar em dados de realidade os quais podem reforçar algumas de suas percepções iniciais e refutar outras, procedimento que aumenta sua segurança nas intervenções e possibilita o surgimento de produtos realmente adequados aos usuários (ELALI, 2006, p.168).

Com base nesses conceitos, considera-se que o ambiente comunica aos usuários de forma não verbal, e que pode sugerir a eles determinados comportamentos. Por isso, observar o comportamento ambiental das pessoas no parque é fundamental para que se possa compreender o que os espaços comunicam, e como o mesmo ambiente pode transmitir mensagens diferentes para cada perfil de usuário.

Em um momento no qual as exigências técnicas e sociais sobre as propostas de arquitetura e urbanismo têm aumentado, é essencial incorporar as relações pessoa-ambiente à atividade profissional do projetista, contribuindo para o aumento da compreensão dos comportamentos eliciados ou reprimidos pelos espaços por eles produzidos (ELALI e PINHEIRO, 2003 *apud* ELALI, 2006, p.166).

Através dos aspectos citados até aqui fica registrada assim a importância dos estudos que consideram o comportamento dos usuários como fonte de novas indagações e de constantes melhorias nos espaços existentes e nos projetos futuros.

---

<sup>17</sup> Sigla utilizada pela autora para Psicologia Ambiental.

A aplicação dos diversos métodos integrantes da metodologia científica na área Ambiente-Comportamento tem proporcionado a aplicação dos resultados em diversos projetos urbanos assim como em recomendações de projeto (*design guidelines*), que servem como orientações para intervenções que venham a responder satisfatoriamente aos seus usuários, especificando como os espaços podem ser projetados ou melhorados com base em pesquisas anteriores [...] O Central Park, em New York, tem sido estudado e renovado nas últimas décadas através de resultados obtidos em pesquisas aplicadas (REIS e LAY, 2006, p.28).

Ao investigar os comportamentos dos usuários do Parque Ecológico, espera-se portanto, obter dados relevantes que auxiliem na compreensão de como as dificuldades de acesso geradas pelo espaço podem interferir nessa relação da pessoa com o ambiente e como os espaços podem determinar comportamentos.

### **3.2 Comportamento e inacessibilidade: os reflexos sobre a interação social**

Como pondera Guimarães (1991) o simples fato de criar condições para que pessoas com dificuldades de mobilidade utilizem e acessem equipamentos e espaços, pode não contemplar elementos importantes como “o alcance, a funcionalidade, o esforço necessário, a segurança, a organização lógica, a comodidade, proximidade e a privacidade”.

No que tange aos reflexos psicossociais da inacessibilidade sobre o comportamento, nos interessam muito os conceitos de **proximidade** e de **privacidade** que têm muita importância nos processos de interação social.

A privacidade é o processo de regulação do limite interpessoal através do qual uma pessoa ou grupo controla a interação com os outros, resguardando assim as informações sobre sua individualidade, ou seja, regulando suas relações com o mundo social os indivíduos podem tornar-se mais ou menos acessíveis aos outros (ALTMAN e CHEMERS 1984). E a proximidade é uma das formas de intercâmbio dessas informações no processo de interação social.

Dentro do conceito de proximidade, Robert Sommer (1973), distingue a **distância individual** do **espaço pessoal**. O espaço pessoal seria como uma fronteira invisível

que cada pessoa tem em torno de seu corpo e que limita até que ponto outra pessoa pode se aproximar ou aumentar a distância individual sem que isso a incomode. Ou seja, a distância individual pode estar dentro ou fora do espaço pessoal.

Quando o espaço pessoal é invadido, as pessoas tendem a reagir de forma defensiva, como por exemplo, mudando de postura ou se afastando da outra pessoa. É no controle sobre esse ajuste de distâncias individuais que uma pessoa se sente apta e segura para se relacionar com outras ou para compartilhar espaços públicos.

Para pessoas com problemas de mobilidade frequentando espaços públicos pode ser muito difícil definir limites quanto à distância individual que desejam manter de outras pessoas pois, devido à inacessibilidade em alguns espaços, elas podem, ora sentir seu espaço pessoal invadido, quando dependem da ajuda de algum estranho para realizar determinada atividade, ora permanecendo a grandes distâncias individuais mantendo-se isoladas da maioria das pessoas, mesmo sem desejar isso.

O processo de socialização se relaciona com a maneira como os indivíduos se identificam com outros membros de seu grupo social e com a resposta que esse grupo devolve, informando se o indivíduo é considerado parte integrante do grupo ou não. Dessa forma, o prestígio de um indivíduo está relacionado ao controle de sua privacidade, ou seja, o nível de isolamento de seu espaço pessoal e da exposição de sua identidade determinados por ele mesmo, enquanto que a segregação reflete o não reconhecimento de sua identidade (equivale ao anonimato) e da intrusão de seu espaço pessoal (GUIMARÃES, 1991).

Relacionado ao conceito de privacidade está também o de **territorialidade**.

A territorialidade é uma base comportamental peculiar dos organismos vivos, da qual não está excluído o homem (HALL, 1966). Os homens, assim como os animais, também desenvolveram uma valorização do território como seu espaço pessoal, onde o indivíduo domina sua privacidade. O espaço pessoal é algo privado e deve ser respeitado como tal, diferentemente dos territórios públicos.

De um modo geral, as pessoas com problemas de mobilidade têm dificuldades para assumir o controle sobre as condições ambientais para o relacionamento social devido a falta de controle que têm sobre a proximidade com outros indivíduos e sobre sua própria privacidade.

As interações sociais tendem a ocorrer com mais facilidade quando as necessidades sociais das pessoas são equilibradas e elas têm sua autonomia individual, que vem com a privacidade. Uma maneira de se obter privacidade é evitando o contato com outras pessoas e a outra é através do controle territorial. Para as pessoas com deficiência, as barreiras de acesso podem ser como marcadores territoriais que as excluem de lugares valorizados e lhes transmitem a sensação de incapacidade e de inferioridade em relação à população sem deficiência.

O estudo da proxêmica (HALL, 1966), que busca compreender o uso do espaço na interação social, tem demonstrado que a estrutura física do espaço cria cenários<sup>18</sup> para determinados tipos de comportamentos, ou seja, as características do ambiente transmitem mensagens sobre quais tipos de atividades podem realizadas ali e quais pessoas podem utilizá-lo, e tais significados do espaço são percebidos através da tela cultural<sup>19</sup> em que está inserido o indivíduo, logo, culturas diferentes terão atitudes diferentes no uso do espaço.

As pessoas com deficiência podem “ler” as mensagens do ambiente de uma forma diferente se comparadas a outras pessoas da mesma cultura. Além da tela cultural, elas também percebem o ambiente através da “tela fisiológica” (DeLong, 1970).

DeLong ainda sugere que além da tela cultural, para as pessoas com deficiência há também a tela fisiológica, ou seja, essas pessoas têm a leitura das mensagens dos espaços influenciadas pelo funcionamento de seu próprio organismo e pelas limitações que os ambientes impõem a determinadas condições físicas ou cognitivas.

---

<sup>18</sup> Cenários neste contexto são comparáveis aos *behavior settings* definidos por Roger Barker.

<sup>19</sup> Conjunto de informações e experiências relacionadas à cultura em que está inserido o indivíduo e que têm o poder de influenciar e definir padrões de comportamento numa sociedade (HALL, 1966).

Por exemplo, no caso de parques com extensas áreas gramadas, enquanto uma pessoa sem problemas de mobilidade pode interpretar que por ser tão extensa a área gramada ela o convida para pisá-la e a sentir, uma pessoa que utiliza cadeiras de rodas, por sua vez, pode pensar que aquela área não foi feita para que ela a utilize como um piso, fazendo com que ela se afaste ou não usufrua daquele local.

Logo, o ambiente projetado pode ser intimidador ou motivador de determinados comportamentos e pode proporcionar ou não o “ambiente social” que conforme Guimarães é fundamental para que o indivíduo reafirme sua autoconfiança e autoaceitação.

Quando o meio ambiente é muito hostil ou muito ameno, ele inibe o desenvolvimento do potencial criativo da pessoa, a qual deixa de explorar as fronteiras de suas limitações físicas: por outro lado, quando o meio ambiente impõe condicionantes da atividade humana dentro de limites admissíveis à adaptação, o ser humano se sobrepõe aos condicionantes ambientais e se revela perante os demais. Assim, atribui-se ao domínio dos condicionantes físico ambientais, o impulso necessário ao desenvolvimento pessoal (GUIMARÃES, 1991, p. 21).

Conforme Steinfeld, Duncan and Cardell (1977, p. 8) “Design, gestão do espaço, organização social e interação social são, de fato, todas as formas em que os indivíduos e grupos dizem como valorizam os outros e como valorizam a si mesmos”. Por isso, demonstrar competência ambiental confere ao indivíduo uma posição de destaque e valor diante do grupo social.

Competência ambiental é a capacidade de um organismo para interagir efetivamente com seu ambiente. No caso dos seres humanos, essa aptidão para interagir com o ambiente é atingida paulatinamente através de processos de aprendizagem e para que se concretize essa aprendizagem é necessária que haja motivação, ou seja, a competência é obtida a partir do comportamento exploratório (WHITE, 1970).

Quando condições de utilização e de interação social em *behavior settings* são limitadas pela falta de acessibilidade plena, pela falta de espaços integrados, pode ocorrer um ciclo vicioso que desencoraja a pessoa com problemas de mobilidade a explorar o espaço e, por conseguinte, de desenvolver a competência ambiental.

Logo, os conceitos como de privacidade e territorialidade, associados aos já citados de *affordances* e *behavior settings*, se relacionados com o comportamento das pessoas com problemas de mobilidade servem como ferramentas para referência e medição nesta pesquisa.

### **3.3 Para além das garantias de acessibilidade: O Design Universal, um conceito a ser adotado**

Alcançar a acessibilidade total e o design universal pode ser considerado hoje um desafio iminente que deve ser seriamente avaliado pela nossa sociedade. Resolver as questões de acessibilidade, que é o primeiro passo para que se possa almejar o Design Universal, é ainda uma realidade distante, pois apesar da longa história da Arquitetura, e do surgimento do Design no final do século XIX, o advento do Design Universal é muito recente, sendo que, no Brasil, as primeiras evidências de destaque para a questão da acessibilidade tiveram início no final dos anos 80 (PRADO, 2010).

Atualmente, as práticas inclusivas estão em um momento de desenvolvimento em direção ao Design Universal, que representa o topo de uma escala evolutiva e se relaciona ao processo de inclusão através de uma visão diferenciada na criação e execução de serviços, produtos e ambientes, de forma que o maior número de pessoas possa usufruir deles independente de sua habilidade, idade e da presença de necessidades especiais (MACE, 1991).

O Centro de Design Universal da Universidade da Carolina do Norte define o Design Universal como “a concepção de produtos e ambientes para serem utilizados por todas as pessoas, na maior extensão possível, sem a necessidade de adaptação ou desenho especializado” (CONNELL *et al.*1997).

A expressão Design Universal, no entanto, pode gerar certo preconceito nas pessoas que, por desconhecerem seus pressupostos, imaginam que a proposta do mesmo seja encontrar uma única solução, que sendo universal, resolverá todos os problemas, quando na verdade, ele propõe que diversas soluções estejam

integradas e diferentes características dos diversos usuários em potencial sejam consideradas, de modo a propiciar a utilização de um mesmo recurso pelo maior número e perfis de usuários possíveis, ideia esta que se relaciona aos conceitos de flexibilidade e adequação dos espaços citados em capítulo anterior.

De acordo com Ostroff (2011), nos últimos 35 anos, os conceitos sobre deficiência mudaram muito. O Sistema de classificação da Organização Mundial de Saúde, em 2002, deixou de enfatizar o modelo médico, que vê a deficiência como característica da pessoa, passando a dar enfoque no modelo social, que trata a deficiência como resultante da interação entre pessoas e o ambiente.

O fato de essa classificação reconhecer a influência dos fatores ambientais para capacitar ou incapacitar as pessoas, ou seja, a relação do ambiente com o comportamento, destaca o desafio imposto aos projetistas e legisladores. A abordagem da concepção de projetos que antes se limitava a cumprir um código para atender as necessidades específicas de alguns usuários, vem dando espaço, pelo menos nas discussões, para o processo de design inclusivo e para todos.

E, por isso, o conceito de design universal é relevante para esta pesquisa uma vez que ele considera as diferenças entre as pessoas e propõe a universalidade das oportunidades, aspectos que, se transportados para o contexto dos espaços de lazer e de parques públicos, podem estimular os processos de interação social para as pessoas com deficiência ou problemas de mobilidade.

O conceito de design universal foi cunhado pela primeira vez por Ronald Mace em 1989, mas de acordo com Story (2011), por alguns anos o que havia disponível eram apenas critérios de acessibilidade, um tanto quanto limitados. Até que de 1994 a 1997 o Centro de Design Universal desenvolveu uma pesquisa que resultou no lançamento, em 1997, dos princípios do design universal. São eles:

1. **Uso Equitativo:** o design é útil às pessoas com habilidade diversas;
2. **Uso Flexível:** o design considera ampla diversidade de habilidades e preferências individuais;

3. **Uso simples e intuitivo:** o uso do design é de fácil entendimento sem depender da experiência, habilidade ou nível de concentração do usuário;
4. **Informação perceptível:** o design comunica com eficácia as informações necessárias ao uso, independente de condições ambientais ou da habilidade sensorial do usuário;
5. **Tolerância ao erro:** o design deve prever e minimizar consequências adversas de ações acidentais;
6. **Pouco esforço físico:** o design deve ser usado com o máximo de conforto e o mínimo de fadiga;
7. **Tamanho e espaço para aproximação e uso:** o design deve fornecer tamanho e espaço para utilização considerando diversos portes de usuários, posturas e formas de mobilidade.

Os princípios do design universal como uso equitativo e uso flexível, se relacionam aos conceitos de flexibilidade e adequação dos espaços, quanto às variedades e formas de uso e a criação de possibilidades para que diferentes perfis de usuários sejam contemplados pelo projeto.

Os princípios de uso simples e intuitivo e de informação perceptível se conectam à abordagem perceptiva e cognitiva para reconhecimento dos espaços e de como os usuários apreendem as informações a respeito da utilidade de cada espaço e de como se comportar nele, ou, em outras palavras, como percebem as *affordances* e como lidam diante dos *behavior settings*. Trata-se portanto da imageabilidade dos espaços, ou o quanto os mesmos evocam uma imagem forte em qualquer utilizador, e de sua legibilidade, ou facilidade de serem reconhecidos e compreendidos por todos.

Por fim, há os princípios de tolerância ao erro, pouco esforço físico e tamanho e espaço para aproximação e uso, que se relacionam de certa forma com os conceitos supracitados e mais diretamente com um aspecto da permeabilidade dos espaços, que é o controle do sistema de acessos, através do qual as pessoas adquirem confiança e segurança para desenvolver a competência ambiental através do comportamento exploratório nos espaços.

Com base nessas relações, é válido considerar a importância do conceito de design universal como peça chave no processo de evolução e melhoria das características ambientais, e na busca por soluções que atendam satisfatoriamente o maior número de pessoas, principalmente no caso dos espaços públicos de lazer em que a variedade de atividades e de público é uma constante.

O design universal também tem como fundamento que não se pode segregar ou estigmatizar uma parcela da população por esta apresentar limitações cognitivas ou físicas, definitivas ou temporárias. A igualdade de tratamento e de mérito são conceitos chave para o design universal, que prevê que todas as pessoas devem ter as mesmas chances de participar de diversas áreas da vida como o trabalho, a educação e o lazer (ALASKSEN *et al.*, 1997).

Guimarães (2008) afirma que, para que o design universal seja possível, as soluções devem ser pensadas para atender a uma diversa gama de usuários, com alternativas flexíveis e não isoladas, pois ao aplicar uma ideia que contempla apenas uma parcela de usuários, tem-se o ponto crucial para aumentar a segregação entre as pessoas.

Alternativas flexíveis e não isoladas são também defendidas por Bentley *et al* (1987), que afirmam que o uso pode sofrer alteração pela flexibilidade dos espaços, pois ela interfere no grau com que determinado local pode ser utilizado para diferentes finalidades. Quanto mais flexível o espaço for, mais opções de escolha ele proporcionará, aumentando a possibilidade de se atrair diferentes pessoas se comparado a lugares cujos desenhos possibilitam um único tipo de uso.

Então, quanto mais recursos ambientais existirem como alternativas aos diversos perfis de usuários de um espaço, mais elevado este espaço pode ser considerado na escala da acessibilidade, se aproximando do design universal e da eliminação do estigma e da segregação, requisitos importantes para a democratização dos espaços públicos de lazer.

Alasksen *et al.* (1997) afirmam que o ideal da igualdade de status traz à tona uma forma mais consistente do pensamento holístico para a criação de soluções inclusivas. Este é o cerne de um paradigma em mutação. Aparentemente estamos nos movendo de um paradigma reducionista, no qual o foco até então estava nas partes e em soluções especializadas, ao que podemos chamar de um modelo mais holístico.

Story (2011), afirma que apesar de todos os esforços dos pesquisadores em criar um conjunto de princípios de design universal como forma de articular um conceito que englobe a diversidade humana e se aplique em diversas especialidades de projeto, e embora seja reconhecida a utilidade dos princípios, eles devem ser encarados apenas como ponto de partida para o processo de design universal.

Dessa forma, considerar o design universal na busca por soluções significa aprender com o que já foi feito, mantendo o que se tem de positivo e eliminando as falhas para tentar avançar cada vez mais.

Tendo como base todo o referencial teórico tratado nesta pesquisa, iniciou-se a pesquisa de campo propriamente dita. O capítulo a seguir descreve portanto toda a metodologia adotada ao longo da pesquisa seguindo a ordem em que foi realizada.

## **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este trabalho foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica foi realizada no sistema de bibliotecas da UFMG e em ferramentas como o *Google* acadêmico. A pesquisa documental foi baseada em documentos legais como normas e decretos e dados estatísticos. A pesquisa de campo, por sua vez, foi feita em três etapas, que são explicadas a seguir, em sua ordem de realização.

### **4.1 Primeira fase da pesquisa de campo: dados iniciais**

A primeira fase da pesquisa de campo constou de 3 (três) visitas piloto, realizadas em dezembro de 2011, para reconhecimento do entorno e do interior do parque em suas áreas disponíveis, assim como estrutura, equipamentos e atividades. Nessa etapa também foi verificada a existência do público alvo para a realização da pesquisa quando foi possível ver alguns usuários com problemas de mobilidade.

A primeira etapa teve como objetivo a familiarização com toda a extensa área do parque assim como entender a distribuição das atividades no mesmo e como se dava conexão entre suas partes.

### **4.2 Segunda fase da pesquisa de campo: observações e mapeamentos**

Feito o reconhecimento do parque, passou-se à segunda etapa quando foram iniciadas visitas com observação das áreas para registrar a concentração de usuários em cada uma delas e as respectivas atividades realizadas por eles.

Nessa fase era importante identificar quais atividades foram previstas para cada área do Parque Ecológico da Pampulha e avaliar a realização das mesmas em cada espaço de acordo com o perfil de usuário. E, principalmente, identificar as diferenças

de comportamento que se justificassem por possíveis problemas de acessibilidade nos espaços.

A identificação de rotas acessíveis, ou caminhos claros e bem definidos que conectassem os espaços e recursos acessíveis do parque, também orientou a observação.

Foram realizadas 12 (doze) visitas no total, ao longo do ano de 2012<sup>20</sup>. Como dito anteriormente, as visitas só podiam acontecer entre sextas e domingos, quando o parque estava aberto para o público em geral.

Do total de visitas, 2 (duas) chegaram a ser realizadas em sextas feiras, no entanto, verificou-se um baixo movimento de pessoas neste dia da semana se comparado aos sábados e domingos, optando-se então por concentrar as outras visitas aos finais de semanas, sendo, ora no período da manhã, ora no período da tarde. A escolha por quais sábados e domingos era praticamente determinada por questões climáticas, pois nos dias de chuva, por exemplo, eram impossibilitadas as observações e o parque permanecia vazio.

Quanto às visitas terem ficado espaçadas ao longo do ano foi uma tentativa de ter uma visão mais abrangente da distribuição das pessoas nas diferentes áreas do parque em períodos distintos do ano. Esse é o lado positivo, contando que o lado negativo possa ser não ter um dado seguro sobre a variação do número de pessoas em função da época do ano ou estação, apesar de que mesmo não tendo sido registrado, foi possível perceber certa sazonalidade quanto à concentração de usuários que diminuía drasticamente nos dias chuvosos ou frios, impossibilitando a observação.

Para registrar tais observações, foi criado um mapa<sup>21</sup> completo do parque, no qual passaram a ser marcados pontos coloridos mostrando a localização de grupos de

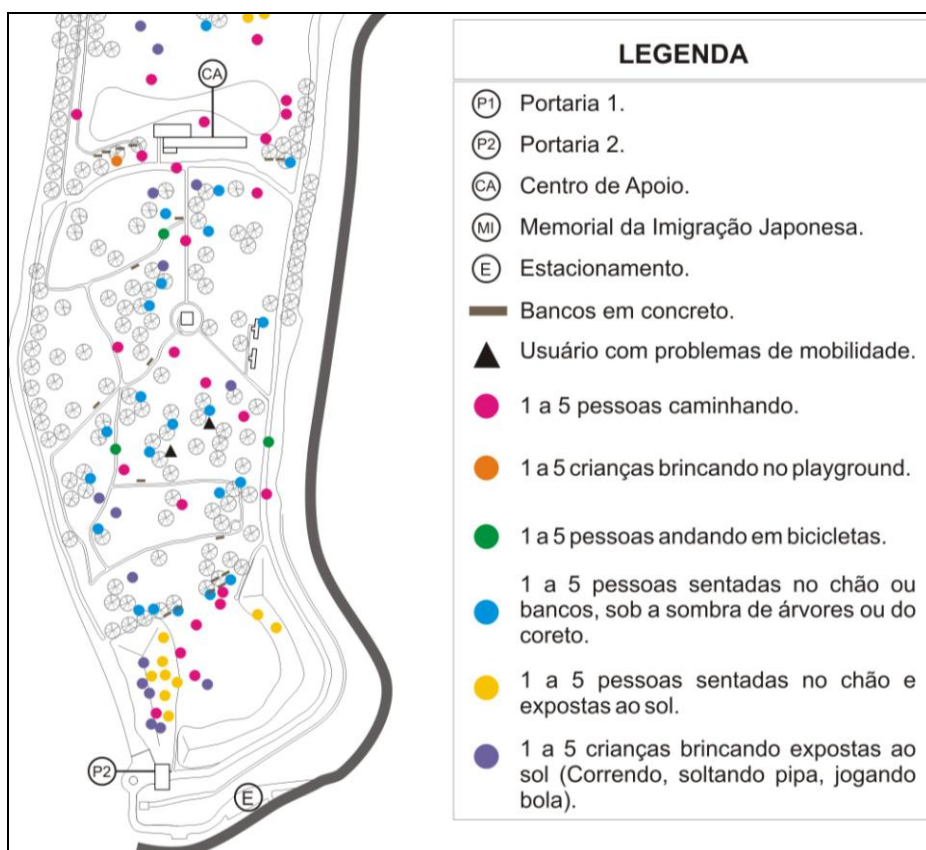
---

<sup>20</sup> Nos meses de janeiro, fevereiro, julho, setembro e outubro. Em períodos muito chuvosos ou muito frios não foram realizadas observações devido à diminuição do público frequentador.

<sup>21</sup> A produção do mapa foi feita a partir de imagem de satélite extraída do *Googlemaps* (2012) que foi posteriormente trabalhada pela autora no software AutoCAD e no CorelDRAW.

usuários e representando a atividade que os mesmos desempenhavam. A figura 1 mostra um modelo de como esses mapas<sup>22</sup> foram confeccionados.

Essa representação gráfica do comportamento e localização das pessoas, ou mapeamento comportamental, é originada a partir da observação sistemática do local (ITTELSON, PROSHANSK e RIVLIN, 1970).



**Figura 1** – Modelo do mapa de concentração de usuários e atividades no Parque  
Fonte: Criado pela autora, 2012.

Esse mapeamento pode trazer informações importantes quanto à utilização do espaço e a distribuição de atividades e, conforme Elali (2006), os dados desse tipo de observação podem impactar em revitalizações e novos projetos quanto a aspectos como divisão de *layout*, as dimensões dos espaços, a escolha dos materiais mais adequados para cada situação, e ainda itens de segurança.

Registros fotográficos de todos os dias de observação auxiliavam na marcação definitiva nos mapas. As fotos foram tiradas de forma panorâmica de cada área e

<sup>22</sup> Todos os mapas podem ser visualizados individualmente no Apêndice A.

assim facilitavam a visualização de todos os usuários presentes e evitavam a contagem ou marcação repetida de pessoas que porventura tivessem se deslocado do lugar no momento da observação.

Confeccionados os mapas de cada dia de observação, eles foram sobrepostos como forma de identificar aspectos relevantes dentre eles: quais áreas eram mais ocupadas, quais atividades mais praticadas e se havia variações desses dados em decorrência do horário do dia, por exemplo.

Ainda durante as observações da concentração de usuários por área e das atividades realizadas pelos mesmos, quando eram avistadas pessoas com problemas de mobilidade, iniciava-se uma observação focada nesses usuários para acompanhar a sua movimentação e comportamento dentro do parque. Nesses casos o mapeamento deixava de ser “centrado-no-lugar”, e passava a ser “centrado-na-pessoa” (SOMMER e SOMMER, 1986).

Como esses episódios observados se destacavam e se diferenciavam dentre os demais e foram observados com mais afinco, nos mapas de concentração de usuários e atividades eles aparecem apenas como ponto demarcando a localização, mas sem determinar a atividade realizada.

A intenção com isso era pois, fazer um novo mapa detalhado que refletisse todo o percurso da pessoa observada, seguido da descrição dessa observação, para quem sabe dessa forma, identificar informações quanto ao comportamento do usuário do parque com problema de mobilidade que poderiam trazer informações quanto às questões de acessibilidade e de interação. Mais adiante serão mostrados esses mapas, seguidos de suas descrições e análises.

### **4.3 Terceira fase da pesquisa campo: realização de entrevistas**

A partir dos dados coletados até essa fase da pesquisa, como os registros fotográficos, anotações das observações e os mapas comportamentais, passou-se à criação de um questionário para a realização de entrevistas.

A aplicação de entrevista do tipo semiestruturada foi escolhida, pois determinadas questões tinham o intuito de tentar confirmar algumas conjecturas, enquanto outras pretendiam revelar algo de inesperado, dando liberdade para que as pessoas pudessem relatar o que lhes viesse à cabeça, sendo possível assim demonstrar novos elementos que talvez não constassem nas observações ou nas respostas com opções pré-determinadas.

Com questões relativas às percepções e avaliações que os usuários têm do espaço e estrutura do Parque Ecológico, passando ao reconhecimento de determinadas áreas que poderiam indicar condições de orientação, seguidas da descrição e escolha de imagens em situações diversas, o questionário<sup>23</sup> foi elaborado com a finalidade de reforçar ou refutar os resultados das observações a fim de se alcançar os objetivos da pesquisa e de se confirmar ou negar as hipóteses levantadas.

A primeira questão da entrevista, tinha como objetivo saber se o entrevistado já esteve no parque outras vezes ou se era sua primeira visita. Esperava-se com essa questão justificar possíveis diferenças de respostas devido à experiência acumulada do usuário em relação ao parque.

Nas questões 2, 3, e 4 os visitantes do parque eram questionados quanto às atividades que foram realizar no parque, se já tiveram dificuldades ou não conseguiram realizar alguma, e sobre qual área do parque mais gostavam. Com essas perguntas seria possível confirmar os dados obtidos quanto às atividades mais realizadas no parque e áreas mais utilizadas, saber da existência de dificuldades para a realização de alguma delas e comparar os dados entre perfis diferentes de usuários.

As questões de 5 a 14 foram elaboradas utilizando-se escalas com o intuito de se mensurar o nível de satisfação, aprovação ou preferência e de desgaste físico dos usuários do parque em relação a alguns aspectos como:

- Satisfação com a distância dos banheiros em relação às portarias:

---

<sup>23</sup> O questionário completo pode ser visto no Apêndice B.

- Satisfação com a eficiência da sinalização do parque para se orientar dentro dele;
- Satisfação com a opção de sentar na grama;
- Aprovação da ideia de haver mesas e bancos para piqueniques;
- Aprovação da ideia de haver pistas para bicicletas e caminhadas separadas;
- Satisfação quanto às áreas de sombra no parque;
- Preferência quanto a andar sobre a grama;
- Preferência quanto a andar sobre o piso intertravado;
- Preferência quanto a andar sobre a areia e seixos;
- Desgaste físico nos deslocamentos dentro do parque;

A questão de número 15, por sua vez, foi elaborada com o intuito de avaliar a percepção dos usuários em relação a ambientes e situações que retratavam as principais atividades feitas no Parque Ecológico, a de caminhar e a de permanecer sentado à grama conversando ou fazendo piquenique.

Foram selecionadas quatro imagens para cada situação, constando de ambientes diferentes, com estruturas diferentes e com ou sem pessoas. As imagens ficavam separadas em um cartão de figuras (APÊNDICE C) que era entregue ao entrevistado. Solicitava-se aos entrevistados que observassem as imagens e as descrevessem. Após a descrição pediu-se que escolhessem uma das situações e que justificassem a escolha.

E, por fim, as duas últimas questões 16 e 17, também realizadas a partir de um cartão de figuras, tinham como objetivo avaliar quais estruturas e áreas do parque eram mais conhecidas e utilizadas.

O cartão continha oito imagens de diferentes áreas e estruturas do parque (VER APÊNDICE C) e solicitava que o entrevistado marcasse as opções que ele tinha familiaridade, e mencionasse dentre os lugares conhecidos ou vistos, quais tinham sido efetivamente utilizados por ele.

As análises das observações e das entrevistas tiveram um viés quantitativo para se obter comparações entre diferentes categorias, mas o que mais interessa nesta pesquisa é a análise qualitativa dos dados.

A amostragem para a coleta de dados através da entrevista considerou usuários com ou sem deficiência aparente, englobando pessoas solitárias ou acompanhadas e com diferentes idades e habilidades. Foram entrevistadas 32 pessoas, definindo-se o número de entrevistados a partir do surgimento da redundância de informações e o aparecimento de informações relevantes, visto que o foco do trabalho é a questão qualitativa no que se refere ao observado ou entrevistado e seu uso do espaço e a interação com outras pessoas.

Pretendia-se portanto, com as entrevistas, identificar as diferenças de percepção dos usuários em relação às áreas do parque e, principalmente, se há diferenças de percepção dos usuários em função de sua condição física para, dessa forma, entender quais contextos podem gerar a inacessibilidade e a segregação para um grupo de pessoas.

#### **4.3.1 Visita acompanhada e entrevista**

Como forma de reforçar e validar as observações e os resultados obtidos com as entrevistas, foi realizada uma visita acompanhada ao Parque Ecológico com uma pessoa que utiliza cadeira de rodas.

O fato de ter sido realizada apenas uma visita não foi uma decisão metodológica e sim uma dificuldade operacional na coleta de dados, o ideal seria um número maior de visitas e com diversidade de usuários, mas de qualquer forma, a visita única foi útil como um mecanismo de exploração dos dados coletados no questionário.

A visita foi feita em um sábado de manhã, em fevereiro de 2013, acompanhando uma moça de 24 anos, que será chamada aqui de Isabela para que se preserve sua identidade.

O objetivo dessa visita era, mais uma vez, observar o comportamento de uma pessoa com problemas de mobilidade mas acompanhando-a para entender como as dificuldades de acessibilidade poderiam influenciar em seu comportamento e beneficiar ou dificultar sua interação com outras pessoas.

O diferencial desse processo em relação ao de observação apenas, realizado anteriormente, é a possibilidade de diálogo com a pessoa durante a utilização do espaço para lhe fazer perguntas e questionamentos sobre seu comportamento, e através das respostas obtidas, reforçar os dados encontrados e guiar a análise dos resultados e conclusão da pesquisa.

Relatados os procedimentos metodológicos, os próximos capítulos trazem a caracterização da área de estudo seguida da análise dos resultados e conclusões da pesquisa.



informações de saúde e bem estar para a população. Nesta porção do parque, o entorno é composto prioritariamente por residências.

Já a segunda portaria, indicada pela seta vermelha, está em frente à “Toca da Raposa” (em azul na figura 1), ponto muito utilizado como referência para localização do parque e que está próximo a bares, restaurantes e casas de festas. Nesta portaria porém, além da existência dos estabelecimentos de alimentação, a proximidade com duas rotatórias (em verde na figura 1) com circulação intensa de veículos e que distribuem fluxos para diferentes bairros e região metropolitana (como os bairros Bandeirantes, Paquetá, Santa Terezinha e Contagem), é gerada certa confusão de pedestres e veículos nos finais de semana, sendo que muitos usuários de outras estruturas de lazer externas ao parque acabam utilizando parte de seu estacionamento.

Para chegar ao parque, o usuário pode fazê-lo de carro e utilizar os estacionamentos disponibilizados próximos às duas portarias. Na portaria 1 (FIGURA 3 e 4), além das 120 (cento e vinte) vagas para carros de passeio, há 8 (oito) vagas para ônibus em excursão, 7 (sete) vagas especiais reservadas para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, ponto de taxi e bicicletário. Na portaria 2 (FIGURA 5), mais 5 (cinco) vagas especiais reservadas e outras 25 (vinte e cinco) para carros de passeio.



**Figura 3** – Portaria 1  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.



**Figura 4** – Estacionamento da Portaria 1  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.



**Figura 5** – Portaria 2 e algumas vagas reservadas  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

Se a opção for utilizar o transporte público, os usuários podem contar com as linhas: 3302 (que vai até o centro), e 535 que é circular entre os bairros Xangrilá e Caiçara.

Entretanto, a parada de ônibus na portaria 1 não possui calçada rebaixada como mostra a figura 6 e caso um passageiro usuário de cadeiras de rodas por exemplo, seja deixado na rua, ele terá dificuldades para acessar o parque.



**FIGURA 6** - Parada de ônibus em frente à portaria 1  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

Na portaria 2, a situação ainda é um pouco pior. Além de não haver o rebaixamento entre a calçada e a rua, a parada de ônibus está bem distante da portaria, como indica a seta vermelha na figura 7.

Se o usuário for até o parque de ônibus e descer nessa portaria, ele terá que enfrentar um longo trecho de caminhada até conseguir acessar o estacionamento e seguir por ele até a entrada. Esse caminho, no entanto, deve ser feito no sentido oposto ao da portaria, como indicado pela amarela verde na figura 7, pois se a pessoa seguir direto na direção da portaria não haverá passagem de ligação mais a frente.



**FIGURA 7** - Parada de ônibus próxima à portaria 2  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

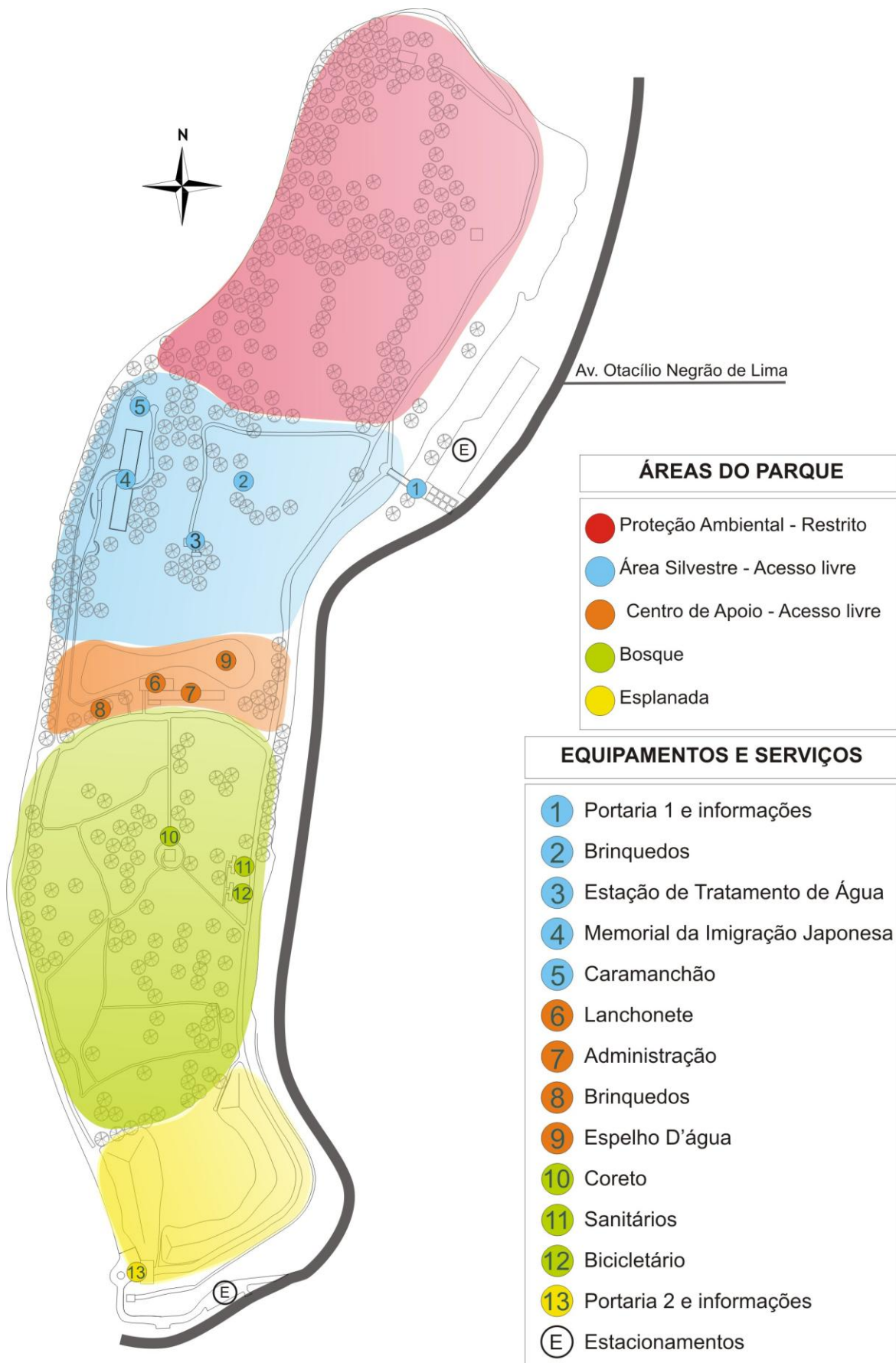
Dessa forma, caso o visitante com problemas de mobilidade chegue de carro, ele terá a comodidade de parar bem próximo à entrada, mas caso vá de ônibus, enfrentará maiores dificuldades. Os problemas de acessibilidade ao parque portanto, já estão presentes em seu entorno devido a pouca opção de linhas de transporte público que atendem a região e aos aspectos físicos das paradas de ônibus.

## **5.2 As áreas, estruturas e atividades no Parque Ecológico**

O Parque Ecológico da Pampulha é dividido em três grandes setores: um para a visitação pública, outro para visitas monitoradas de pesquisadores, e outro restrita (com três biomas diferentes: Mata Atlântica, Cerrado e Floresta Amazônica) para manutenção da flora e da fauna.

Com relação aos espaços do parque e às atividades oferecidas neles, o parque está dividido em cinco áreas, como ilustrado pelas cores vermelha, azul, laranja, verde e amarela na figura 8. Essas áreas serão descritas na sequência, assim como as atividades previstas para cada uma delas, e a ordem de descrição seguirá um trajeto a partir da portaria 1 do parque, que é a mais movimentada atualmente.

Como pode ser visto na figura 8, a área demarcada em vermelho representa a de Proteção Ambiental que tem acesso restrito para funcionários. Nela há um caramanchão que está desativado, todas as outras áreas porém, a azul, a laranja, a verde e a amarela têm acesso livre para o público em geral.



**FIGURA 8 -** Áreas do Parque Ecológico, equipamentos e serviços  
 Fonte: Criado pela autora, 2012.

### 5.2.1 A Área Silvestre

Na figura 9, ao entrar pela portaria 1 (ponto 1), dá-se início à Área Silvestre que acomoda um pequeno parque com brinquedos em madeira (ponto 2), uma estação de tratamento de água (ponto 3), utilizada para irrigação do parque e para abastecer o espelho d'água que fica escondida dentre as árvores, o Memorial em homenagem à Imigração Japonesa (ponto 4) e um caramanchão (ponto 5) bem próximo a ele, destinado ao descanso e contemplação da natureza.



**FIGURA 9** – Área Silvestre, equipamentos e serviços  
Fonte: Criado pela autora, 2012.

Após a entrada no parque, pela portaria 1, há uma ponte em madeira (FIGURA 10), pois nesse trecho há passagem de um canal de tratamento de água que separa o interior do parque da portaria. A ponte é larga e conta com guarda-corpo de vidro e corrimão de inox em toda sua extensão, no entanto os corrimãos estão muito distantes um do outro, e caso uma pessoa necessite desse apoio em ambos os lados para auxiliar na travessia não será possível fazê-lo.



**FIGURA 10** – Ponte em madeira, ligação da portaria 1 ao parque  
 Fonte: Arquivo da autora, 2011.

Ao terminar de subir a rampa, o usuário encontra o primeiro totem de sinalização, que dá as direções de elementos na Área Silvestre e na Área de Proteção Ambiental, sua localização pode ser vista pelo ponto vermelho em planta, e seu conteúdo na imagem que compõe a figura 11.



**FIGURA 11** – Totem de sinalização direcional  
 Fonte: Criado pela autora, 2012.

Vale salientar que dos elementos sinalizados, o “Caramanchão Ilha” fazia parte do projeto original com acesso para os usuários, mas hoje fica dentro da Área de Proteção Ambiental que foi ampliada e tem seu acesso restrito.

Como a placa não sinaliza os itens em vermelho como sendo de áreas restritas, alguns usuários tendem a seguir o sentido do “Caramanchão Ilha” e acabam se deparando com um portão (FIGURA 12), no qual há a restrição de acesso escrita numa folha de papel.



**FIGURA 12** – Portão da Área de Proteção Ambiental  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

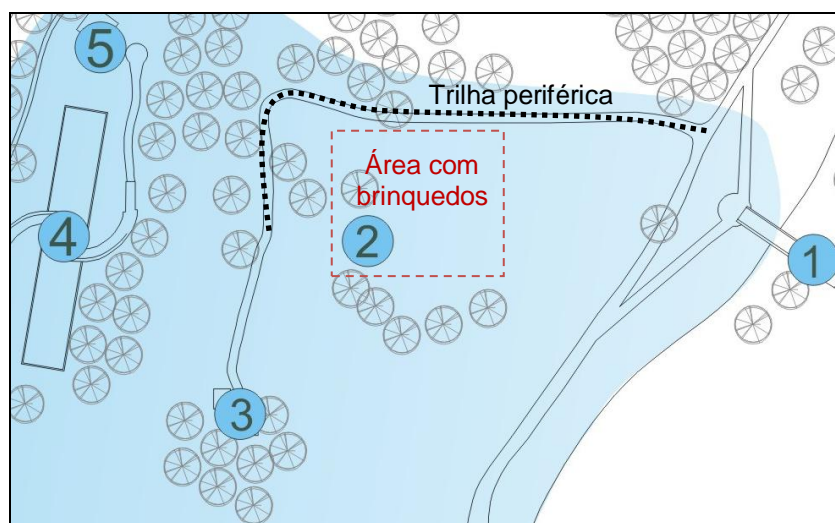
Se o usuário do parque segue a sinalização para a Área Silvestre, ele avistará um parquinho (FIGURA 13), que fica numa região gramada, mas com árvores ainda muito jovens e, por isso, poucas áreas de sombra. Nele há poucos brinquedos e todos com baixa manutenção, sendo que nenhum deles prevê a utilização por crianças com deficiência, e ainda, o fato de estar numa área completamente gramada pode ser uma dificuldade para pessoas que utilizam cadeiras, muletas, ou empurrem carrinhos de bebê de se aproximarem dos brinquedos.



**FIGURA 13** – Brinquedos na Área Silvestre  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

Em volta da área gramada onde ficam os brinquedos há uma trilha periférica, como demarcada na figura 14, em areia e pequenos seixos, que normalmente é utilizada

por quem anda de bicicleta, sendo que o acesso aos brinquedos quase sempre se dá pelo próprio gramado.



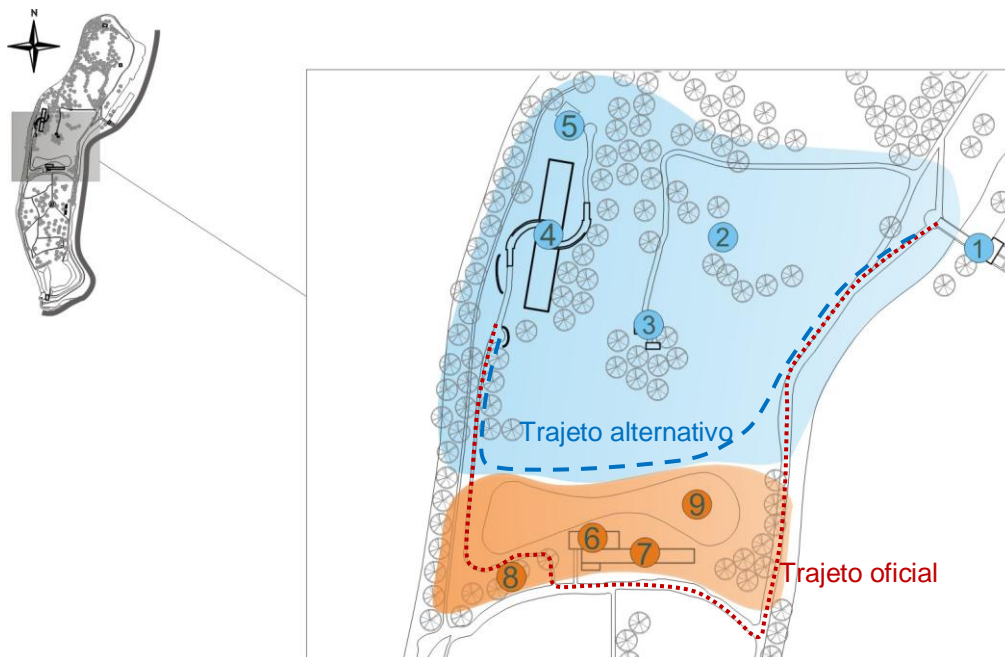
**FIGURA 14** – Brinquedos na Área Silvestre e trilha periférica  
Fonte: Criado pela autora, 2012.

Na porção oeste da Área Silvestre está o Memorial da Imigração Japonesa<sup>24</sup> (representado pelo ponto 4 na figura 14), que fica resguardado por uma barreira de árvores tornando-o um elemento oculto na paisagem, e por este fato, muitos usuários não conhecem a estrutura.

Para vê-lo e para acessá-lo, há duas possibilidades, como ilustrado na figura 15. O trajeto denominado “oficial” na figura, é o que se realiza utilizando as trilhas com piso intertravado e seguindo a sinalização do parque que indica a localização do memorial.

A outra opção, denominada “trajeto alternativo”, é atravessar a Área Silvestre no sentido leste-oeste, passando em frente ao espelho d’água e seguir pela trilha que leva ao memorial, o que normalmente é feito por quem já conhece o parque.

<sup>24</sup> O Memorial da Imigração Japonesa foi criado em comemoração aos 100 anos da imigração japonesa no Brasil e inaugurado em maio de 2009, cinco anos após a inauguração do Parque Ecológico da Pampulha. Gustavo Penna e Mariza Machado Coelho foram contratados pela Usiminas, principal patrocinadora do projeto, que decidiu implantar o memorial em meio a uma área verde ao levar em consideração a “ligação atávica da cultura japonesa com a jardinagem e o paisagismo”. Já a escolha pelo parque ecológico teve reforço no fato de este ter sido projetado pelos mesmos arquitetos contratados pela empresa para desenhar o memorial. (ARCOWEB, 2012).



**FIGURA 15** – Opções de trajeto para o Memorial da Imigração Japonesa  
 Fonte: Criado pela autora, 2012.

Como o memorial não pode ser facilmente visto, os usuários só o descobrem se passam por algum trecho do parque que tenha a indicação do mesmo na sinalização, ou se decidem desbravar a parte “escondida” da trilha.

Talvez isso explique o fato de a área onde ele está localizado ficar quase sempre desocupada, como mostra a figura 16 e, por essa reduzida demanda, também a pouca manutenção que o monumento recebe, seu espelho d’água, por exemplo, está sempre vazio.



**FIGURA 16** – Memorial da Imigração Japonesa  
 Fonte: Arquivo da autora, 2012.

A figura 17 ilustra melhor a arranjo do Memorial que é composto por dois painéis opostos e externos, em alvenaria alva, sendo que em um deles há um círculo vermelho e no outro um triângulo que, de acordo com seus autores, representam respectivamente o Japão e Minas. Há um pavilhão circular que “flutua” sobre um espelho d’água entre esses dois painéis e que é ligado às duas extremidades do espelho por rampas curvas que representam a ligação Minas-Japão que são separados pelo oceano, representado pela água.



**FIGURA 17** – Memorial da Imigração quando da inauguração  
Fonte: Arcoweb, 2012.

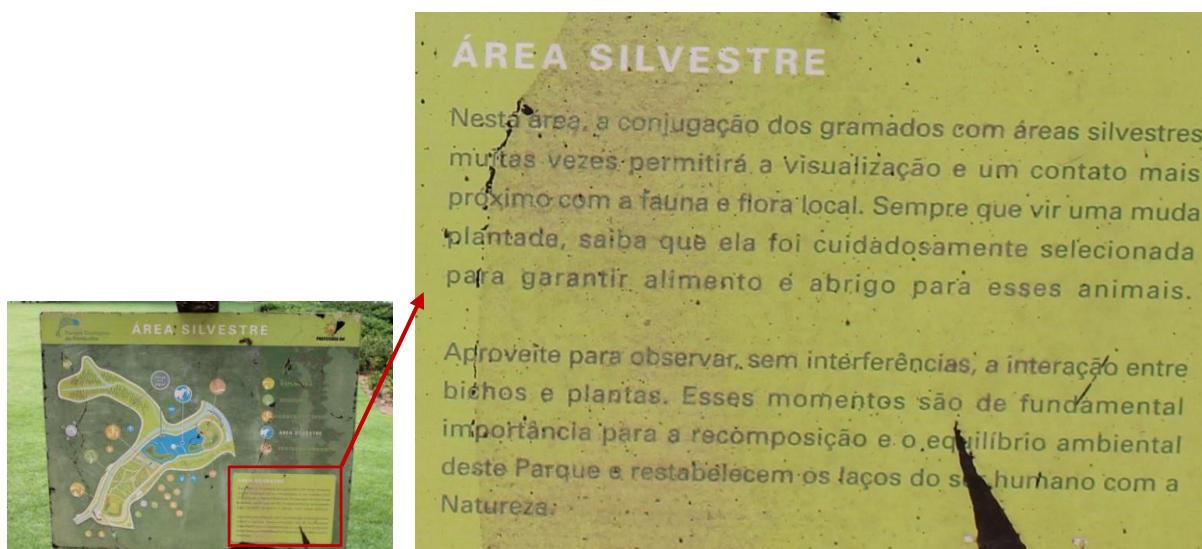
Além dos limites do Memorial há outra estrutura, um Caramanchão. Este, ainda mais oculto que o Memorial, já existia antes da implantação do monumento de homenagem aos imigrantes japoneses e é o único dos caramanchões que continua com livre acesso para os usuários.

O Caramanchão, como pode ser visto na figura 18, é composto por quatro pilares de sustentação e uma cobertura que intercala ripas de madeira e áreas vazadas. Sob a estrutura há dois bancos de madeira em “L”, um espaço agradável pela tranquilidade e a meia-sombra gerada pela cobertura, ideal para o descanso e a meditação. Mas apesar da beleza e tranquilidade, esse espaço é ainda menos utilizado devido à localização que o torna quase “inexistente” para os usuários e ao fato de a trilha que chega até ele ser de areia e pedriscos, e de eles estar em meio à grama, dificultando o acesso para determinados usuários.



**FIGURA 18** – Caramanchão da Área Silvestre  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

De um modo geral, a área silvestre foi projetada para acolher espécies da fauna e da flora e possibilitar que as pessoas pudessem ter contato com as mesmas através da observação e contemplação, essa intenção se confirma na sinalização da área, como na figura 19.



**FIGURA 19** – Placa da Área Silvestre  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Para as crianças, há também a possibilidade de se divertir nos brinquedos do parquinho e, para os usuários em geral, caminhar pela Área Silvestre é a alternativa para quem quiser conhecer outras áreas do parque, visto que ela dá acesso a elas.

### 5.2.2 A Área do Centro de Apoio

Após a Área Silvestre, os usuários do parque contam com o Centro de Apoio (FIGURA 20) que fica na transição entre aquela área e o Bosque. Nesse setor há uma lanchonete com sanitários públicos (ponto 6), uma edificação destinada à administração, refeitório e sanitários para funcionários (ponto 7), uma área com brinquedos (ponto 8) e um espelho d'água (ponto 9).



**FIGURA 20** – Área do Centro de Apoio, equipamentos e serviços  
Fonte: Criado pela autora, 2012.

Na lanchonete (FIGURAS 21 e 22) há uma área coberta com mesas e cadeiras, bebedouros e instalações sanitárias. Aos finais de semana é servido almoço no sistema *self-service* a partir de 12h.



**FIGURA 21** – Vista externa lanchonete  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.



**FIGURA 22** – Vista interna lanchonete  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

A lanchonete é anexa à administração e juntas elas compõem o primeiro volume edificado que o usuário visualiza se entrar pela portaria 1.

A estrutura se destaca em meio à paisagem, como pode ser visto nas figuras 23 e 24, e é composta por um grande pavilhão em alvenaria pintada de branco e uma espécie de marquise em frente à lanchonete, revestida em ripas de madeira, tendo vista para o espelho d'água na porção norte e passagem para a Área do Bosque na porção sul. Devido ao seu destaque, serve como ponto de referência e orientação para muitos usuários do parque.



**FIGURA 23** – Vista do Centro de Apoio com entrada pela portaria 1  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.



**FIGURA 24** – Edificação do Centro de Apoio e Espelho D'água  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

Esta construção está bem centralizada em relação à área total do parque, mas se aproxima mais da portaria 1, visto que esta se localiza na Área Silvestre e é deslocada da extremidade do parque devido à existência da Área de Proteção Ambiental que ocupa cerca de 1/3 da área total.

A portaria 2, por sua vez, está no limite da Área Esplanada e portanto mais distante do Centro de Apoio. Dessa forma, um visitante que chegue ao parque pela portaria 2 pode não conhecer o Centro de Apoio por não conseguir vê-lo de imediato e não explorar as outras áreas do parque, ou se sentir desestimulado a conhecer a lanchonete devido à distância dela em relação à portaria.

Na porção leste do Centro de Apoio há outro parquinho (FIGURA 25) com brinquedos em madeira, sendo que neste os brinquedos estão num espaço com piso em terra e a grama circunda a área. Este parquinho é mais sombreado que o primeiro, tem bancos próximos a ele para que os pais possam olhar as crianças e somadas essas características com a proximidade com a lanchonete e sanitários, faz com que ele tenha bastante movimento. No entanto, assim como no primeiro, não há brinquedos para receber as crianças que utilizem cadeiras de rodas, por exemplo.



**FIGURA 25** – Área com brinquedos ao lado do Centro de Apoio  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

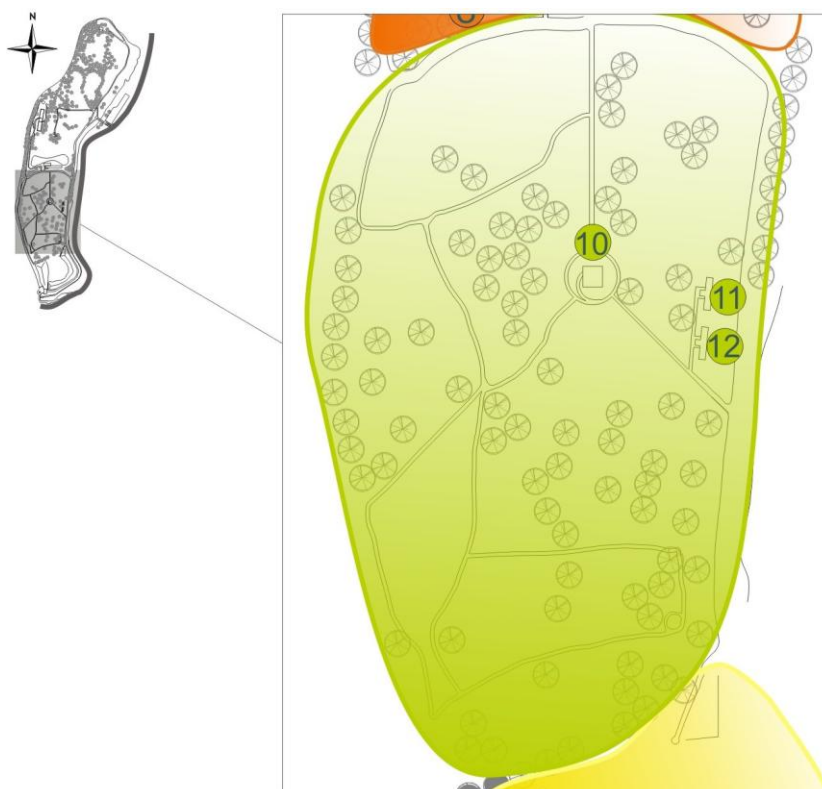
### 5.2.3 A Área do Bosque

Após o Centro de Apoio, inicia-se a área denominada Bosque (FIGURA 26), que possui espécies dos biomas Mata Atlântica, Cerrado e Floresta Amazônica e fornece abrigo e alimento para diversos animais (PBH, 2007).



**FIGURA 26 – O Bosque**  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

O Bosque é entrecortado por trilhas, que podem ser vistas na figura 27, que convergem em um ponto central onde se localiza o coreto (ponto 10). Na porção leste em relação ao coreto estão os anexos das instalações sanitárias (ponto 11) e do bicicletário (ponto 12).



**FIGURA 27 – Área do Bosque, equipamentos e serviços**  
Fonte: Criado pela autora, 2012.

O coreto<sup>25</sup> do Parque Ecológico (FIGURA 28), tem uma estrutura diferente dos coretos tradicionais, pois é composto apenas por quatro pilares de sustentação e uma cobertura quadrada, sendo suas laterais completamente abertas e cercadas por grama, possibilitando visadas mais abertas do parque. A trilha que chega ao coreto e o circunda é em feita piso intertravado.



**FIGURA 28** – Coreto do Parque Ecológico e trilha em piso intertravado  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

Neste coreto é possível ver, de vez em quando, crianças brincando no chão, mas o mais comum são grupos de jovens que utilizam do espaço para ensaiar passos de dança de rua, eles costumam se agrupar no coreto levando aparelhos de som portáteis e se utilizam do piso liso e frio, em granito, para dançar.

Já o bicicletário foi instalado em uma estrutura com a mesma estética e dimensões dos sanitários (FIGURAS 29 e 30) e ambos seguem a linguagem da marquise que compõe a varanda da lanchonete e das portarias, sendo revestidos em ripas finas de madeira.

As instalações sanitárias do Bosque junto com as existentes no Centro de Apoio são as únicas em todo o parque, e ambas possuem sanitário adaptado conforme as especificações da NBR-9050/2004. Vale ressaltar que essas instalações estão mais próximas da portaria 1 e, por isso, com acesso mais fácil para quem entra por ela.

---

<sup>25</sup> A Wikipédia (2012) traz como definição de coreto uma cobertura ao ar livre, normalmente em praças e jardins, feita para abrigar bandas musicais em concertos, festas e romarias, ou ainda, apresentações políticas e culturais.



**FIGURA 29 – Bicletário**  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 30 – Sanitários**  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

No bicicletário há dois bebedouros, que junto aos outros dois existentes na lanchonete são os únicos de todo o parque. Nele os usuários têm acesso a bicicletas emprestadas gratuitamente, mediante apresentação de documento de identificação, o projeto é chamado “Bicicleta para Todos”.

“O projeto é pioneiro e oferece à população lazer de qualidade aliado à promoção da saúde. No Parque Ecológico, vinte bicicletas estão à disposição dos visitantes para utilizarem gratuitamente, [...] e percorrer o Parque em áreas determinadas” (PBH, 2007). Apesar de ser um projeto interessante, o parque oferece apenas 20 (vinte) bicicletas para todos os usuários do parque, as bicicletas só tem um tamanho, o que limita os usuários que conseguirão utilizá-las em relação à altura e, ainda, a baixa manutenção faz o número disponível de 20 unidades se reduz ainda mais.

Em toda a área do Bosque, que é a mais arborizada do parque que os visitantes podem acessar, as pessoas costumam escolher uma árvore para sentar sobre ela e ali passar algumas horas ou, em alguns casos, até mesmo o dia. Como as árvores ainda são jovens, as áreas de sombra tendem a aumentar com o passar dos anos.

Sob as árvores as pessoas costumam se reunir em grupos, para interagir com familiares e amigos, fazer um piquenique ou simplesmente relaxar e contemplar a natureza. Sendo estas as atividades prioritárias no bosque, normalmente quando são vistas pessoas caminhando por ele, elas estão se deslocando de um ponto a outro e não realizando a atividade caminhada propriamente dita.

A configuração do Bosque pode ser propícia para a interação de pessoas sem problemas de mobilidade num piquenique (FIGURA 31), por exemplo, mas uma pessoa que utilize cadeira de rodas realizando a mesma atividade pode ter a qualidade da interação com as outras pessoas prejudicada, pois enquanto as outras pessoas permanecem no chão, ela permanece em outro nível (FIGURA 32). E ainda, essa pessoa deixa de ter a autonomia, dependendo dos outros a sua volta para escolherem o local de permanência.



**FIGURA 31** – Piquenique no Bosque  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

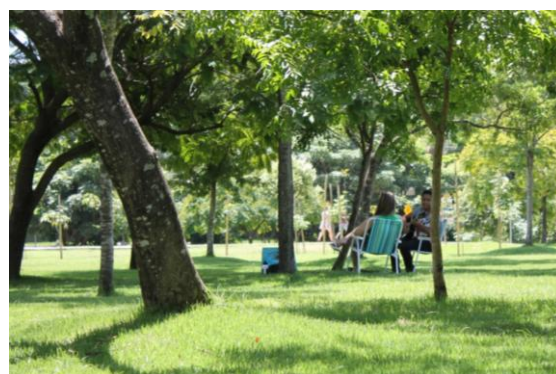


**FIGURA 32** – Interação no piquenique  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Outro fato interessante de ressaltar é que sempre é possível observar pessoas que levam cadeiras dobráveis para o parque ou objetos como apoio para a permanência no bosque, como pode ser visto nas figuras 33 e 34. Tal fato pode revelar certo desconforto para alguns usuários em permanecer sentados na grama por muito tempo e ainda a pouca disponibilidade ou má distribuição de bancos ao longo das áreas do parque.



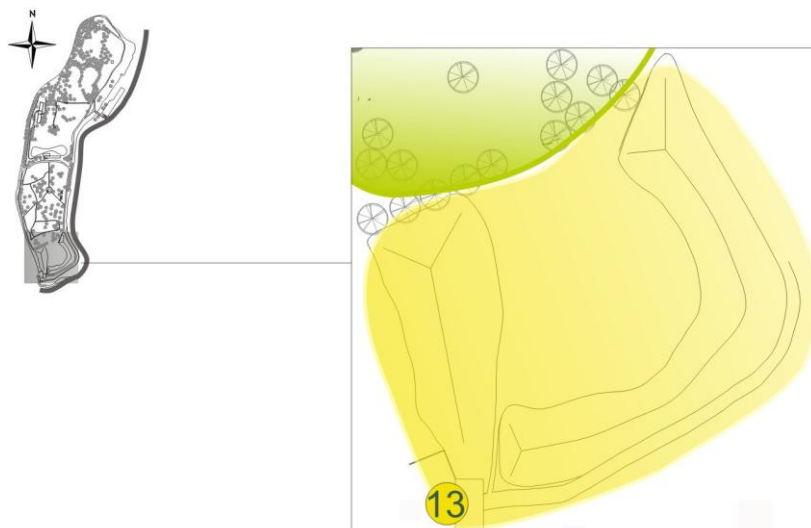
**FIGURA 33** – Senhora sentada em caixote  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 34** – Visitantes levam suas cadeiras  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

## 5.2.4 A Área da Esplanada

E por fim, seguida ao Bosque está a Esplanada, mostrada na figura 35, que é uma extensa área plana e gramada, cercada por taludes também gramados e que acomoda a portaria 2 (ponto 13).



**FIGURA 35** – Área da Esplanada, equipamentos e serviços  
Fonte: Criado pela autora, 2012.

Dentre as atividades realizadas na Esplanada, jogar bola e soltar pipa são as principais práticas que os visitantes do parque realizam nela, até porque, é determinação da administração do parque que estas atividades só podem ser feitas nesta área, como demonstra a sinalização da figura 36.



**FIGURA 36** – Sinalização que restringe algumas atividades à Esplanada  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

A justificativa para a restrição dessas atividades à Esplanada é garantir o conforto, a segurança e a tranquilidade dos usuários de outras áreas com atividades mais contemplativas e de descanso, e ainda, evitar possíveis danos às árvores que ainda crescem nas outras áreas do parque. Algumas pessoas tentam realizar tais atividades no Bosque ou na Área Silvestre, mas sempre que isso ocorre elas são abordadas por seguranças do parque que avisam da restrição (FIGURA 37).



**FIGURA 37** – Funcionário sinaliza a restrição de soltar pipa na Área Silvestre  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Sobre a utilização do espaço da Esplanada de acordo com o site da Prefeitura de Belo Horizonte (2007), “também é utilizado como cenário para shows musicais, espetáculos de dança, peças teatrais e eventos com propósitos educativos”. No entanto, essas apresentações parecem ter sido mais frequentes nos primeiros anos de inauguração do parque, pois não se presenciou algum ou se viu divulgação de eventos durante o período em que a pesquisa foi realizada.

Por ser uma área sem arborização, como pode ser visto na figura 38, quando o dia está muito quente e nos horários de insolação mais intensa, entre 11h e 15h, a Esplanada costuma ficar bem vazia, a não ser nos dias frios em que algumas pessoas podem preferir permanecer ao sol.



**FIGURA 38 – A Esplanada**  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

A portaria 2, mostrada na figura 39, quando da inauguração do parque em 2004 era a única existente no parque. No entanto, pode-se dizer que seu papel hoje é secundário visto que a maior movimentação de entrada e saída de visitantes se dá pela portaria 1, devido à maior facilidade de acesso para carros e pedestres.



**FIGURA 39 – Portaria 2, na Esplanada**  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

### 5.2.5 As áreas do parque como um todo

A existência de elementos naturais como os extensos gramados sem separação por canteiros, diferentes espécies de árvores e muitas aves é marcante neste parque, o que pode ser um convite para o usuário ao contato com a natureza. Este parece ser mesmo o principal diferencial do Parque Ecológico da Pampulha e que o norteou o seu projeto.

Carina Paiva, que é diretora de gestão do Parque Ecológico da Pampulha, destaca o mesmo quanto à questão da natureza e avalia-o como um espaço diferenciado na cidade, e segundo ela, nele “o visitante tem a oportunidade de desfrutar de um amplo espaço de lazer, além de ter acesso a atividades culturais e de entretenimento. Tudo aliado a essa natureza exuberante que compõe um cenário especial em plena região da Pampulha” (PBH, 2007).

Apesar da fala de Carina, não foram observadas as tais atividades culturais e de entretenimento focadas para os visitantes de finais de semana. Pode até ser que elas ocorram realmente no parque, mas provavelmente com mais frequência nos dias de semana, em que há visitas de grupos agendados.

Gustavo Penna (2012), um dos responsáveis pela concepção do parque, afirmou, em entrevista<sup>26</sup> concedida à autora desta pesquisa, que a intenção do projeto do parque era “criar grandes espaços livres com árvores e gramados, privilegiar o verde e deixar livres as visadas e os caminhos para permitir usos variados”, ele ainda reforça que para a equipe responsável pelo projeto, “liberdade é a soma de todos os lugares: as áreas se interligam convidando às atividades conjuntas e os usuários ficam à vontade para escolher o que querem fazer”.

Logo, pela ótica do responsável pelo projeto, a principal qualidade do Parque Ecológico é a liberdade que ele fornece aos visitantes para que estes possam escolher quais atividades fazer, o autor ainda ressalta a possibilidade dos “usos variados”.

---

<sup>26</sup> A entrevista pode ser vista na íntegra no Apêndice D.

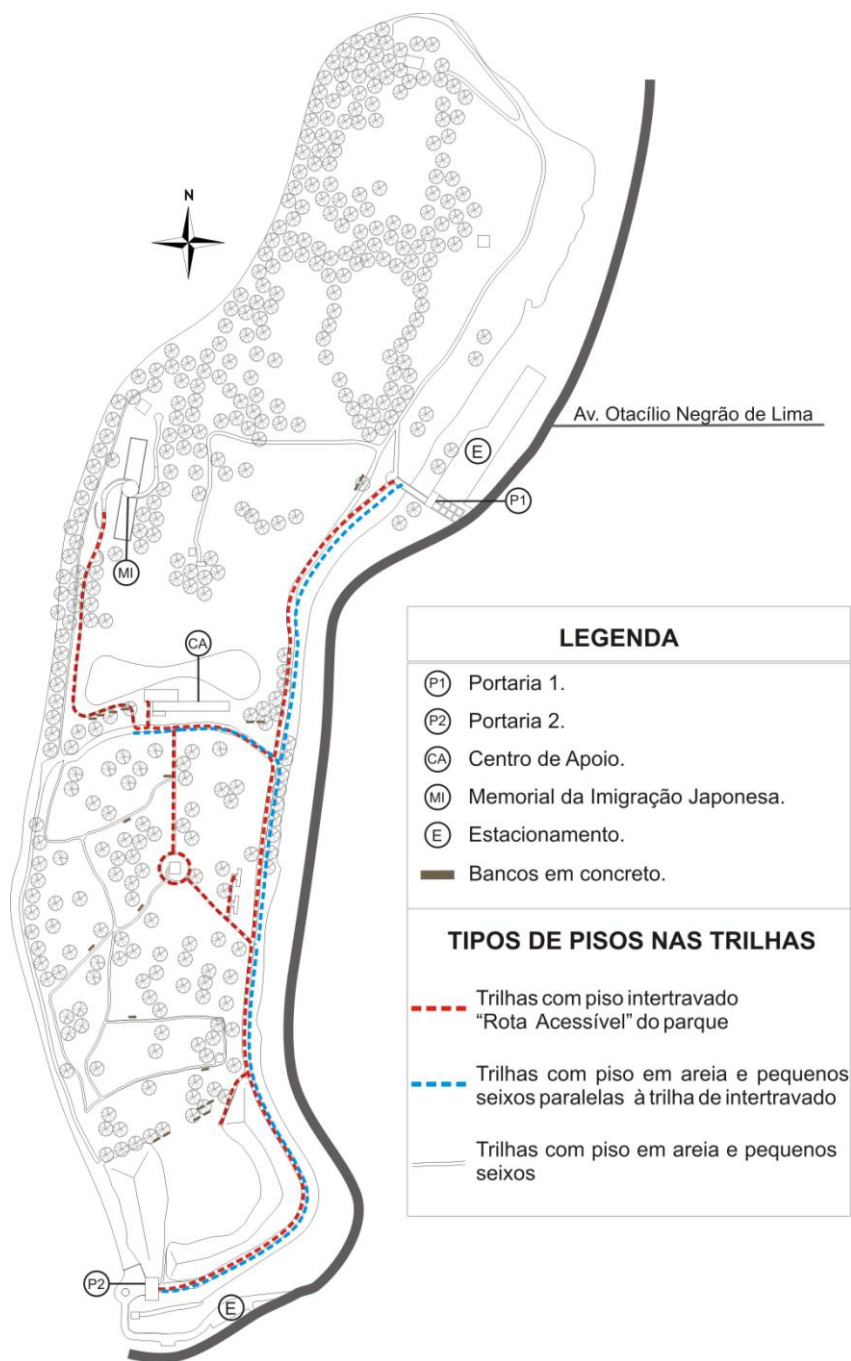
No entanto, o que se percebe na prática é que a própria divisão do parque em setores ou áreas de atividades, tende a limitar essa liberdade de escolha em relação ao que fazer e onde fazer, pois se uma pessoa decide que vai jogar bola, por exemplo, e chega pela portaria 1, ao entrar no parque ela será surpreendida pela restrição dessa atividade unicamente à Esplanada, que está bem distante dessa entrada.

Com relação à flexibilidade ou diversidade de usos também é possível notar que, mesmo tendo sido pretendida, ela não ocorre na totalidade do parque na medida em que cada área tem suas atividades específicas, assim como um próprio arranjo espacial que deixa bem definidas as áreas. Ou seja, apesar da integração visual das áreas do parque pela manutenção de visadas livres, não se percebe integração de diversas atividades numa mesma área, o que limita as opções dos usuários, principalmente para os que tiverem alguma dificuldade em acessar determinadas áreas.

Outro importante aspecto é que em todas as áreas do parque a insolação é muito intensa, um pouco menos no Bosque, situação que tende a melhorar com o passar dos anos e o desenvolvimento das árvores, mas este pode ser um fator que favorece a concentração de pessoas prioritariamente no bosque e limita a permanência delas em outras áreas.

Como dito anteriormente, é permitido andar sobre a grama no Parque Ecológico, mas a ligação entre todas as áreas se dá por trilhas ora de piso intertravado, ora de areia e pequenos seixos. Quanto à distribuição das trilhas, porém, elas aparecem em mais abundância na área do Bosque, como pode ser visto na figura 40.

Nos locais onde há pavimentação com piso intertravado, sinalizada para pessoas com dificuldades de mobilidade (e que também é sinalizada como a pista de *cooper* do parque), em grande parte não há o sombreamento e conseqüente conforto para o deslocamento. Em caso de dias de chuva a situação também é complexa devido à inexistência de áreas de proteção contra intempéries nessas rotas.



**FIGURA 40** – Mapa de distribuição e tipos de trilhas do parque  
 Fonte: Criado pela autora, 2012.

Percebe-se ainda, quanto à distribuição, uma concentração de trilhas pavimentadas do centro para a porção leste do parque, interligando as duas portarias e dando acesso aos sanitários, ao coreto, ao centro de apoio e ao memorial. Essa distribuição desigual também pode determinar o comportamento de muitos usuários, pois se a pessoa depender exclusivamente da área pavimentada para se locomover

ela não terá acesso a uma grande parte do parque e conseqüentemente não poderá usufruir de tudo que o espaço oferece.

Ainda referente às trilhas, a largura dos trechos pavimentados não comporta, por exemplo, pessoas utilizando cadeiras de rodas com um acompanhante ao lado de maneira confortável, ou duas pessoas em cadeiras de rodas lado a lado, ou ainda fluxos de duas pessoas ou mais em sentidos opostos, quiçá pessoas caminhando e correndo na mesma trilha.

O fato de a trilha ter sido feita com a largura mínima prevista pela NBR-9050/2004, nesse caso, não é o apropriado, pois a exigência da norma é para atender um fluxo reduzido e não um fluxo maior e simultâneo de pessoas. A figura 41 ilustra essa situação de ineficiência da trilha pavimentada em acomodar várias pessoas passando por ela.



**FIGURA 41** – Trilha em piso intertravado é estreita  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Sabe-se que essas trilhas pavimentadas não existiam quando da inauguração do parque, e só foram executadas junto às obras de construção do bicicletário, sanitários do bosque e portaria 1, que foram inaugurados em 2006, dois anos após a abertura do parque (FIGURA 42).



**FIGURA 42** – Placa de inauguração do Bicicletário e Sanitários  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Estas informações se confirmam no totem próximo ao bicicletário e sanitários com a placa de inauguração datada de 2006, mostrada acima, e também podem ser confirmadas em Teixeira<sup>27</sup> (2007, p. 69), que afirma que :

Um dos problemas percebidos é a falta de acessibilidade para portadores de necessidades especiais. [...] Não há muitos caminhos predefinidos nos parques. Pode-se – e até se incentiva – pisar na grama. As pistas existentes são utilizadas pelos ciclistas e por aqueles que desejam fazer caminhada. Todavia, as pistas são de seixos rolados. Assim a locomoção é dificultada, ora em pedras, ora em gramados. No projeto, há a previsão de uma pista para locomoção de portadores de necessidades especiais, com piso intertravado. Entretanto, ainda não foi executada.

O fato de as trilhas pavimentadas terem sido executadas posteriormente, talvez possa ser explicado porque, apesar de já haver os parâmetros de acessibilidade à época da conclusão do projeto, a aplicação dos critérios de acessibilidade só começa a ganhar força a partir da revisão de NBR 9050 em 2004, ano de inauguração do parque.

<sup>27</sup> A defesa do trabalho de Teixeira é datada de 2007, mas suas visitas ao Parque Ecológico da Pampulha ocorreram ao longo do ano de 2006. Por isso há incompatibilidade entre a data contida na placa e a data da citação.

Como Rosso (2011) afirma, “mesmo com parâmetros estipulados na forma de lei, seu cumprimento só se tornou obrigatório e passível de fiscalização quando, em 2005, o Ministério das Cidades lançou o Programa Brasil Acessível”, por isso as adequações executadas no ano de 2006, junto à construção dos novos sanitários, bicicletário, memorial e portaria 1.

As adaptações posteriores à inauguração do parque, focadas em atender itens da norma, se mostram dessa forma ineficientes em muitos pontos, pois não houve em sua elaboração um pensamento holístico a considerar todas as áreas, todas as atividades e todos os perfis de usuários.

## **6. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste capítulo constarão os resultados das observações em campo, como os mapas de comportamento e a tabulação das informações que eles fornecem, tabulações das entrevistas realizadas com os usuários, e ainda, registros fotográficos que se fizerem necessários para ilustrar melhor as observações. Tais informações serão analisadas na busca de se fazer a conexão dos dados coletados com o referencial teórico e com as hipóteses da pesquisa.

### **6.1 O que os mapas de comportamento e entrevistas revelam**

Como já citado nos procedimentos metodológicos, a partir das observações de comportamento no Parque Ecológico da Pampulha, foram gerados mapas comportamentais para cada dia de observação (APÊNDICE A), nos quais eram registrados os tipos de atividades realizadas por áreas e a quantidade de pessoas envolvidas em cada uma delas. Identificar diferentes tipos de atividades num mesmo local poderia dar uma noção mais ampla sobre as possibilidades de interação social.

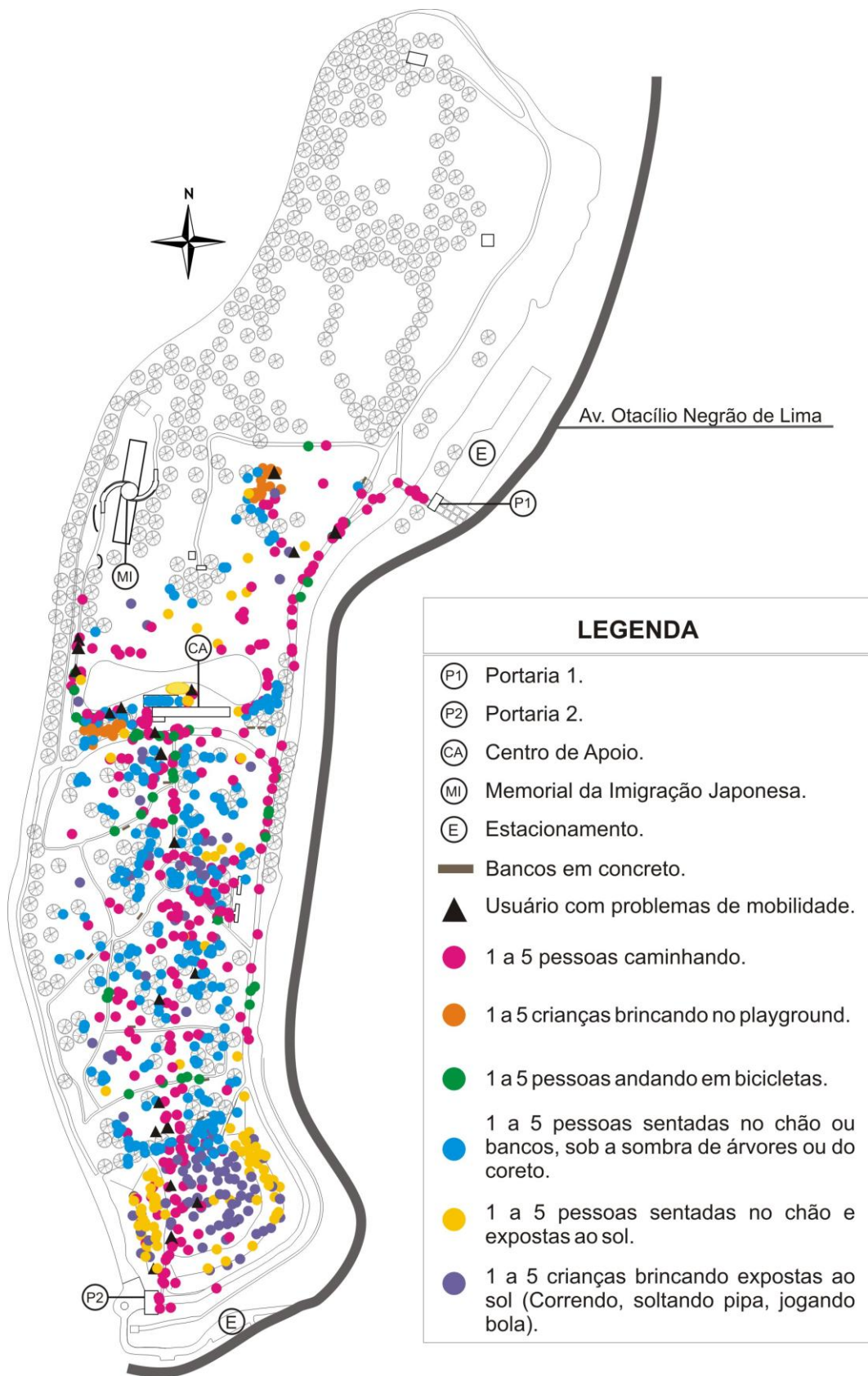
#### **6.1.1 Concentração de usuários e atividades realizadas em todo o parque**

Dos 12 (doze) mapas produzidos<sup>28</sup>, fez-se a junção de todas as informações em um único mapa de concentração de usuários, como pode ser visto na figura 43. Ao observar esse mapa, as categorias que mais se destacam em termos de quantidade<sup>29</sup> de pontos e de distribuição mais uniforme ao longo de todas as áreas do parque, são as de pessoas sentadas no chão sob a sombra das árvores (pontos azuis) e de pessoas caminhando (pontos vermelhos). A partir dessa primeira observação é possível inferir que estas são as atividades mais realizadas no parque.

---

<sup>28</sup> Os mapas são referentes às observações realizadas nos meses de janeiro, fevereiro, julho, setembro e outubro de 2012. Tais observações foram feitas em sextas, sábados e domingos e as datas precisas podem ser vistas em cada mapa reproduzido no Apêndice A.

<sup>29</sup> Foram contabilizadas em torno de 4200 pessoas ao longo de todos os dias de observação e na junção dos mapas.



**FIGURA 43** – Mapa Unificado da Concentração de usuários e atividades realizadas  
 Fonte: Criado pela autora, 2012.

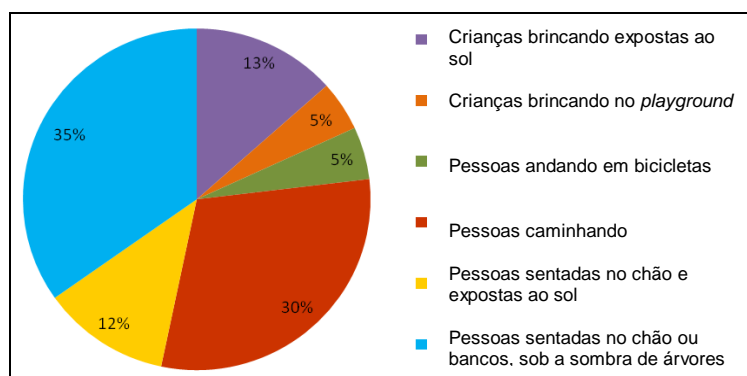
Seguidas dessas duas categorias, as próximas que se destacam em relação à quantidade são as de pessoas sentadas no chão expostas ao sol (pontos amarelos) e crianças correndo, soltando pipa ou jogando bola (pontos roxos), também expostas ao sol. No entanto, é possível observar que estas atividades, apesar de ocorrerem pontualmente nas diversas áreas do parque, se concentram basicamente na Área da Esplanada.

Com relação à utilização das áreas de *playgrounds*, em ambos há presença de crianças brincando (pontos alaranjados) e de pessoas sentadas no chão ou em bancos, sob a sombra de árvores (pontos azuis), possivelmente esses pontos azuis representam as pessoas que acompanham essas crianças.

Já a concentração de pessoas andando de bicicleta (pontos verdes), foi bem reduzida ao longo dos dias de observação, sendo que a maioria das pessoas circula pela área do Bosque, poucas próximas ao Centro de Apoio e Área Silvestre e nenhuma foi vista realizando esta atividade na porção da trilha que fica na Esplanada.

Sobre os primeiros dados visualizados no mapa de comportamento dos usuários, foram confeccionados gráficos que tratam das atividades realizadas em todo o parque, para que num tópico seguinte sejam tratadas as áreas separadamente e comparados os dados.

O gráfico 3 confirma o que foi observado no que se refere às atividades mais realizadas e as menos realizadas no parque, durante todos os dias observados.

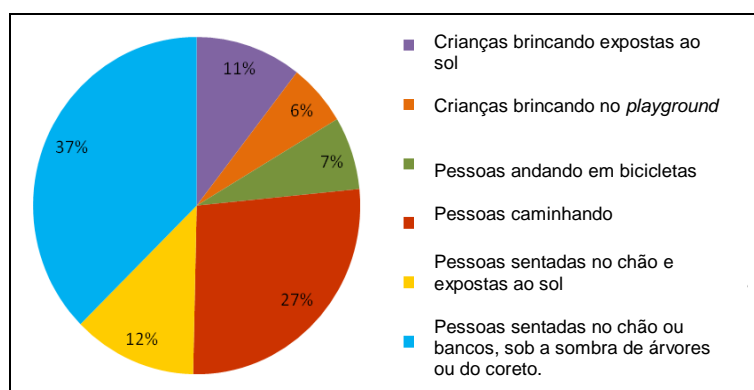


**GRÁFICO 3 – Atividades realizadas no parque todos os dias**  
Fonte: Criado pela autora, 2013.

Como pode ser visualizado no gráfico, a principal atividade realizada no parque, ao longo do período observado, foi a de pessoas sentadas no chão ou bancos, sob a sombra das árvores, perfazendo 35% do total das pessoas observadas. A segunda atividade é de pessoas caminhando num total de 30%, seguida respectivamente das atividades de crianças brincando expostas ao sol 13%, e de pessoas sentadas no chão e expostas ao sol 12%. As atividades de crianças brincando no *playground* e de pessoas andando de em bicicletas representam 5% do total cada uma.

Pode-se entender por esses dados que há cerca de 1/3 das atividades observadas no parque em que as pessoas não se dedicam a grandes esforços e que por isso mesmo podem estar mais suscetíveis de interação social durante o lazer e entretenimento. Tal fato pode ter implicações positivas para pessoas com problemas de mobilidade.

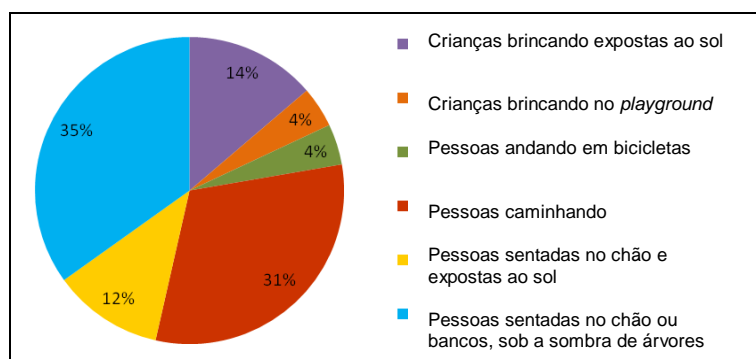
Separando os mesmos dados em sábados domingos tem-se que, aos sábados (GRÁFICO 4), 27% das pessoas presentes no parque realizavam a atividade caminhar, 37% permaneciam sentadas no chão ou em bancos sob a sombra das árvores, 12% sentadas no chão e expostas ao sol, 11% eram crianças brincando expostas ao sol, 7% de pessoas andando de bicicleta e 6% de crianças brincando nos *playgrounds*.



**GRÁFICO 4 – Atividades realizadas no parque aos sábados**  
Fonte: Criado pela autora, 2013.

Já aos domingos (GRÁFICO 5), 31% das pessoas presentes no parque realizavam a atividade caminhar, 35% permaneciam sentadas no chão ou em bancos sob a sombra das árvores, 12% sentadas no chão e expostas ao sol, 14% eram crianças

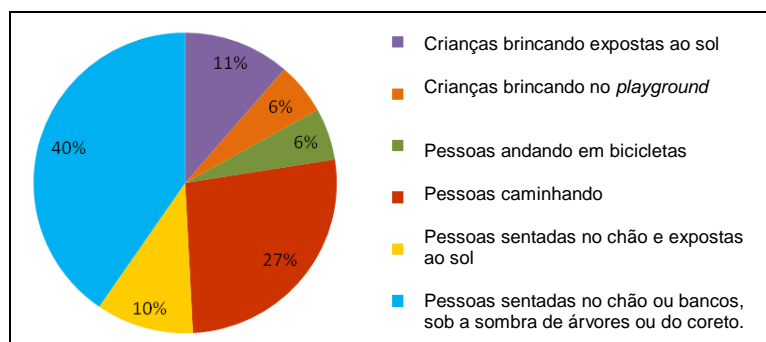
brincando expostas ao sol, 4% de pessoas andando de bicicleta e 6% de crianças brincando nos *playgrounds*.



**GRÁFICO 5** – Atividades realizadas no parque aos domingos  
Fonte: Criado pela autora, 2013.

Quando comparados os gráficos 4 e 5 da distribuição dessas atividades durante os sábados e domingos respectivamente, pode-se concluir que não há variação relevante entre os mesmos, ou seja, o fato de ser sábado ou domingo não interfere nos tipos de atividades mais realizadas no parque.

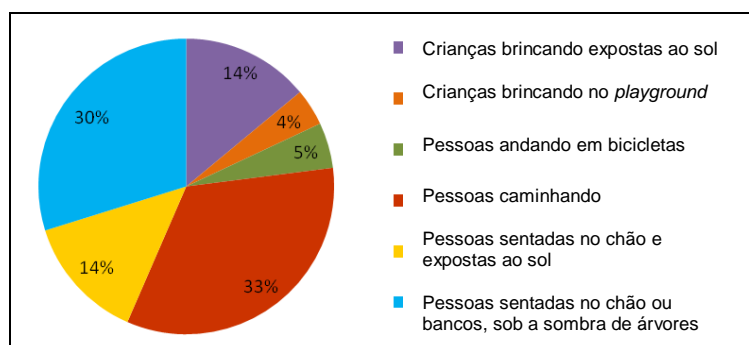
Quando comparados os dados referentes aos períodos do dia, manhãs e tardes, tem-se que às manhãs (GRÁFICO 6), 27% das pessoas presentes no parque realizavam a atividade caminhar, 40% permaneciam sentadas no chão ou em bancos sob a sombra das árvores, 10% sentadas no chão e expostas ao sol, 11% eram crianças brincando expostas ao sol, 6% de pessoas andando de bicicleta e 6% de crianças brincando nos *playgrounds*.



**GRÁFICO 6** – Atividades realizadas no parque, às manhãs  
Fonte: Criado pela autora, 2013.

Já às tardes (GRÁFICO 7), 33% das pessoas presentes no parque realizavam a atividade caminhar, 30% permaneciam sentadas no chão ou em bancos sob a sombra das árvores, 14% sentadas no chão e expostas ao sol, 14% eram crianças

brincando expostas ao sol, 5% de pessoas andando de bicicleta e 4% de crianças brincando nos *playgrounds*.



**GRÁFICO 7** – Atividades realizadas no parque, às tardes  
Fonte: Criado pela autora, 2013.

Quando comparados os gráficos 6 e 7 da distribuição dessas atividades durante os períodos matutinal e vespertino respectivamente, pode-se concluir que também não há variação relevante entre os mesmos, ou seja, o fato de ser manhã ou tarde pouco interfere nos tipos de atividades mais realizadas no parque.

Deve-se ressaltar porém, que as observações para a construção dos mapas, no período da manhã, se davam entre 8:30h e 11:30h e no período da tarde ocorriam entre 14:30h e 17h, pois como já mencionado nos procedimentos metodológicos, durante as observações notou-se que no período compreendido entre 11h e 15h havia um decréscimo considerável do número de pessoas no parque.

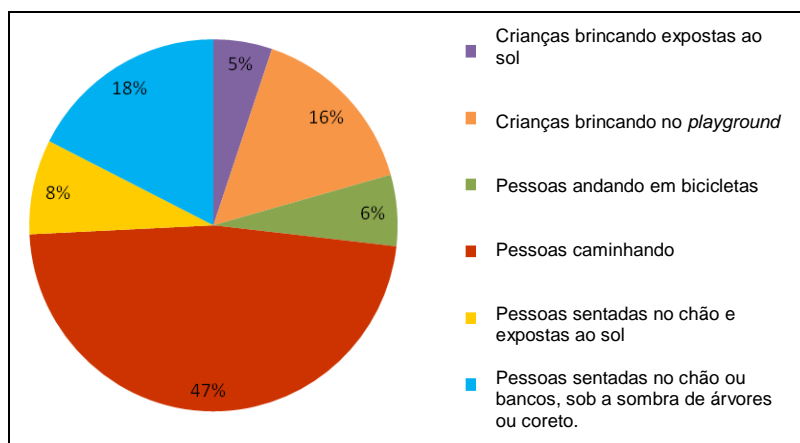
Tal fato pode estar relacionado à pouca estrutura destinada ao almoço na lanchonete que não consegue servir muitas refeições. Isso pode dificultar o desejo das pessoas para que passem o dia no parque e com a diminuição do tempo de permanência também se limitam as possibilidades de interação social.

Outro aspecto relativo a essa diminuição do número de visitantes neste período, pode ser a condição climática de conforto térmico, visto que neste horário a insolação é bem mais intensa na maioria das áreas do parque. Talvez, caso existissem mais áreas sombreadas pelo parque, as pessoas poderiam migrar de umas áreas para outras durante sua visita, permanecendo mais tempo no parque e se predispondo à maior interação social enquanto descansam.

### 6.1.2 Atividades realizadas por áreas

Passando-se à análise dos dados agora por áreas, tem-se no gráfico 8, que a principal atividade realizada na Área Silvestre é a de pessoas caminhando: quase metade, isto é, 47%. Isso pode ser explicado pelo fato de nesta área estar localizada a portaria 1. Por isso, ela se torna a área de principal acesso ao parque. Seguidas da atividade de caminhar estão as seguintes categorias:

Pessoas sentadas no chão ou bancos sob a sombra somam 18%, crianças brincando no playground 16%, pessoas sentadas no chão e expostas ao sol 8% e crianças brincando sob o sol 5%.

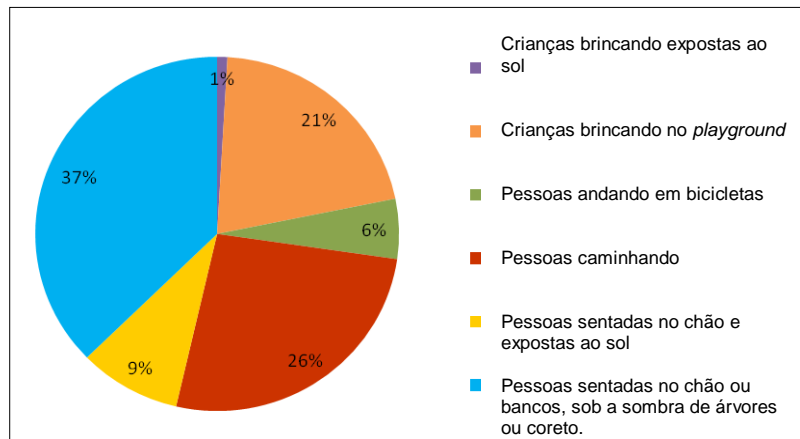


**GRÁFICO 8** – Atividades realizadas na Área Silvestre

Fonte: Criado pela autora, 2013.

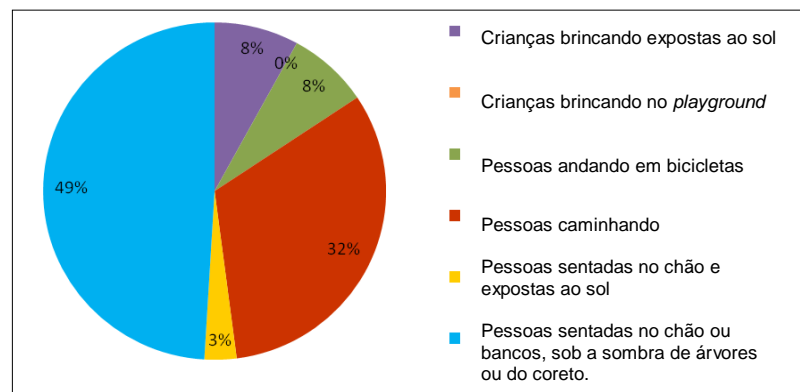
Dessa forma, excluindo-se as pessoas caminhando, não é possível selecionar uma atividade característica para a Área Silvestre.

Já no Centro de Apoio atividades relativas às pessoas sentadas somam 37%. Pessoas caminhando correspondem a 26%. Crianças brincando no playground totalizam 21%, pessoas sentadas no chão e expostas ao sol chegam a 9%, pessoas andando em bicicletas não passam de 6% e crianças brincando expostas ao sol, apenas 1% (GRÁFICO 9).



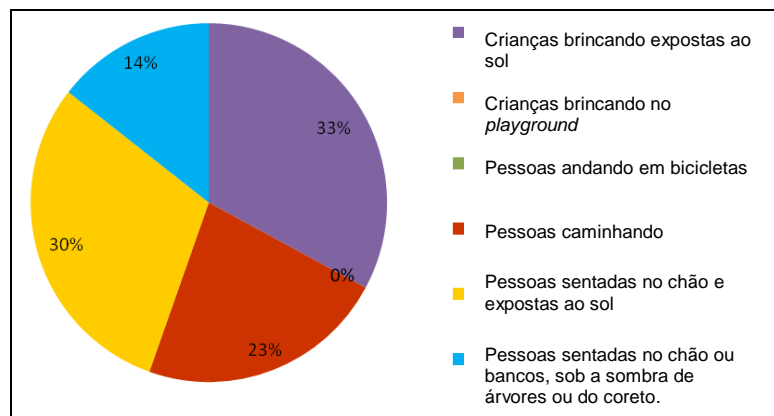
**GRÁFICO 9** – Atividades realizadas na Área do Centro de Apoio  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

Talvez devido às características do espaço, como a extensa área gramada que pode ser pisada e a presença de muitos pássaros nas diversas árvores plantadas pela área, o bosque provavelmente atrai usuários pela possibilidade de contato mais próximo com a natureza (GRÁFICO 10). Suas ofertas de acolhimento parecem justificar uma prevalência de atividades contemplativas. A própria estrutura (LYNCH, 1960), não prevê muitas outras possibilidades de uso, a não ser sentar na grama e fazer um piquenique e interagir com amigos.



**GRÁFICO 10** – Atividades realizadas no Bosque  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

Na Esplanada, as atividades mais comuns são crianças brincando expostas ao sol 33%, pessoas sentadas no chão expostas ao sol 30%, pessoas caminhando 23% e pessoas sentadas no chão ou em bancos sob a sombra 14%, como mostra o gráfico 11.



**GRÁFICO 11** – Atividades realizadas na Esplanada

Fonte: Criado pela autora, 2013.

Talvez se alie à situação de concentração de crianças brincando expostas ao sol e de pessoas sentadas ao sol na Esplanada, o fato de a administração permitir as atividades de soltar pipa e jogar bola somente neste setor, mas tal ocorrência também é compreensível se avaliada a estrutura e a imageabilidade dessa área que evoca essas atividades.

As crianças que brincam em atividades mais dinâmicas se concentram nesta área em que não há obstáculos como árvores e elementos construídos, outras ainda se aproveitam da altitude dos taludes para realizar com mais facilidade a atividade de soltar pipa.

Das pessoas que permanecem sentadas no chão e expostas ao sol, a maioria se concentra sobre os taludes, também se aproveitando da altitude e inclinação deles para permanecerem numa posição mais confortável por mais tempo e para observar toda a movimentação na parte plana da Esplanada sem estar em meio ao trânsito de pessoas.

As pessoas que caminham na Esplanada normalmente se deslocam para outras áreas ou para a Portaria 2, e as pessoas sentadas à sombra, no limite entre a Esplanada e o Bosque, provavelmente acompanham as crianças que brincam nesta área.

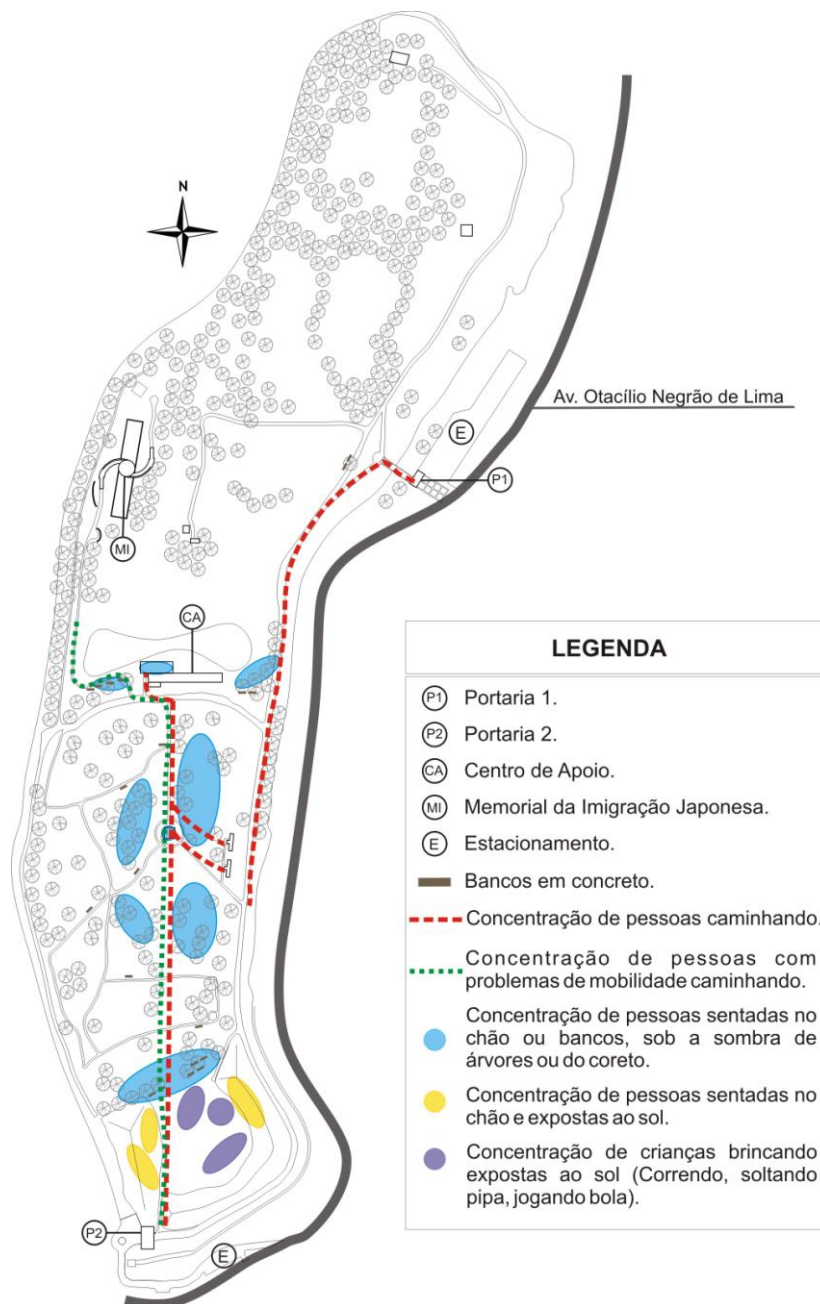
### 6.1.3 As subáreas de atividades

Retomando as informações gerais que o mapa comportamental unificado mostra, se analisadas agora a disposição das pessoas e as atividades que estas desempenham mais cuidadosamente, é possível notar trechos ou subáreas dentro das áreas do parque, nas quais há uma sobreposição elevada de pontos, indicando que as pessoas e determinadas atividades se concentram mais nessas subáreas se comparadas as áreas de um modo geral. Essa concentração de superposição de pontos foi transferida para um novo mapa de subáreas de atividades, como mostrado na figura 44.

O primeiro ponto a ser ressaltado neste mapa é que a concentração da atividade de caminhar, representada pelo tracejado vermelho, gera quase que linhas retas indicando os trechos mais utilizados pelos usuários para tal atividade, que são:

- O trecho que vai do início da portaria 2, passando pela Esplanada e pelo Bosque, chegando ao Centro de Apoio;
- A ligação entre o bicicletário e instalações sanitárias até este trecho central supracitado e;
- Da portaria 1 seguindo pela trilha até o Bosque.

Foi possível notar, como demarcado pelas linhas tracejadas que, além da concentração de pessoas que caminham livremente passeando pela Esplanada e pelo Bosque (linha vermelha) as pessoas com problemas de mobilidade que foram observadas também tendem a seguir o mesmo percurso (linha verde), independente de estarem sendo ajudadas ou não no trajeto.



**FIGURA 44** – Mapa Unificado com “subáreas” de Concentração de usuários e atividades realizadas  
 Fonte: Criado pela autora, 2012.

Além das subáreas de deslocamentos citadas acima, foram detectadas também subáreas com maior concentração de usuários sentados no chão ou em bancos sob a sombra das árvores, representados pelas manchas em azul, pessoa sentadas no chão expostas ao sol, representadas pelo amarelo e de crianças brincando expostas ao sol, pela cor roxa. É interessante notar que essas concentrações ocorrem ao longo das principais rotas estabelecidas e de pontos de interesse como áreas mais sombreadas no Bosque e do Centro de Apoio e no caso da Esplanada ela também “respeita” o circuito gerado pela atividade de caminhada.

Avaliando a concentração de pessoas caminhando em linhas retas, em direção a pontos de interesse como portarias, centro de apoio e sanitários e sem se distribuírem uniformemente pelas outras trilhas do parque, tal concentração pode indicar que a caminhada, na maioria dos casos, não é a atividade fim e sim o mero deslocamento de um ponto a outro, ou seja, a maioria das pessoas que visitam o Parque Ecológico não parecem ir até lá para se exercitarem fisicamente.

É interessante notar também, que no maior trecho compreendido na Esplanada e no Bosque, até se chegar ao coreto, não há uma trilha formal que direcione os usuários do parque a passarem pelo caminho, no entanto, criou-se um corredor de circulação ali que, de tão frequente, já deixa o “vestígio de comportamento” (ELALI, 2006) dos usuários, isto é, a marca de uma trilha no gramado como pode ser visto na imagem de satélite, figura 45:



**FIGURA 45** – Trecho que revela circulação intensa pelo desgaste na grama  
Fonte: *Googlemaps*, 2013.

A existência dessa “trilha alternativa” talvez se explique pelo fato de a Esplanada se “abrir” para a visão de quem chega pela portaria 1 através dos taludes que

circundam a área e de um pequeno trecho com piso em pedras que guiam o usuário por este acesso, como mostrado na figura 46:



**FIGURA 46** – Início da área Esplanada  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

Essa característica física da estrutura e permeabilidade do espaço (LYNCH, 1960), aliada à grande movimentação de pessoas, ou *behavior settings* (BARKER, 1968) diversos como o de pessoas caminhando, pessoas sentadas e crianças brincando, podem atrair mais os usuários por este caminho, independente de sua condição física, e apesar da existência da trilha em piso intertravado, que tem início logo na entrada da portaria 2 e é sinalizada como a apropriada para as pessoas com problemas de mobilidade (FIGURAS 47 e 48).



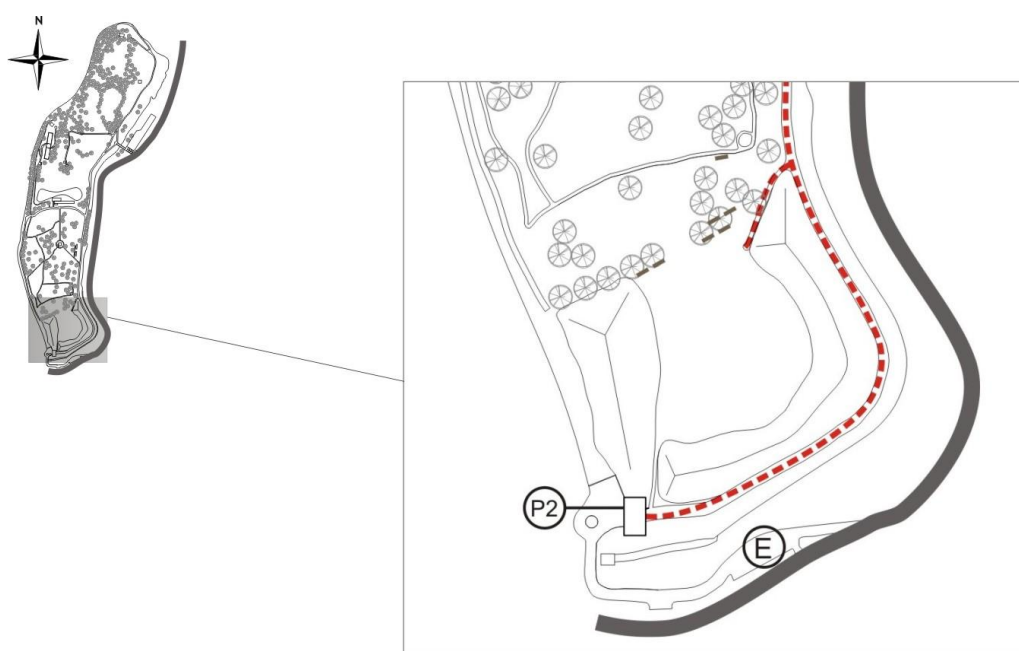
**FIGURA 47** – Início da trilha em piso intertravado  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.



**FIGURA 48** – Continuação da mesma trilha  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

Ou seja, mesmo havendo a trilha em piso intertravado que contorna a esplanada, feita para ser acessível, as pessoas tendem a passar pela grama em meio a esta área que tem menos condições de acessibilidade para pessoas com problemas de mobilidade devido às irregularidades no piso gramado.

Aliás, há um aspecto interessante quanto ao uso da trilha com o piso intertravado que tem conexão com as duas portarias. No trecho onde fica na Esplanada, no qual a trilha passa por trás do talude, como demarcado na figura 49 pelo tracejado vermelho, foi possível observar que os usuários quase não a utilizam.



**FIGURA 49** – Trecho de trilha ociosa da Área Esplanada  
Fonte: Criado pela autora, 2012.

A característica do espaço que talvez explique esse comportamento é o fato de por estar muito vazia, essa área pode repelir usuários. Então, esses optam por caminhar pelas áreas mais movimentadas do parque. De fato o talude pode funcionar como uma barreira visual entre a pista de caminhada e a Esplanada, segregando o usuário dessa trilha do restante das pessoas e impedindo a visão do espaço do parque. As figuras 50 e 51 ilustram esta situação:



**FIGURA 50** – Trilha da Esplanada vazia  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.



**FIGURA 51** – Talude bloqueia visão da Esplanada  
Fonte: Arquivo da autora, 2011.

E ainda, mesmo que a trilha apresente condições de declividade, tipo de piso e suavidade mais apropriadas às exigências das normas técnicas de acessibilidade, ela é a opção mais longa de trajeto para atravessar a área Esplanada, quando na verdade, em termos de acessibilidade, para que essa trilha se caracterizasse como uma rota acessível, ela deveria em primeiro lugar considerar o trajeto mais curto para o usuário e estar integrada ao espaço da Esplanada e não periférica a ela já que essa é a única opção de trilha com o piso intertravado que passa pela área.

## **6.2 O comportamento dos usuários com problemas de mobilidade**

Aliadas à análise do mapa de atividades e aos dados que ele informa sobre o comportamento dos usuários de forma geral no Parque Ecológico da Pampulha, foram feitas observações de comportamento focadas quando pessoas com problemas de mobilidade eram vistas no parque.

De um total de 15 (quinze) casos observados, descritos e fotografados ao longo dos 12 (doze) dias de observação, alguns foram eleitos para serem narrados aqui como forma de levantar questões relevantes no que se refere ao comportamento das pessoas com problemas de mobilidade, e ainda, para avaliar se houve a interação social dessas pessoas com outras e com que qualidade isso pode ter ocorrido.

A escolha dos casos procurou seguir critérios de diversidade de situações referentes ao local onde as pessoas estavam, às atividades que realizaram, à condição de

autonomia delas e às condições de acessibilidade (previstas ou não no projeto) para os locais onde os casos ocorreram.

### 6.2.1 O Caso 1: O homem que usava cadeira de rodas, “sozinho” na Esplanada

Da visita realizada em uma sexta-feira, 20 de janeiro de 2012 das 09:30h às 13:00h.

Nesse dia, ao entrar no parque pela portaria 2, avistei um homem que usava cadeira de rodas e pelo início da observação vi que estava no meio da Esplanada, já parado. Isso é representado na figura 52 pelo quadrado azul ao lado do círculo vermelho.



**FIGURA 52** – Mapa deslocamento do homem usando cadeira de rodas e seus acompanhantes  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Pude perceber que a grama estava bem aparada, e em alguns pontos era possível observar os acúmulos de grama recém-cortada que ainda não haviam sido retirados. O piso, relativamente firme, pode ter encorajado o homem a adentrar pela Esplanada sem utilizar a “trilha acessível” do parque, além de aspectos já citados como as ofertas de acolhimento presentes em cada lugar.

Observei-o por mais de uma hora sem entender porque o homem permaneceu no mesmo local, ora olhando para céu, ora olhando para a grama. Esse comportamento já se diferenciava muito do comportamento usual encontrado na Esplanada, lugar em que as pessoas normalmente correm ou brincam, e as que se sentam pra tomar

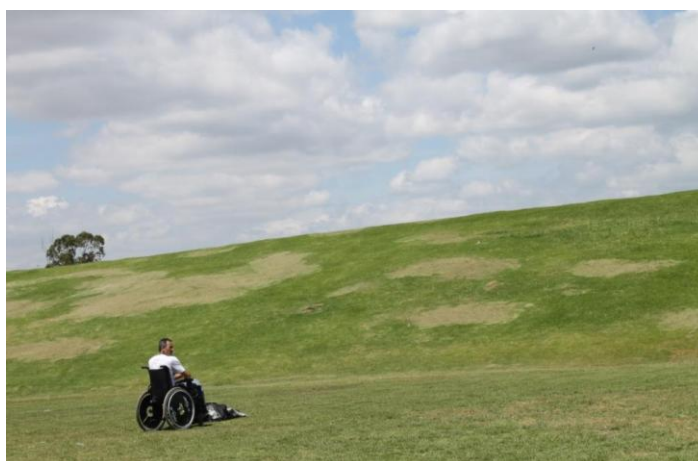
sol tendem a ficar próximas aos taludes observando a movimentação de pessoas e acompanhando outras. Uma pessoa sozinha e parada no meio do gramado sob o sol não era um cenário comum.

No entanto, próximo ao homem, no chão, havia alguns objetos como mochilas, uma pipa e algumas peças de roupa, o que denotava que ele estava em companhia de outras pessoas (FIGURA 53).



**FIGURA 53** – Homem parado, sob o sol na Esplanada  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Depois de quase duas horas de observação (eu já havia me deslocado várias vezes), ele na mesma posição e sob um sol de quase meio-dia, percebo que o homem parece olhar para um grupo de pessoas que se aproximava vindo do Bosque (FIGURA 54).



**FIGURA 54** – Homem parado, observa pessoas se aproximando  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Eis que surge um grupo de jovens que vai até o homem. O trajeto deles está representado pela linha verde na figura 52. Eles passam a interagir com ele, conversando (FIGURA 55). Alguns pareciam “ensaiar” movimentos que se assemelhavam a golpes de luta e corriam em torno da cadeira. O homem, então, faz um gesto com as mãos como se os indicasse a saída e eles recolhem os objetos no chão e todos seguem em direção à portaria 1, deixando o parque.



**FIGURA 55** – Grupo conversando e se preparando para deixar o parque  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Neste primeiro caso, é importante ressaltar que o homem na cadeira de rodas praticamente não se deslocou dentro do parque e permaneceu, por todo tempo em que foi observado, parado no mesmo lugar, em meio ao gramado e sob o sol intenso.

Apesar de ele estar acompanhado de um grupo de pessoas, eles não permaneceram juntos todo o tempo e não percorreram os mesmos trajetos. Dessa forma, enquanto os jovens se deslocavam pelo parque e interagiam entre si, o homem permanecia estático e sem interagir com pessoas ou com o espaço.

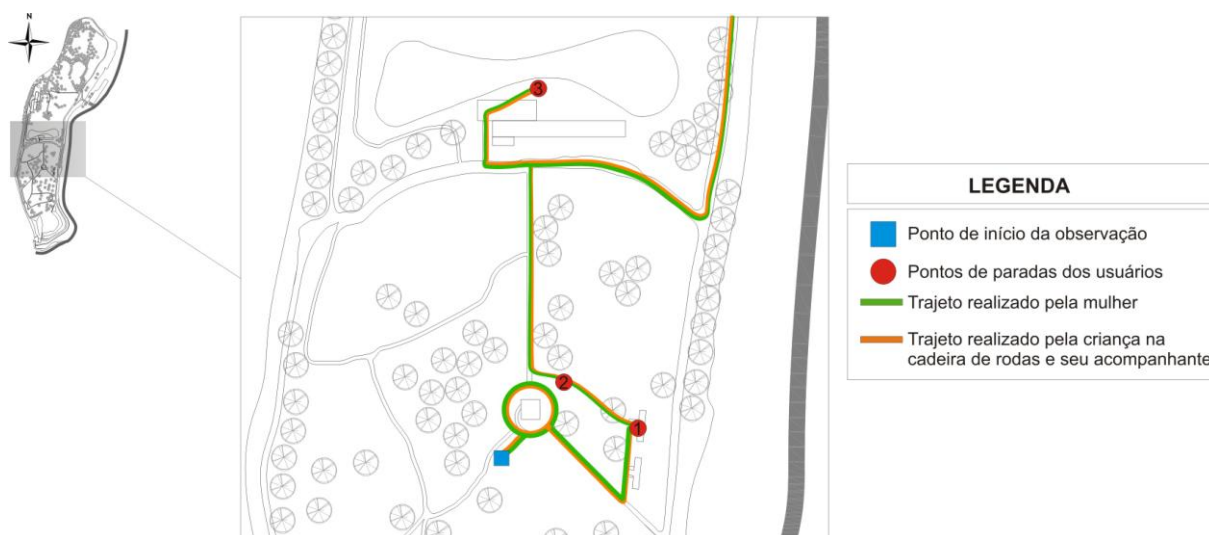
De fato, embora as condições do solo rígido e plano eram ofertas de acolhimento para que a pessoa em cadeira de rodas chegasse até ao local onde permaneceu, possivelmente indo até lá com a ajuda de seus acompanhantes, a acessibilidade era insuficiente para propiciar ao usuário condições de explorar o ambiente com independência e conforto. Permaneceu lá estático, sem autonomia, na expectativa de que seus acompanhantes voltassem.

## 6.2.2 O Caso 2: A menina que usava cadeira de rodas no Bosque

Da visita realizada em um sábado, 29 de setembro de 2012 das 09:00h às 13:45h.

A chegada ao parque foi realizada pela portaria 1, muitas pessoas estavam no parque nesse dia e havia uma concentração atípica de crianças na área do Bosque devido à excursão de uma escola.

Ao adentrar o Bosque e em meio a todo o movimento, avistei uma menina que usava cadeira de rodas e que estava acompanhada de um homem e uma mulher, possivelmente seus pais. A observação foi então iniciada no local representado pelo quadrado azul no mapa de deslocamento, figura 56.



**FIGURA 56** – Mapa deslocamento da menina usando cadeira de rodas e seus acompanhantes  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

No início da observação, a família parecia caminhar atraída pelo movimento de pessoas próximo ao coreto. Vale notar que o homem sempre esteve empurrando a cadeira de rodas, sem revezar com a mulher e sem que a pessoa em cadeira de rodas assumisse o controle do equipamento. Eles fizeram o trajeto pelo gramado, paralelamente a uma trilha de areia e seixos, e quando se aproximaram mais do coreto passaram à trilha de piso intertravado. Os trajetos estão representados pelas linhas em verde e laranja na figura 56.

As figuras 57 e 58 mostram o momento dessa transição do gramado para a trilha em volta do coreto. Este comportamento pode sugerir uma preferência por andarem no gramado ao invés de seguirem pela trilha com pedras. E, na sequência, uma preferência da trilha em piso intertravado em relação à grama, que pode se dever à maior facilidade de impulsionarem a cadeira de rodas num piso mais uniforme.



**FIGURA 57** – Deslocamento pela grama  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 58** – Passando para o piso intertravado  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

A família então dá uma volta em torno do coreto e em seguida o homem, sempre acompanhado pela mulher, guia a menina na cadeira de rodas até o anexo dos sanitários (FIGURA 59). Esse é o primeiro ponto de paradas deles, representado pelo círculo vermelho número 1 no mapa de deslocamento.



**FIGURA 59** – Se aproximando dos sanitários  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 60** – Mulher acompanha a menina  
Fonte: Arquivo da autora, 2012

É interessante notar que, na figura 59, a menina parece se interessar pelo movimento que havia naquela área observando as outras crianças que estavam próximas. Então a mulher acompanha a garota ao banheiro adaptado (FIGURA 60) enquanto o homem aguarda próximo ao local.

Quando elas saem, o homem assume novamente a função de guiar a cadeira e, nesse momento, não se sabe se por decisão da menina ou do pai, eles passam a caminhar novamente pela grama.

Ao analisar o trajeto feito no mapa, parece que a intenção era “cortar caminho”, pois não havia uma trilha que conectasse os sanitários à trilha central em linha reta. Nesse caso, eles teriam que voltar e passar em frente ao bicicletário novamente e seguir em torno do coreto, mas optam pela grama.

O homem empurrava a cadeira demonstrando dificuldade e um aumento da força para fazê-lo, pois esticava bem os braços e inclinava o corpo para frente, nesse trecho a grama parecia estar mais fofa o que dificultava a passagem da cadeira. De repente, as rodas dianteiras travaram na grama e a garota caiu no chão, círculo representado pela parada número 2 no mapa de deslocamento.

A menina leva as mãos à frente do corpo e consegue amortecer a queda, mas os pais ficaram visivelmente preocupados e constrangidos. Prontamente ajudam-na a voltar para na cadeira (FIGURA 61) e retomam a trilha em piso intertravado (FIGURA 62).



**FIGURA 61** – Mulher auxilia a garota após queda  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 62** – Retorno para a trilha  
Fonte: Arquivo da autora, 2012

A família segue então em direção ao Centro de Apoio, onde fica a lanchonete. Eles compram algo para beber e se sentam na grama, em frente ao espelho d'água, como mostrado na figura 63.



**FIGURA 63** – Família contempla espelho d'água  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Apesar de haver mesas e assentos disponíveis sob a marquise da lanchonete que tem vista para o espelho d'água, a família opta por se sentar na grama, inclusive a menina. Eles permanecem ali, sob o sol, de 11:40h às 12:00h quando se levantam e se dirigem à saída pela portaria 1.

O desfecho dessa visita leva a questionamentos sobre a intenção que a família poderia ter de caminhar mais tempo pelo bosque, observando as pessoas, ou se já tinham intenção de ir para o Centro de Apoio.

Será que a escolha por sentar na grama se deve à vontade do contato com ela ou tal comportamento pode ter sido motivado por certo constrangimento dos pais em relação à queda da filha?

Afinal, como o sol estava muito forte, contemplar o espelho d'água sentados à sombra poderia ser mais confortável. Outro fator que se destaca é o tempo de permanência das pessoas sentadas no chão, pois após se passarem 20 minutos eles decidiram ir embora.

Ressalta-se ainda a qualidade da interação da criança com outras pessoas que estavam no parque e com os próprios pais. Ela pôde observar outras crianças e

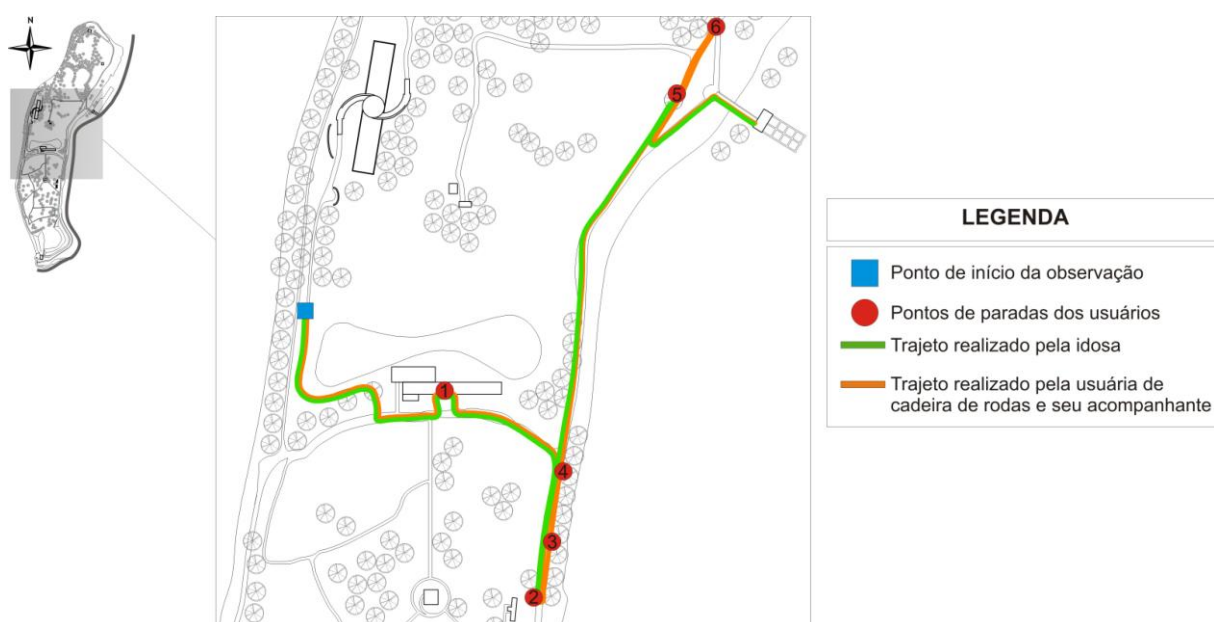
parecia se interessar pelo movimento no Bosque mas não interagiu com nenhuma delas, e durante o momento de contemplação em frente ao espelho d'água isso também não ocorreu.

De fato, nesse caso, a permanência no local pode ter sido condicionada à conveniência da pessoa que empurrava a cadeira de rodas em exercer tal esforço de modo prolongado após a experiência de dificuldades ao andarem sobre pisos irregulares. A distância percorrida e o evento acidental podem ter influenciado a família na decisão de permanecerem no parque na região restrita ao coreto e sanitário, considerando-se que a partir daí a distância até a saída era menor. Esse caso exemplifica influências das condições do piso e das distâncias sobre o comportamento de visitantes, incluindo-se uma pessoa em cadeira de rodas.

### 6.2.3 O Caso 3: A mulher que usava cadeira de rodas na trilha e Área Silvestre

Da visita realizada em um domingo, 07 de outubro de 2012 das 09:00h às 13:00h.

Às 11:15h, avistei um grupo de pessoas composto por um homem que guiava uma mulher numa cadeira de rodas e uma senhora que os acompanhava. Eles caminhavam pela trilha que voltava do Memorial da Imigração Japonesa, conforme é demarcado pelo quadrado azul no mapa de deslocamento, na figura 64.



**FIGURA 64** – Mapa de deslocamentos da mulher na cadeira de rodas, da idosa e o acompanhante  
Fonte: Criado pela autora, 2012.

Seguiram pela trilha circundando o parquinho 1 e passaram ao lado do anexo da lanchonete (FIGURA 65). Diminuíram a marcha da caminhada, no prédio administrativo, onde eles pararam para observar alguns cartazes expostos através das janelas envidraçadas, ponto de parada representado pelo número no mapa de deslocamento e na figura 66.



**FIGURA 65** – Na trilha próxima ao *playground*  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 66** – Observando cartazes expostos  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Durante esse trecho do percurso eles se mantiveram na trilha de piso intertravado, exceto em frente ao prédio administrativo que, para acessar a exposição, eles passaram por trechos de grama com pedras, e seguiram novamente para a trilha. Neste momento o homem que empurrava a mulher na cadeira de rodas se distanciou um pouco da senhora idosa que os acompanhava, deixando-a para trás (FIGURA 67). A senhora demonstrava sinais de cansaço ao reduzir o ritmo da caminhada.



**FIGURA 67** – Homem e mulher se distanciam da senhora  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Continuaram na trilha circundando a área do bosque. Neste trecho a trilha deixa de “atravessar” áreas do parque e passa a ser periférica. Ao lado dela há uma trilha mais larga em areia e cascalho, destinada para os usuários de bicicletas.

Após algum tempo caminhando sob o sol na trilha de piso intertravado, o homem passou a andar na trilha de areia e seixos impulsionando a mulher na cadeira de rodas até que eles pararam num local com sombra, representado pelo ponto de parada número 2 no mapa de deslocamento. A senhora então atravessou a trilha e parou ao lado deles por alguns instantes (FIGURA 68).

Retomando a caminhada, eles retornaram à trilha fazendo o caminho de volta e se separaram. A senhora voltou para a trilha de piso intertravado e o homem permaneceu na trilha de areia e seixos empurrando a mulher na cadeira de rodas, como pode ser visto na figura 69. Nesse caso, o trecho de toda a trilha estava sob sol intenso.



**FIGURA 68** – Grupo parado à sombra  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 69** – Pessoas se separam na trilha  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Eles caminharam mais alguns metros e ao longo do trajeto o homem fez duas pausas breves para descanso, representadas pelos pontos de parada 3 e 4 no mapa de deslocamento. Ambas foram realizadas em áreas bem sombreadas. No entanto, esses locais são um tanto inseguros para a parada de uma cadeira de rodas por estarem rentes ao talude sem proteção e que delimita a trilha não pavimentada (FIGURA 70).



**FIGURA 70** – Mais uma parada sem aproveitar a área de descanso  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

É interessante ainda ressaltar que havia espaço reservado para descanso bem próximo à parada deles na trilha pavimentada mas que, provavelmente, não foi utilizado por estar exposto ao sol intenso às 11:40h.

Após as duas breves paradas, o homem guiando a mulher na cadeira de rodas retornou à trilha pavimentada, num trecho mais sombreado, e todos seguiram juntos na trilha em direção à portaria 2 (FIGURA 71).



**FIGURA 71** – Novamente juntos na trilha  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Ao chegarem próximo à portaria, as pessoas se deslocaram no sentido oposto dela e saíram da trilha para uma área gramada através de um pequeno talude, no ponto de parada representado pelo número cinco do mapa de deslocamento.

O homem desceu com a cadeira cuidadosamente, como visto na figura 72, virando a mulher de costas para a descida para evitar que ela caia. Fica visível o esforço aplicado e a dificuldade em realizar tal movimento devido à inclinação e irregularidade do piso.

Nesse ponto do trajeto, há uma árvore sob a qual ele repousou juntamente com a mulher na cadeira de rodas. A senhora que os acompanhava preferiu sentar-se em um banco de concreto próximo à árvore, possivelmente influenciada pela altura do assento que poderia representar mais conforto para ela. O homem as deixou ali por

alguns minutos e elas permaneceram paradas, distantes e aparentemente sem condição oportuna para interagirem (FIGURA 73).

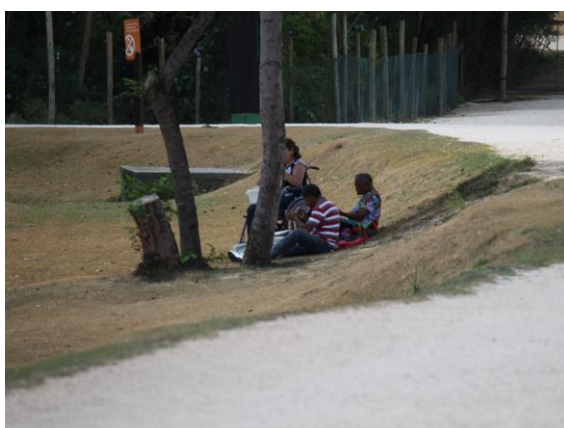


**FIGURA 72 – Esforço para a descida**  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 73 – Condição inoportuna para interação**  
Fonte: Arquivo da autora, 2012

Passados alguns minutos a senhora se deslocou até a sombra da árvore e permaneceu em pé por algum tempo quando finalmente, e com certa dificuldade, ela se sentou na grama. O homem retornou trazendo alimentos e bebidas. Ele se sentou junto a elas e ali eles lancharam (FIGURA 74).



**FIGURA 74 – Hora do lanche**  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

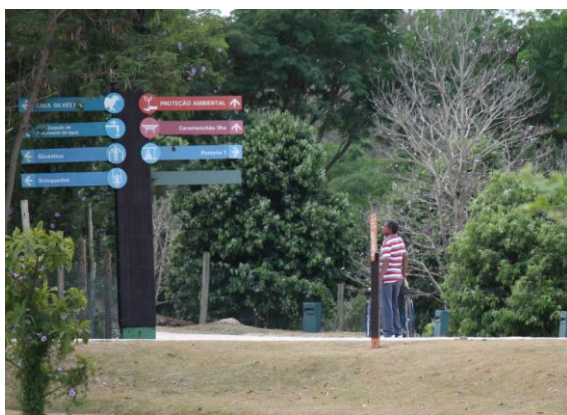


**FIGURA 75 – Homem retoma a caminhada**  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Cerca de 30 minutos depois, o homem se levantou e recomeçou a empurrar a mulher na cadeira de volta para a trilha. A senhora que os acompanhava permaneceu sentada, voltando ao banco como mostra a figura 75.

O homem então caminhou em direção a uma placa de sinalização e parou para olhá-la seguindo em frente logo depois. Ele estava a caminho da área de proteção

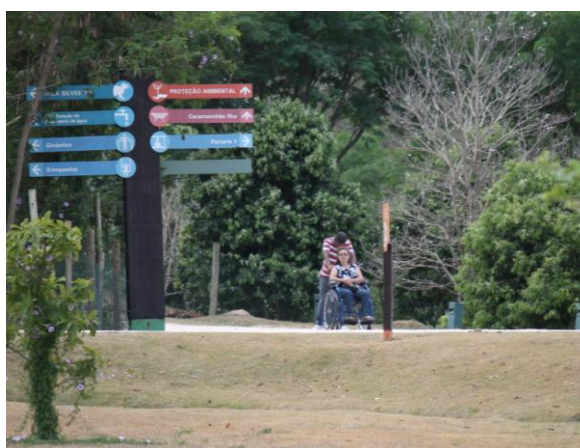
ambiental que tem o acesso restrito e só percebeu que a trilha terminava para eles, quando se deparou com o portão trancado. Naquele ponto, representado pelo número seis no mapa de deslocamento, ele retornou com a mulher na cadeira de rodas. Tal situação é ilustrada na sequência de figuras 76,77 e 78:



**FIGURA 76** – Homem lê informação da placa  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 77** – Homem segue para área restrita  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 78** – Homem retorna da área restrita  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Ao retornar com a mulher na cadeira de rodas, o homem acenou para a senhora que os aguardava ainda sentada. Ela passou a recolher os objetos deles que estavam na grama, voltou para a trilha e todos se dirigiram à saída pela portaria 2, deixando o parque.

Neste caso, os aspectos a serem ressaltados são o fato de em diversos momentos do trajeto realizado pelos visitantes eles terem se separado, as mudanças que os mesmos fizeram nos tipos de piso que parecem ter sido motivadas por questões de conforto climático, a questão da segurança, pois em determinados pontos a mulher na cadeira de rodas passa por situações arriscadas como ao parar à borda da trilha

e ao descer no talude, as condições do espaço em que eles decidem fazer o lanche que parece ser bem desconfortável para a senhora, a questão da orientação espacial ineficiente por seguirem a sinalização e não conseguirem acessar o espaço que era restrito e, o mais importante, como todos esses aspectos juntos mantiveram as pessoas desconectadas umas das outras, pois mesmo que estando próximas fisicamente, a qualidade da interação delas foi prejudicada por estes obstáculos ambientais.

#### 6.2.4 O Caso 4: A mulher que usava muletas em piquenique no Bosque

Da visita realizada em um domingo, 14 de outubro de 2012 das 09:00h às 13:00h.

Nesse dia, durante a observação entre os limites da área Esplanada e do Bosque, por volta das 10:15h, foi avistado um grupo de pessoas que chegava ao parque pela portaria 2. Havia uma mulher andando com o auxílio de muletas e um casal com duas crianças que a acompanhavam. Eles começam a ser observados logo em sua chegada, no ponto de início da observação relativo ao quadrado azul na figura 79.



**FIGURA 79** – Mapa de deslocamentos da mulher andando com muletas e seus acompanhantes  
Fonte: Criado pela autora, 2012.

Mesmo a mulher andando com muletas, eles não caminharam na trilha de piso intertravado periférica à área e seguiram pela Esplanada no trecho já detectado como de circulação frequente dos visitantes do parque como indicado pelas linhas verde e laranja no mapa acima.

Do ponto de início da observação até atravessarem toda a Esplanada a mulher de muletas parou três vezes, e isso foi representado nos locais indicados pelos pontos de números um, dois e três no mapa.

Na primeira parada as outras pessoas ainda a acompanharam (FIGURA 80), no segundo momento porém, ela parou sozinha enquanto seus acompanhantes a aguardaram num banco próximo ao início do bosque, como pode ser visto na figura 81.



**FIGURA 80** – Grupo para na Esplanada  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 81** – Dificuldades com muletas na grama  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Quando eles se reuniram novamente, caminharam mais um pouco em direção ao interior do bosque e escolheram uma árvore, no ponto de parada número 4, para se acomodarem sob ela (FIGURA 82). Cerca de apenas 20 minutos após terem se acomodado e iniciado um piquenique, gotas de chuva começaram a cair.

Enquanto as crianças ainda terminavam o lanche, a mulher se levantou com dificuldades se apoiando ao tronco de uma árvore (FIGURA 83) enquanto os outros adultos começaram a recolher os objetos.



**FIGURA 82** – Sob uma árvore no Bosque  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 83** – Dificuldades para levantar  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Após uma permanência muito curta no parque, das mais curtas já observadas durante a realização deste trabalho, as pessoas se prepararam para ir embora (FIGURA 84) em tempo de não serem surpreendidas pela chuva que ocorreu em seguida. Eles deixaram o parque seguindo o mesmo percurso que fizeram na chegada e com as mesmas dificuldades apresentadas pela mulher que andava com o auxílio de muletas.



**FIGURA 84** – Deixando o parque  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Nesta observação ficou nítida a dificuldade da mulher em se locomover pela grama usando muletas. E mais uma vez se reforçou o fato de que a maioria das pessoas costuma fazer um mesmo trajeto ao chegar na Esplanada, independente da condição física que vivenciam. Por essa dificuldade de locomoção, algumas vezes ela esteve afastada de seu grupo tendo ainda que lidar com o desconforto da caminhada.

No momento de fazer o piquenique, se viu a dificuldade para a mulher permanecer no chão e para se levantar dele. E o fato de não haver nenhuma área coberta próxima ao local onde eles escolheram para ficar pode ter ajudado, quando surgiram os primeiros sinais de chuva, na decisão do grupo de deixar o parque apesar de terem se preparado para o passeio e terem permanecido tão pouco tempo no local.

### 6.2.5 O Caso 5: O menino que usava cadeira de rodas no *playground*

Da visita realizada em um domingo, 28 de outubro de 2012 das 09:00h às 13:00h.

Havia um grupo grande de pessoas composto por muitas crianças e alguns adultos os acompanhando no parquinho 1, da Área Silvestre. A observação então teve início no ponto do quadrado azul demarcado no mapa de deslocamentos como mostrado na figura 85.



**FIGURA 85** – Mapa de deslocamento do menino na cadeira de rodas e seus acompanhantes  
Fonte: Criado pela autora, 2012.

Dentre as crianças do grupo, um menino andava com cadeira de rodas e estava à volta das outras crianças observando a movimentação. As pessoas permaneceram nesse parquinho por pouco tempo, e decidiram deixar o lugar.

Nesse momento, o menino seguiu para a trilha periférica ao parque (de areia e seixos) e passou do gramado para andar na trilha com o auxílio da mãe, como mostrado na figura 86, sendo esse local indicado no mapa pelo círculo de número um.



**FIGURA 86** – Menino segue para a trilha com auxílio da mãe  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Do ponto em que chega à trilha até o ponto número dois no mapa de deslocamentos, o menino seguiu impulsionando a cadeira de rodas sozinho e se distanciou um pouco de sua mãe (FIGURA 87), mas de repente parou e a aguardou, contando novamente com sua ajuda.



**FIGURA 87** – Menino segue pela trilha, sozinho  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

Enquanto os dois continuavam pela trilha, o grupo que os acompanhava seguia em linha reta atravessando pela área gramada em direção ao Centro de Apoio. Como neste trajeto não havia sinalização nem trilhas que os guiasse por aquele caminho, esse comportamento do grupo leva a crer que as pessoas já conheciam o parque.

Em determinado momento, a mulher e o menino estavam bem próximos a mim e pude ouvir o menino questionar à mãe:

“Não podemos ir na grama com eles?”, e a mãe respondeu: “Na grama é ruim de te empurrar meu filho, você vai acabar caindo”. O menino ainda comenta: “Nossa, mas tá muito quente”. A mãe então parou no ponto representado pelo número três no mapa de deslocamento e com dificuldade passou a impulsioná-lo pelo gramado (FIGURA 88).

Em seguida eles avistaram o grupo e a mulher parou mais uma vez (FIGURA 89), no ponto quatro no mapa de deslocamento, até que receberam ajuda de uma das pessoas para continuar impulsionando a cadeira de rodas do garoto (FIGURA 90). Essa outra pessoa, um homem, auxiliou o garoto ao passar em torno do espelho d’água (FIGURA 91), até que chegaram ao *playground* do Centro de Apoio.



**FIGURA 88** – Mãe e menino seguem pelo gramado  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 89** – Reencontrando o grupo  
Fonte: Arquivo da autora, 2012



**FIGURA 90** – Ajuda para seguir pelo gramado  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 91** – Indo para o outro parque  
Fonte: Arquivo da autora, 2012

Já na área do Centro de Apoio, os adultos se acomodaram próximos ao parquinho, enquanto as crianças foram brincar nele. Nesse momento, o garoto na cadeira de rodas ficou também próximo, mas fora da área do parque, no ponto de parada número cinco no mapa de deslocamento, apenas observando seus colegas que o acompanhavam.

Passados alguns instantes, pessoas do grupo o ajudaram a descer para a área do parque e o levaram até um balanço. Sentaram-no nesse brinquedo, junto a outras crianças para que ele pudesse brincar um pouco.

O menino permaneceu no brinquedo por pouco tempo, sempre sendo segurado por uma mulher, como mostra a figura 92. Em seguida, ele retornou para a cadeira e os adultos o levaram de volta para o local de onde ele poderia observar as crianças brincando, figuras 93 e 94.



**FIGURA 92** – Raro momento de interação  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 93** – Acabou a brincadeira  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.



**FIGURA 94** – Deixando o *playground*  
Fonte: Arquivo da autora, 2012.

O grupo permaneceu na área do playground por mais algum tempo. Os adultos chamaram as crianças para um lanche que ocorreu ali mesmo na grama e, em seguida, eles deixaram o parque pela portaria 1.

Neste último caso descrito, o aspecto que mais se destaca são os momentos em que o menino que utiliza cadeira de rodas precisou se separar de seu grupo e manifestou sua vontade de permanecer junto a ele.

Numa primeira ocasião quando eles deixaram a área do parque, e o garoto e sua mãe seguiram por um trajeto completamente oposto ao do grupo para acessarem a trilha, mas no caminho ele pediu para ficar junto das outras pessoas novamente.

Num segundo momento, já próximo ao outro parque, ele observou os outros garotos brincando e tentou brincar junto com eles.

É importante ressaltar também a questão da autonomia, pois o garoto conseguia guiar a cadeira sozinho, mas devido às dificuldades no caminho ele precisou ser ajudado várias vezes.

Quando ele pediu pra andar na grama junto com os outros reclamando do calor e a mãe seguiu com ele. Provavelmente o pedido não se deve ao fato de ir para a grama, mas sim de estar em companhia do grupo. Caso houvesse mais opções de trilhas que conectassem a Área Silvestre com o Centro de Apoio, por exemplo, eles não precisariam ter se separado do grupo, a mãe teria mais conforto e segurança para acompanhá-lo ou talvez nem precisasse empurrar a cadeira de rodas.

Já no *playground*, a falta de acessibilidade pelos desníveis no piso, os trechos de grama e de areia, não possibilitavam que o garoto pudesse permanecer na área dos brinquedos com as crianças, nem mesmo para só se deslocar com segurança. Além disso, a falta de brinquedos adequados para que ele pudesse compartilhar com as outras crianças parece ter sido a principal razão para que ele permanecesse a maior parte do tempo sozinho, enquanto os outros se divertiam.

### **6.3 O que os casos descritos informam**

Com base nas observações realizadas do comportamento dos usuários parece coerente dizer que a acessibilidade pode determinar comportamentos e influenciar na qualidade da interação social de usuários com problemas de mobilidade em parques públicos.

Considerando os casos descritos acima, é possível perceber alguns pontos em comum entre eles e aspectos relevantes no que se refere ao comportamento e à interação social:

#### **- No que se refere aos deslocamentos:**

Em todos os casos, foram detectadas dificuldades nos deslocamentos quanto à disponibilidade de caminhos acessíveis, confortáveis e/ou seguros, fazendo com que os visitantes com problemas de mobilidade tivessem que parar durante o percurso; Em todos os casos, percebeu-se que a exploração dos espaços foi limitada a determinadas áreas, sem que os usuários visitassem todas as áreas do parque;

#### **- No que se refere aos locais de permanência:**

Nos casos, 2, 3, 4 e 5 os usuários com problemas de mobilidade permaneceram a maior parte do tempo se deslocando e em áreas marginais ou periféricas às grandes áreas do parque que concentram o maior número de pessoas;

Nos casos 2 e 3 as pessoas com problemas de mobilidade mesmo realizando tarefas comuns à maioria dos usuários do parque não as realizam nas áreas mais ocupadas e comuns para tal atividade;

No caso 1, o homem na cadeira de rodas permanece parado e sozinho numa área onde normalmente as pessoas caminham ou realizam atividades dinâmicas;

#### **- No que e refere aos processos de interação:**

Em todos os casos observados, de alguma forma, ou pelo fato das pessoas se separarem nos deslocamentos, ou por paradas e dificuldades encontradas durante a realização dos trajetos, ou por não conseguirem desempenharem a mesma atividade juntos das outras pessoas, esses usuários do parque com problemas de mobilidade ou não tiveram a oportunidade de interagir com outros ou tiveram a qualidade da interação prejudicada em algum momento.

Com base nas inferências feitas até aqui, é necessário que haja uma confrontação dos dados obtidos, através das observações, com a percepção e opinião dos usuários do parque. Essa primeira confrontação se baseou nas entrevistas.

#### **6.4 Das entrevistas e seus resultados**

Como já mencionado nos procedimentos metodológicos, a aplicação de entrevista do tipo semiestruturada foi escolhida para tentar confirmar algumas conjecturas feitas a partir das observações, e dar a possibilidade de se revelar novos elementos que talvez não constassem nas observações ou nas respostas com opções pré-determinadas.

Com questões relativas às percepções e avaliações que os usuários têm do espaço e estrutura do Parque Ecológico, passando ao reconhecimento de determinadas áreas que poderiam indicar condições de orientação, seguidas da descrição e escolha de imagens em situações diversas, o questionário foi elaborado com a finalidade de reforçar ou refutar os resultados das observações a fim de se alcançar os objetivos da pesquisa e de se confirmar ou negar as hipóteses levantadas. O mesmo pode ser lido na íntegra nos Apêndices B e C.

Foram entrevistadas 32 pessoas, sendo 5 crianças entre 7 a 12 anos, 23 jovens e adultos entre 20 a 65 anos e 4 idosos entre 65 e 84 anos. Dos adultos entrevistados,

5 pessoas tinham algum problema de mobilidade e andavam em cadeiras de rodas ou com auxílio de muletas. Dos idosos entrevistados, nenhum tinha aparentemente algum problema de mobilidade.

O formulário da entrevista (APÊNDICE B), contém um cabeçalho no qual foram inseridas as informações sobre o entrevistado como a idade, a formação e o sexo, e ainda, se a pessoa estava só ou acompanhada e se tinha algum problema de mobilidade.

Respondendo à primeira pergunta, dos 32 entrevistados, 23 afirmaram já ter visitado o parque em outra oportunidade e 9 afirmaram ser a primeira vez. Dos 9 entrevistados que não haviam visitado o parque antes, apenas uma das pessoas tinha problema de mobilidade. Comparando as respostas entre os dois grupos, não foi possível perceber se a experiência acumulada interfere e facilita a interação social em espaços com condições inadequadas de acessibilidade

Nas questões 2, 3, e 4 os visitantes do parque eram questionados quanto às atividades que foram realizar no parque, se já tiveram dificuldades ou não conseguiram realizar alguma, e sobre qual área do parque mais gostavam. As respostas tinham múltipla escolha, com opções determinadas, sendo a última livre caso a resposta da pessoa não se enquadrasse às opções.

As três questões tinham campos para explicações caso a pessoa comentasse algo. Se percebesse a necessidade de algum esclarecimento para a resposta dada, a pessoa era questionada e as novas informações eram anotadas.

Na questão 2, quando questionados quanto à atividade que foram realizar no parque, 15 pessoas responderam que foram interagir com amigos ou outras pessoas, 6 foram fazer piquenique (que também é uma forma de interação), 5 disseram que foram brincar (que representam o grupo das crianças interagindo), 4 afirmaram que foram descansar e 2 foram caminhar.

Analisando as respostas apenas das pessoas com problemas de mobilidade, 3 disseram que foram interagir com pessoas, 1 afirmou ter ido fazer piquenique e 1 afirmou que foi descansar.

Tanto nos dados gerais, quanto nas respostas das pessoas com problemas de mobilidade é possível notar a prevalência dos objetivos por atividades de interação entre os usuários do parque. Esses dados reforçam as informações obtidas anteriormente através das observações e dos mapeamentos comportamentais.

Na questão 3, ao perguntar aos entrevistados se tiveram dificuldades para realizar alguma atividade ou se já tentaram fazer algo no parque e não conseguiram, 17 pessoas afirmaram que não. No entanto, 4 pessoas dos entrevistados com problemas de mobilidade e 2 pessoas sem problemas de mobilidade afirmaram ter tido dificuldades para caminhar. Seguem algumas justificativas:

*“Tem hora que eu não consigo acompanhar o pessoal, aí eles tem que parar pra me ajudar pra eu não ficar pra trás”.*

*“Eu já quis passar na grama mas sozinho eu não dou conta. E fazer a pessoa te empurrar lá é muito ruim né, e também balança muito”.*

*“Tem hora que tá muito quente pra caminhar né, aí você não acha uma sombra, tem ir nos sol mesmo”.*

*“As vezes tá muito sol, fica ruim pra andar, e aqui é grande...”*

Outro entrevistado que utilizava cadeiras de rodas fez um comentário interessante, afirmando que teve dificuldades para ir ao banheiro numa das visitas ao parque:

*“Na primeira vez que eu vim aqui entrei na outra portaria, aí tive que andar muito na grama até chegar no banheiro, foi um custo.”* Na verdade, a afirmação dele demonstra uma dificuldade na atividade de caminhar e de alcançar as instalações sanitárias. Mas, se tivesse acessado o parque por outra portaria, a distância ao

banheiro e o caminho para chegar até ele seriam bem diferentes. Caso o visitante tivesse uma experiência prévia, ou informações antecipadas, talvez, o deslocamento não teria sido “um custo.”

Duas pessoas idosas e um adulto afirmaram ter tido dificuldades para fazer o piquenique com as seguintes justificativas:

*“Hoje mesmo fui tentar sentar num lugar que a grama afundou e tava tudo molhado, não entendi”.*

*“Ah, ficar sentada no chão muito tempo não dá pra mim”.*

*“Uma vez viemos fazer um piquenique e tinha muita formiga subindo nas coisas, sem contar que tinha fezes de bicho na grama, bem perto...”.*

E mais 3 crianças, , 1 pessoa idosa e 1 adulto afirmaram ter tido dificuldades com outras atividades não listadas como, respectivamente, andar de bicicletas pois as disponíveis estavam estragadas e conhecer o Memorial, pois o mesmo estava fechado.

Na questão 4, para a pergunta sobre qual área do parque eles mais gostavam, 26 entrevistados responderam preferir a área gramada com árvores (Bosque), 4 preferiram a área da lanchonete e parquinho (Centro de Apoio) e 2 preferiram a área gramada sem árvores (Esplanada).

Dos usuários que preferem o Bosque incluem-se neles 4 pessoas com problemas de mobilidade. Nas observações de comportamento percebeu-se que a permanência dessas quatro pessoas ocorreu em áreas limítrofes ao Bosque. Isso pode indicar que essas pessoas preferiram determinada área mas nem sempre tem condições de frequentá-la. Nos comentários, é quase uma unanimidade justificarem a escolha pela presença das árvores e grama (contato com a natureza), e por essa ser uma área agradável e mais sombreada.

Das 4 pessoas que afirmaram preferir a área de lanchonete e parquinho, 3 eram adultos que acompanhavam crianças e relacionaram a preferência à estrutura próxima disponível como sanitários e bebedouros. Uma pessoa que andava em cadeira de rodas, fazia a primeira visita ao parque, e afirmou que não teve, pois, muita oportunidade de explorar o mesmo.

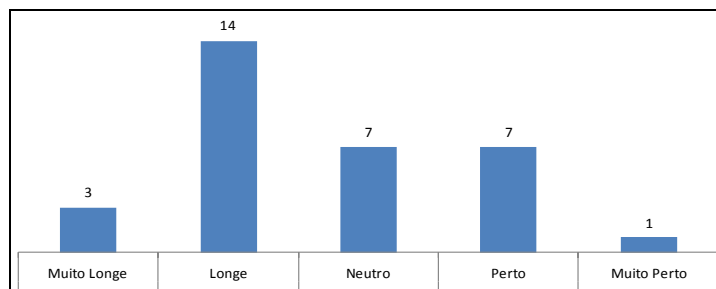
Fato curioso é que, das cinco crianças participantes da pesquisa, nenhuma mencionou a área dos parquinhos. Três também preferiram o Bosque e justificaram as escolhas pela possibilidade de contato com a natureza e pela sombra, classificando a área como a mais “gostosa” do parque. As outras duas preferiram a Esplanada, explicando que aquele espaço “parece mais divertido” e que é o único lugar “que dá pra jogar bola”.

As questões de 5 a 14 foram elaboradas utilizando-se escalas com o intuito de se mensurar o nível de satisfação, aprovação ou preferência e de desgaste físico dos usuários do parque em relação a alguns aspectos como:

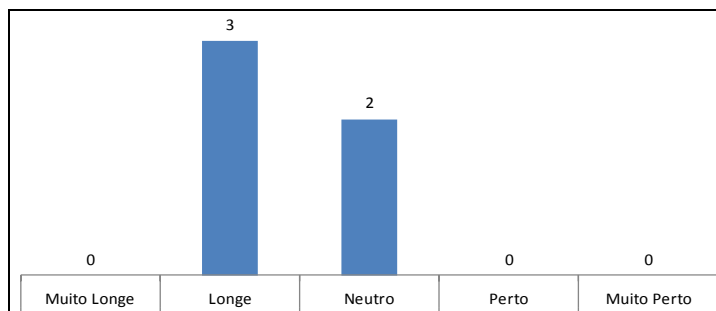
**- Satisfação com a distância dos banheiros em relação às portarias:**

A maior parte dos usuários entrevistados, 14 pessoas, consideraram os banheiros longe das portarias; 7 afirmaram que a distância para eles é neutra, e outros 7 afirmaram que acham perto. Três usuários classificaram-nos como muito longe, e apenas 1 pessoa afirmou que os considerava muito perto (GRÁFICO 12).

Analisando as respostas dos entrevistados com problemas de mobilidade e comparando-as às respostas gerais, tem-se que 3 pessoas acharam os sanitários longe das portarias e duas pessoas acharam a distância neutra (GRÁFICO 13). É interessante notar que, das pessoas que classificaram os sanitários como muito longe das portarias (GRÁFICO 12), todas eram adultas e nenhuma delas tinha problemas de mobilidade.



**GRÁFICO 12** – Distância dos banheiros na opinião de todos os usuários  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

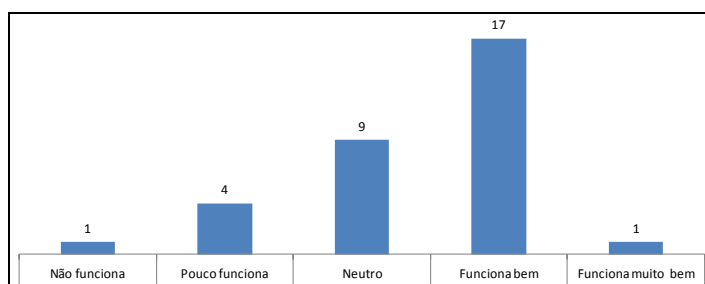


**GRÁFICO 13** – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

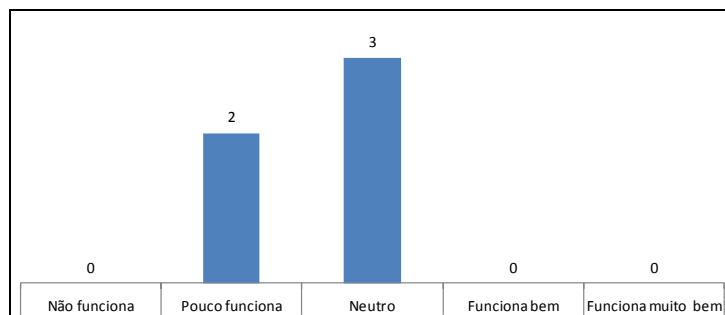
Este fato demonstra, que às vezes, as dimensões do espaço e as distâncias podem ser consideradas extremas também para pessoas que não tem problemas de mobilidade. Além disso, de uma forma geral, os banheiros do Parque Ecológico da Pampulha poderiam estar melhor localizados na opinião da maioria dos usuários.

**- Satisfação com a eficiência da sinalização do parque para se orientar dentro dele;**

A maior parte dos usuários entrevistados, 17 pessoas, afirmaram que a sinalização do parque funciona bem, 9 pessoas escolheram a opção neutro, 4 entrevistados disseram que pouco funciona, um afirmou que não funciona e outro que funciona muito bem (GRÁFICO 14).



**GRÁFICO 14** – Eficiência da sinalização na opinião de todos os usuários  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.



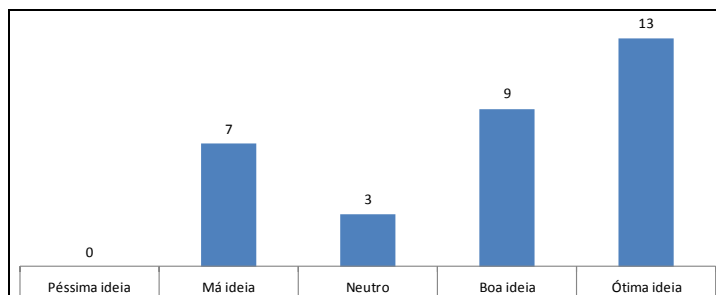
**GRÁFICO 15** – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

Passando-se às respostas dos entrevistados com problemas de mobilidade, 3 pessoas classificaram-na como neutra e 2 afirmaram que pouco funciona (GRÁFICO 15). Isso demonstra pouca eficiência da sinalização pelo menos para este perfil de usuário, que talvez possa ser explicada pelo fato da sinalização se localizar no alto, muitas vezes fora do ângulo de visão dessas pessoas ou, ainda, por conter informações que induzam a pessoa a seguir por um trajeto que é restrito como já foi visto nas observações.

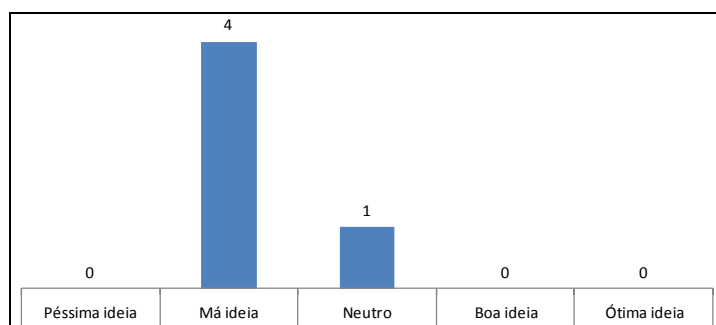
**- Satisfação com a opção de sentar na grama;**

A maior parte dos usuários entrevistados, 13 pessoas, afirmaram que sentar na grama é uma ótima ideia e outros 9 afirmaram que é uma boa ideia (GRÁFICO 16). Essa proporção de respostas favoráveis a essa atividade reforçam as observações de comportamento dos usuários feitas anteriormente e constantes dos mapas comportamentais.

No entanto, 3 pessoas classificaram a atividade como neutra e 7 como má ideia, sendo que destas, uma pessoa usando muletas assinalou a opção neutro e todas as outras que usavam cadeira de rodas afirmaram que é má ideia, como pode ser visto no gráfico 17.



**GRÁFICO 16** – Quanto a sentar na grama na opinião de todos os usuários  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

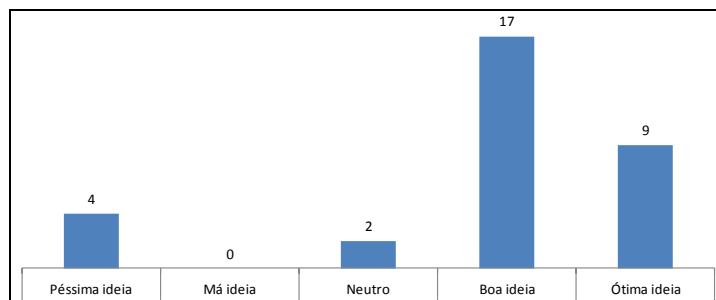


**GRÁFICO 17** – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

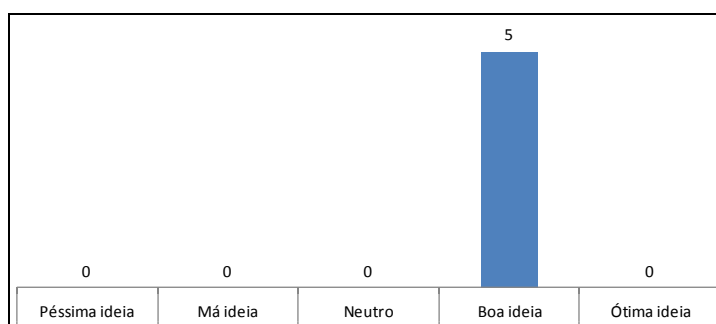
Essa discrepância nas respostas por grupos de usuários demonstra, por exemplo, a falta de flexibilidade no uso e de uso equitativo da área do Bosque. Vale notar que a ideia de andar na grama é considerada má por pessoas que têm dificuldade em fazê-lo e que tais pessoas não parecem levar em conta qualquer prazer em desenvolver a atividade.

**- Aprovação da ideia de haver mesas e bancos para piqueniques;**

A maior parte dos usuários entrevistados, 17 pessoas, afirmaram que a disponibilização de mesas e bancos para a área de piquenique é uma boa ideia, enquanto outros 9 a classificaram como ótima ideia (GRÁFICO 18). Apenas 2 pessoas optaram pela opção neutro e quatro disseram que acham péssima. Das pessoas que acham péssima ideia, algumas argumentarem que piquenique deve ser no chão mesmo. Todas as pessoas com problemas de mobilidade concordaram que esta é uma boa ideia (GRÁFICO 19).



**GRÁFICO 18** – Quanto a disponibilizar mesas na opinião de todos os usuários  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.



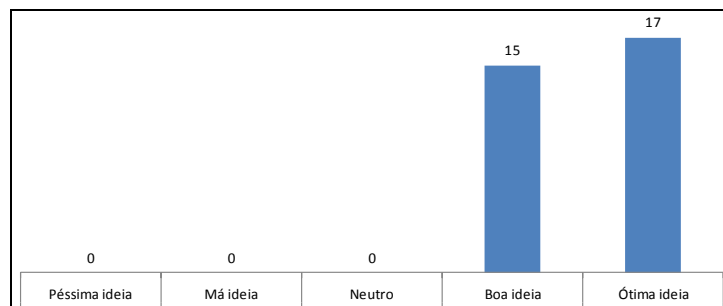
**GRÁFICO 19** – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

Os resultados dessa questão demonstram que a maioria dos usuários parece perceber a necessidade da existência de recursos diferenciados e capazes de auxiliar no suporte às atividades de interesse comum.

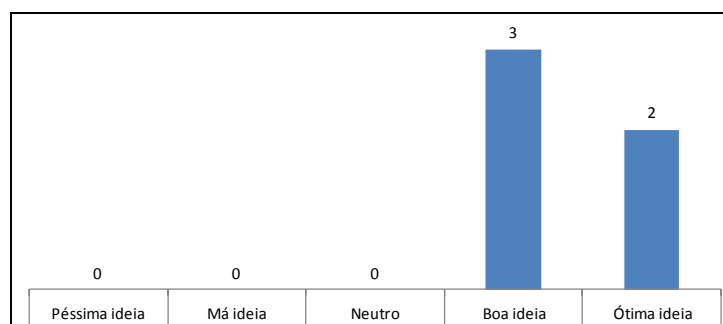
Mesmo que os entrevistados possam ter sido motivados por questões diferentes, como alguns pensando no conforto, outros na higiene e outros pensando na possibilidade de melhorar a interação com pessoas, o interessante é que a ideia pode ser útil a todas as pessoas sem prejudicar as que não concordam com ela, pois estes ainda teriam a opção de fazer o piquenique no chão.

**- Aprovação da ideia de haver pistas para bicicletas e caminhadas separadas;**

A ideia da criação de pistas separadas para bicicletas e para caminhadas é aprovada pela unanimidade dos entrevistados, sendo que 17 pessoas afirmaram que é uma ótima ideia e 15 afirmaram que é boa ideia (GRÁFICO 20), não havendo discordâncias entre as pessoas sem e com problemas de mobilidade (GRÁFICO 21).



**GRÁFICO 20** – Quanto a pistas separadas na opinião de todos os usuários  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

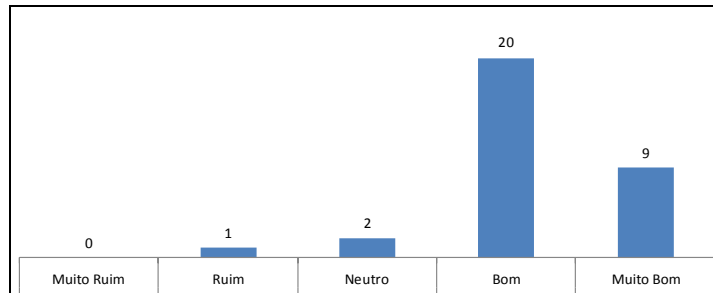


**GRÁFICO 21** – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

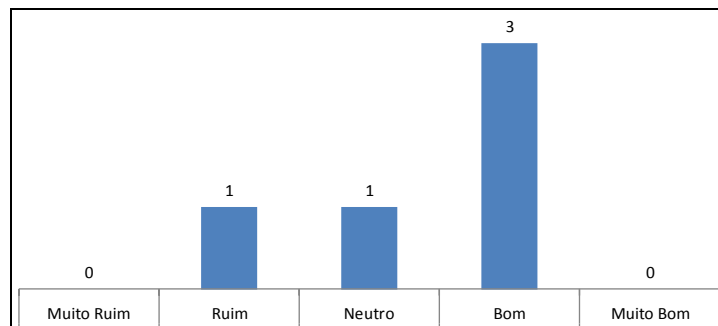
Apesar de haver trilhas de diferentes pisos no parque elas não são as mais adequadas para caminhada e para andar de bicicleta, além disso, mesmo que as pessoas sejam orientadas a pedalar em determinadas trilhas do parque, sempre é possível ver ciclistas e pedestres dividindo ou disputando espaço, o que indica a necessidade da separação dos fluxos para segurança dos usuários e a necessidade de melhorias nas trilhas, que pode ser seu alargamento, melhoria da pavimentação, e sinalização bem definida.

**- Satisfação quanto às áreas de sombra no parque;**

A maioria dos entrevistados, 20 pessoas, acha que a quantidade de áreas de sombra no parque é boa, sendo que 9 pessoas afirmaram que é muito boa (GRÁFICO 22), não havendo grandes discordâncias entre as pessoas sem e com problemas de mobilidade (GRÁFICO 23).



**GRÁFICO 22** – Quanto às áreas de sombra na opinião de todos os usuários  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

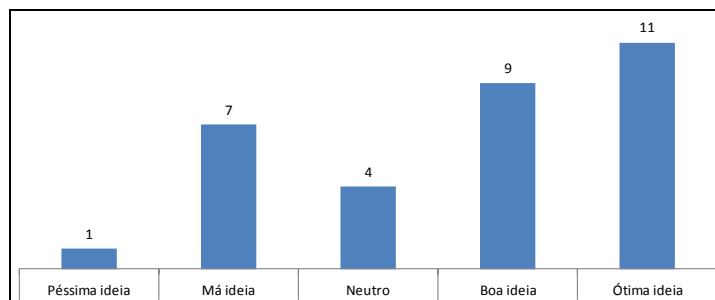


**GRÁFICO 23** – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

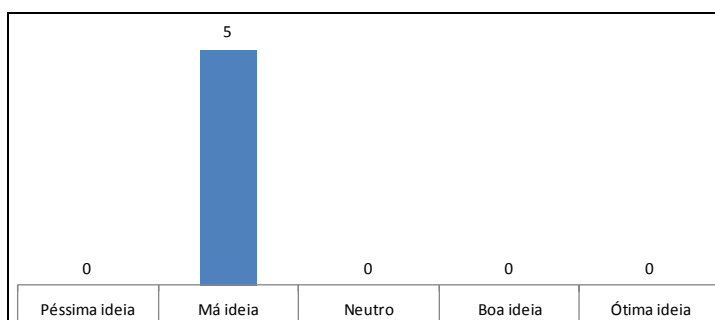
Das duas pessoas que opinaram como neutro, uma delas é usuária de cadeira de rodas, assim como a pessoa que afirmou achar a quantidade de áreas de sombras ruim. Apesar da maioria das avaliações sinalizarem para uma boa quantidade das áreas de sombra no parque, as pessoas costumavam mencionar que as árvores ainda estavam pequenas e que a tendência era melhorar com o tempo, o que demonstra uma expectativa das pessoas no aumento dessas áreas de sombra.

**- Preferência quanto a andar sobre a grama;**

Quando as pessoas foram perguntadas sobre o que acham de andar na grama, 11 pessoas afirmaram que é uma ótima ideia, 9 afirmaram que é boa ideia, 4 optaram pelo neutro, 7 classificaram como má ideia e 1 pessoa como péssima ideia (GRÁFICO 24). As respostas das pessoas com problemas de mobilidade, todas concordam que é má ideia andar na grama (GRÁFICO 25) e isso contrasta com a variação de respostas de todos os outros usuários.



**GRÁFICO 24** – Quanto a andar na grama na opinião de todos os usuários  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.



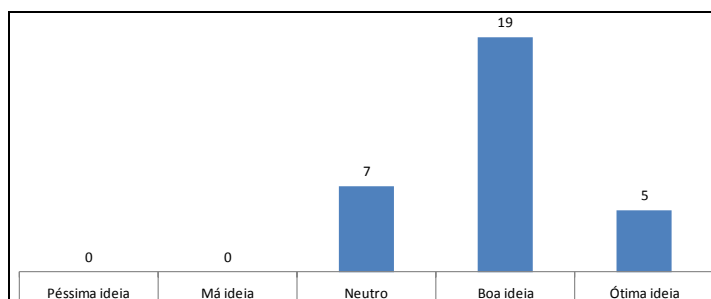
**GRÁFICO 25** – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

Este padrão de respostas demonstra como uma atividade que pode ser aparentemente simples na opinião da maioria das pessoas, pode se tornar um verdadeiro desafio para as que aquelas que lidam com algum problema de mobilidade.

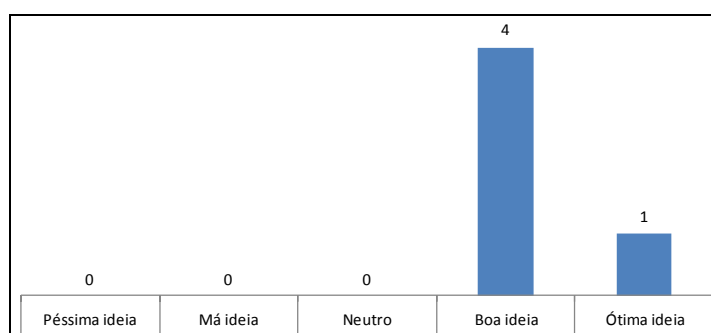
**- Preferência quanto a andar sobre o piso intertravado;**

Quando as pessoas foram perguntadas sobre o que acham de andar no piso intertravado, 5 pessoas afirmaram que é uma ótima ideia, 19 afirmaram que é boa ideia e 7 optaram pelo neutro (GRÁFICO 26).

Das pessoas com problemas de mobilidade, 4 acham que andar no piso intertravado é uma boa ideia e 1 avalia como ótima ideia (GRÁFICO 27).



**GRÁFICO 26** – Quanto a andar no intertravado na opinião de todos os usuários  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.



**GRÁFICO 27** – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

Com relação ao piso intertravado, mesmo que para algumas pessoas ele pareça não ser relevante, no contexto dos pisos existentes no parque ele é o que obtém maior aceitabilidade pelos entrevistados, e principalmente, para o grupo de pessoas com problemas de mobilidade. Vale ressaltar que, caso houvesse outros pisos mais regulares para se fazer uma comparação, talvez o piso intertravado não teria recebido a avaliação como “ótimo”.

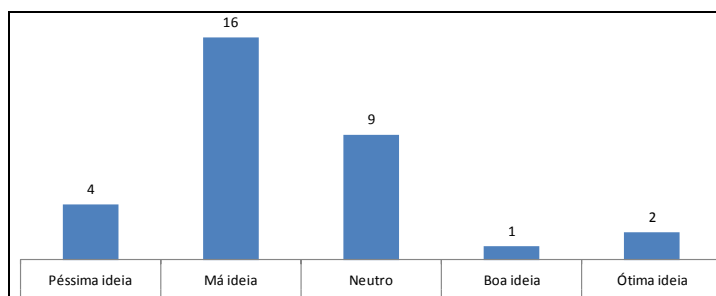
Pode-se dizer que esta é a opção de piso mais aceitável na visão dos visitantes do parque, pois atende bem as expectativas de diferentes perfis de usuários. E ainda, que ela pode ser aprimorada para melhor atender a todos, visto que a maioria dos entrevistados concorda que caminhar sobre o intertravado é uma boa ideia e uma parcela bem menor concorda que é ótima ideia.

#### **- Preferência quanto a andar sobre a areia e seixos;**

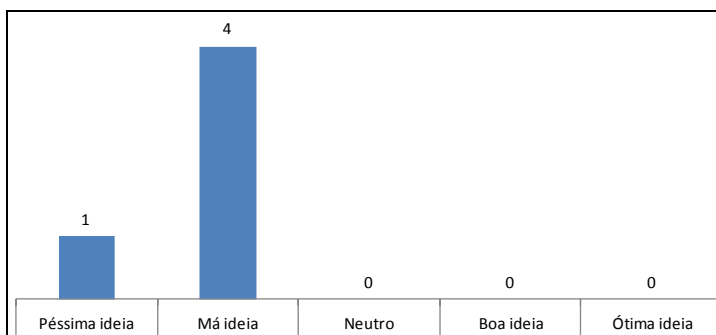
Quando os entrevistados foram perguntados sobre o que acham de andar na areia e seixos, 16 pessoas afirmaram que é má ideia, 9 optaram pelo neutro, 4 afirmaram

que é péssima ideia, 2 afirmaram que é ótima ideia e 1 afirmou que é boa ideia (GRÁFICO 28).

Das pessoas com problemas de mobilidade, 4 acharam que andar na areia e seixos é uma má ideia e 1 avaliou isso como péssima ideia (GRÁFICO 29).



**GRÁFICO 28** – Quanto a andar na areia/seixos na opinião de todos os usuários  
Fonte: Criado pela autora, 2013.



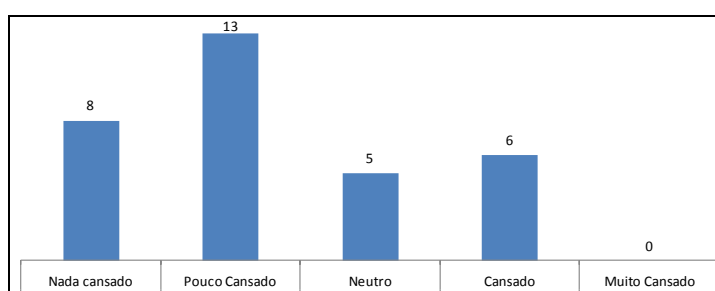
**GRÁFICO 29** – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade  
Fonte: Criado pela autora, 2013.

Já com relação ao piso em areia e seixos, mesmo que para algumas pessoas ele pareça não ser relevante, o padrão de respostas para esta questão demonstra que ele é visto como o pior piso para caminhar, na opinião da maioria dos usuários. Destaca-se aqui que, dentre as opções de trilhas, as de piso em areia e seixos é a mais abundante na área do Bosque que é a mais visitada pelos usuários em geral do parque.

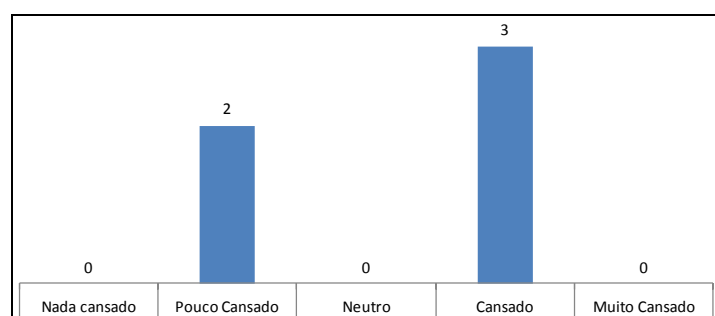
### - Desgaste físico nos deslocamentos dentro do parque;

Ao questionar os entrevistados quanto ao cansaço que eles sentiam ao se deslocarem de uma área à outra no parque, 13 pessoas responderam que se sentiam pouco cansadas, 8 responderam que estiveram nada cansadas, 6 responderam que ficaram cansadas e 5 optaram pela opção neutro (GRÁFICO 30).

Das pessoas com problemas de mobilidade, 3 se sentiram cansadas ao se deslocarem pelo parque e 2 pouco cansadas (GRÁFICO 31).



**GRÁFICO 30** – Quanto ao cansaço ao caminhar na opinião de todos os usuários  
Fonte: Criado pela autora, 2013.



**GRÁFICO 31** – Na opinião das pessoas com problemas de mobilidade  
Fonte: Criado pela autora, 2013.

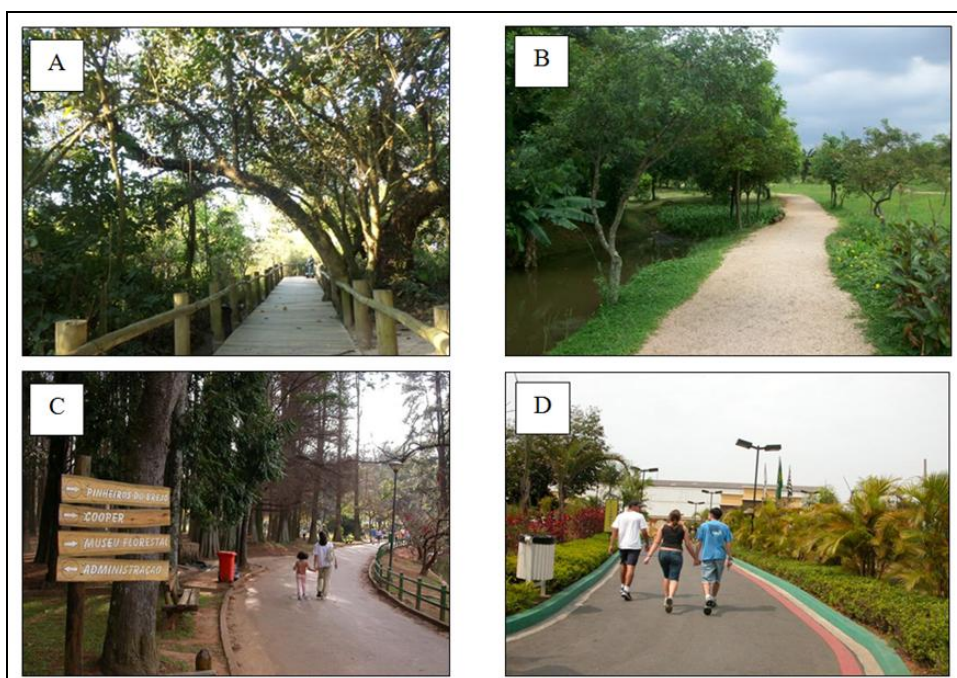
Os resultados dessa questão demonstram que, mesmo em intensidades diferentes, há pessoas cansadas com ou sem problemas de mobilidade. Tal resultado pode se relacionar às questões já mencionadas anteriormente como as distâncias entre estruturas disponíveis no parque e as condições de deslocamento como os tipos de pisos e o conforto térmico. Outro aspecto importante a ser mencionado é que algumas pessoas em cadeira de rodas não impulsionaram o equipamento sozinhas.

A questão de número 15, por sua vez, foi elaborada com o intuito de avaliar a percepção dos usuários em relação a ambientes e situações que retratavam as

principais atividades feitas no Parque Ecológico, a de caminhar e a de permanecer sentado à grama conversando ou fazendo piquenique.

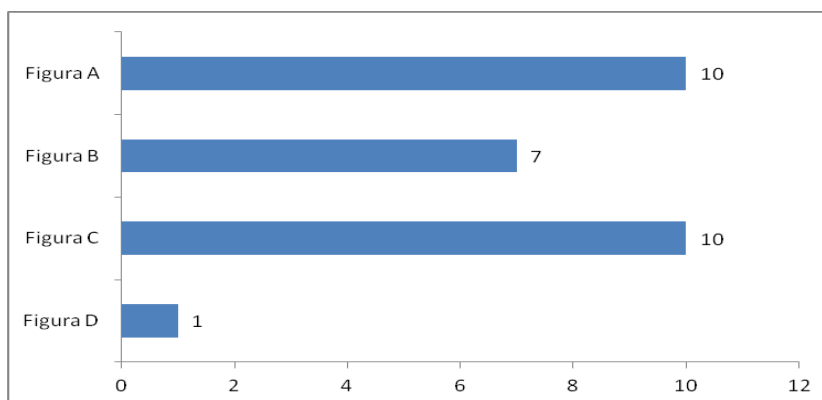
Foram selecionadas quatro imagens para cada situação, constando de ambientes diferentes, com estruturas diferentes e com ou sem pessoas. As imagens ficavam separadas em um cartão de figuras (APÊNDICE C) que era entregue ao entrevistado.

Foi solicitado que eles observassem as imagens e as descrevessem. Após a descrição pediu-se que escolhessem uma das situações e que justificassem a escolha. Para a situação 1 foram apresentadas as seguintes imagens, como na figura 95:

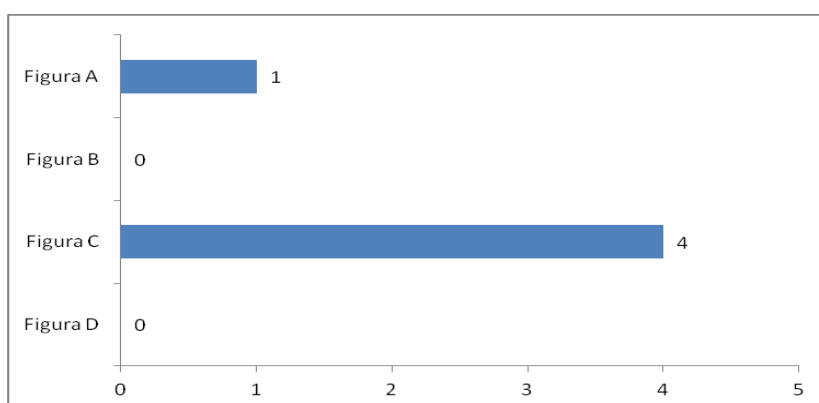


**FIGURA 95** – Imagens do cartão de figuras referentes à situação 1  
Fonte: Criado pela autora, 2013.

Os resultados quanto às escolhas de todos entrevistados e das pessoas com problemas de mobilidade seguem nos gráficos 32 e 33:



**GRÁFICO 32** – Escolhas de todos os entrevistados referentes à situação 1  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.



**GRÁFICO 33** – Escolhas das pessoas com problemas de mobilidade - situação 1  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

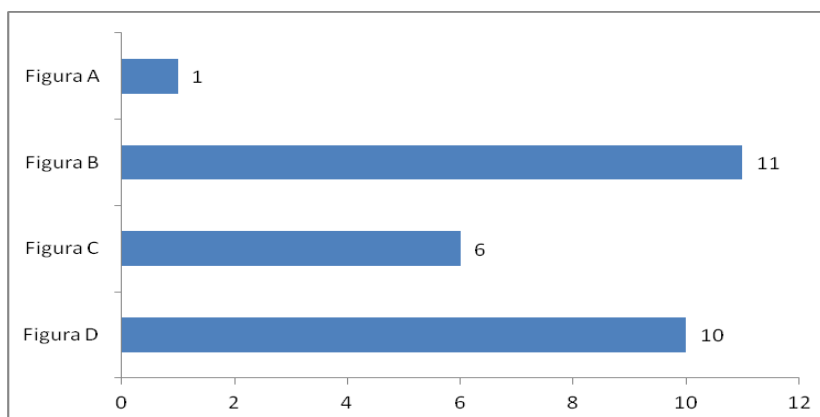
Analisando os gráficos percebe-se que a maioria dos entrevistados escolheu as opções A e C. Sendo que dos entrevistados com problemas de mobilidade, a maioria optou pela C. Dentre as justificativas que mais se repetem e merecem destaque para este grupo de usuários são: a presença de sinalização, bom piso para caminhada, presença de pessoas e contato com a natureza.

Para a situação 2 foram apresentadas as seguintes imagens, como na figura 96:

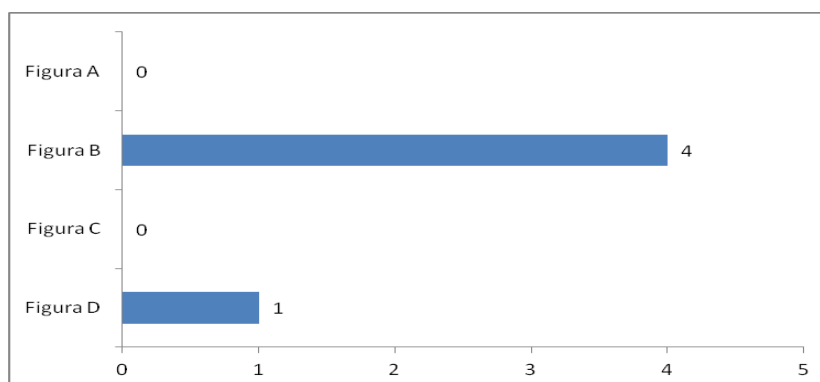


**FIGURA 96** – Imagens do cartão de figuras referentes à situação 2  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

Os resultados quanto às escolhas de todos entrevistados e das pessoas com problemas de mobilidade seguem nos gráficos 34 e 35:



**GRÁFICO 34** – Escolhas de todos os entrevistados referentes à situação 2  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.



**GRÁFICO 35** – Escolhas das pessoas com problemas de mobilidade - situação 2  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

Analisando os gráficos percebe-se que a maioria dos entrevistados escolheu as opções B e D. Sendo que dos entrevistados com problemas de mobilidade, a maioria optou pela C. Dentre as justificativas que mais se repetem e merecem destaque para este grupo de usuários são: o gramado bonito, a existências de mesas para piquenique, e a organização do espaço.

Os resultados dessas duas questões mais uma vez reforçam as características dos espaços que são importantes e valorizadas pelas pessoas com problemas de mobilidade e que muitas vezes passam despercebidas por outros usuários, como a existência de rotas acessíveis, flexibilidade de uso, a orientação espacial e a presença de pessoas que representa uma possibilidade de interação.

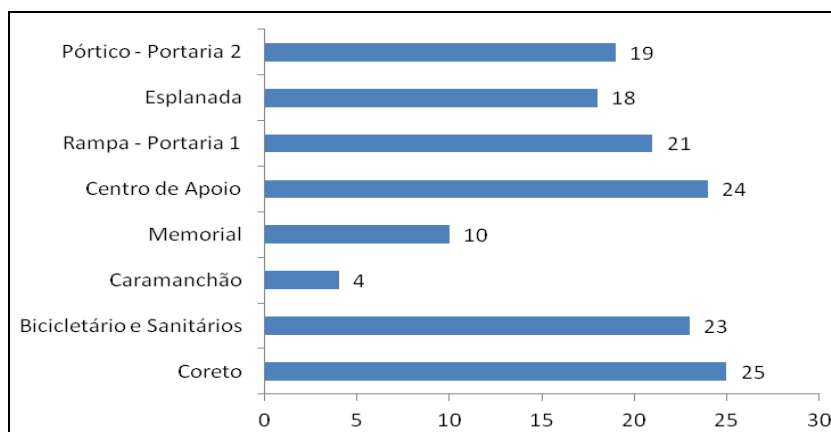
Contudo, as características citadas referentes aos elementos naturais dos espaços, como a presença de árvore, belo gramado e áreas de sombra foram amplamente citadas por todos os usuários como justificativa das escolhas.

E, por fim, as duas últimas questões 16 e 17, também realizadas a partir do cartão de figuras, tinham como objetivo avaliar quais estruturas e áreas do parque eram mais conhecidas e utilizadas.

O cartão continha oito imagens de diferentes áreas e estruturas do parque (VER APÊNDICE C) e solicitava que o entrevistado marcasse as opções que ele tinha familiaridade, e mencionasse dentre os lugares conhecidos ou vistos, quais tinham sido efetivamente utilizados por ele.

Os resultados obtidos nessas questões foram os seguintes:

Os elementos menos conhecidos pelos usuários do parque em geral são o Caramanchão e o Memorial da Imigração Japonesa. Todos os outros elementos foram bastante citados como mostra o gráfico 36:

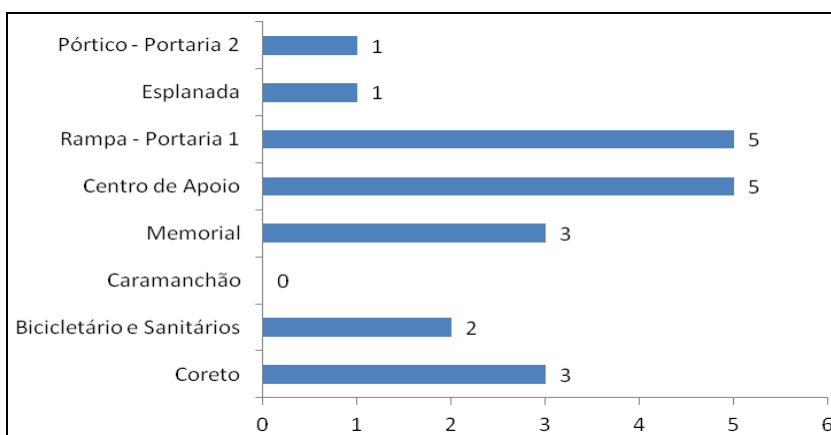


**GRÁFICO 36** – Elementos do parque reconhecidos por todas as pessoas  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

Os elementos mais conhecidos pelos usuários do parque com problemas de mobilidade são a Rampa da portaria 1 e Centro de Apoio, pois todos afirmaram conhecê-los e em seguida o Memorial da Imigração Japonesa e o Coreto foram os mais citados como mostra o gráfico 37.

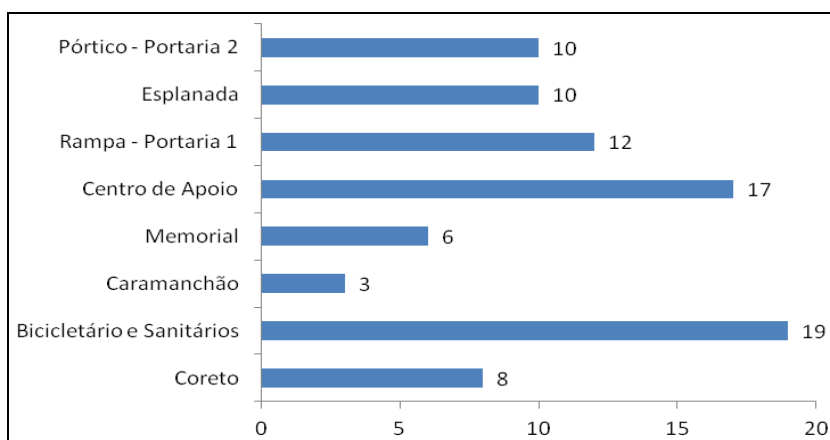
Tais respostas reforçam mais uma vez as observações feitas anteriormente no que se refere aos deslocamentos desses usuários e às áreas de visitação que tem acesso pelas trilhas de piso intertravado e mais proximidade com a portaria 1.

E na proporção de todas as respostas, os resultados demonstram que os elementos da Área Silvestre como o Memorial e o Caramanchão são pouco conhecidos, fato que pode representar uma subutilização dessa área.



**GRÁFICO 37** – Elementos reconhecidos pelas pessoas com problemas de mobilidade  
 Fonte: Criado pela autora, 2013.

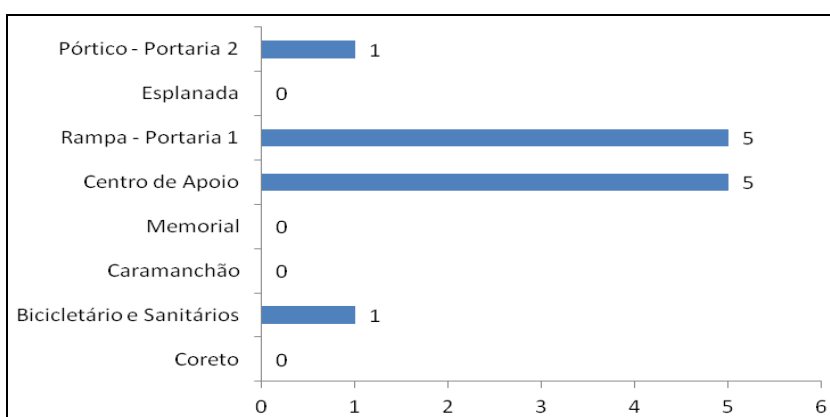
Dos elementos citados como conhecidos pelos usuários do parque em geral, os que foram efetivamente utilizados por eles estão representados no gráfico 38:



**GRÁFICO 38** – Elementos do parque utilizados por todas as pessoas  
Fonte: Criado pela autora, 2013.

Nota-se que as estruturas menos utilizadas do parque são, respectivamente (a) o Caramanchão, que fica muito isolado do restante das estruturas do parque, (b) o Memorial que tem estado fechado constantemente e (c) o Coreto, que normalmente é utilizado por crianças ou grupos de jovens.

Dos elementos citados como conhecidos pelos usuários com problemas de mobilidade, os que foram efetivamente utilizados por eles estão representados no gráfico 39:



**GRÁFICO 39** – Elementos utilizados pelas pessoas com problemas de mobilidade  
Fonte: Criado pela autora, 2013.

Neste caso, é possível concluir que mesmo conhecendo ou visualizando diversas estruturas do parque, os usuários com problemas de mobilidade tem o uso muito

restrito delas. Todos esses usuários afirmaram ter utilizado a Rampa da portaria 1 e o Centro de Apoio, mas só um afirmou já ter utilizado a portaria, e outro afirmou ter estado nos sanitários do bicicletário.

Retomando as hipóteses dessa pesquisa e confrontando-as com as informações obtidas nas observações e mapeamentos de comportamento, assim como nos resultados das entrevistas, pode-se dizer que os dados obtidos confirmam as hipóteses. Como a seguir:

**Hipótese 1:** As condições verificadas nos locais projetados com acessibilidade que aumentam a distância e tempo de percurso interferem na interação social das pessoas com problemas de mobilidade.

Com base nos mapas de deslocamentos dos usuários com problemas de mobilidade foi possível notar que, para essas pessoas se deslocarem nos locais projetados com acessibilidade, seguindo as trilhas de piso intertravado, quase sempre as distâncias são maiores que as percorridas por outros usuários que utilizam muitas vezes a área gramada para se deslocar num percurso menor.

As observações focadas nos usuários com problemas de mobilidade mostram que condições adversas como rotas de percurso em condições precárias ou insuficientes de acessibilidade dificultam a locomoção e conseqüentemente prejudicam o processo de interação social, como visto nos casos 1 (do homem com a cadeira de rodas parado na Esplanada), 3 (da mulher na cadeira de rodas que se manteve nas trilhas e na área silvestre), 4 (da mulher de muletas que atravessou a Esplanada com dificuldades) e 5 (do menino que se separou de grupo durante os deslocamentos e durante a brincadeira no *playground*).

Estes casos mostram que mesmo as pessoas com problemas de mobilidade compartilhando espaços com as outras pessoas, na maioria das vezes elas não conseguem acompanhá-las na atividade, o que prejudica a qualidade da interação entre as pessoas.

**Hipótese 2:** Pessoas com problemas de mobilidade não se limitam aos locais especificamente planejados para acessibilidade e utilizam o parque, independente do espaço ser plenamente acessível, mesmo com problemas de interação social.

Pode-se dizer que as áreas realmente acessíveis do parque são a lanchonete, os banheiros adaptados, e o Memorial da Imigração Japonesa, sendo que o último fora projetado para ser acessível mas tem permanecido fechado ultimamente.

Apesar das poucas opções de espaços planejados para acessibilidade, as observações de comportamento dos usuários demonstram que as pessoas com problemas de mobilidade se esforçam para permanecer próximas às outras pessoas no parque, tentando acessar diferentes áreas mesmo que estas sejam menos acessíveis. No entanto, as limitadas condições de acesso que os espaços lhes proporcionam dificultam os processos de interação social.

Como no caso do menino que usava cadeira de rodas, por exemplo, que deixou de utilizar as trilhas em piso intertravado para se deslocar sobre a grama mesmo com dificuldades, e assim se manter perto do seu grupo, e ainda tentando brincar junto a outras crianças no *playground*. A mulher na cadeira de rodas que estava acompanhada de uma idosa e um homem, grupo este que permaneceu mais tempo nas trilhas e enquanto caminhavam se distanciavam e pouco interagiram, e ainda, optaram por um lugar atípico e de difícil acesso para fazer o piquenique na área silvestre do parque. Há ainda o caso do homem que permaneceu sozinho na Esplanada e se separou de seu grupo que acessou o Bosque, deixando de interagir com ele.

Pode-se dizer que as pessoas, de um modo geral, tendem a ser atraídas por áreas com maior concentração de usuários e que, talvez, o fato de uma pessoa com problemas de mobilidade se distanciar da maioria das outras, ou se manter apenas nos espaços planejados para acessibilidade, pode ser influenciado por aspectos psicológicos provocados pela inacessibilidade dos outros espaços. Como, por exemplo, no caso da menina na cadeira de rodas que caiu no Bosque e que em

seguida deixa a área com os pais permanecendo por pouco tempo no parque: tal atitude pode ter sido estimulada pelo constrangimento provocado pela situação.

As observações de comportamento e os mapas de concentração de usuários ainda demonstram que as pessoas com problemas de mobilidade chegam a acessar áreas não planejadas para acessibilidade e comuns à maioria das pessoas no parque.

No entanto, a sua visitação é limitada por fatores ambientais que determinam até onde elas podem acessar o espaço e faz com que os usuários com problemas de mobilidade tendam a ficar em áreas marginais ou periféricas às grandes áreas. Ou seja, os espaços que as pessoas com problemas de mobilidade acessam não se integram aos espaços nos quais a maioria das pessoas permanece, diminuindo as chances desse grupo para a interação social.

**Hipótese 3:** Certos setores do parque mesmo tendo sido planejados para acessibilidade, de acordo com as normas da ABNT, não favorecem a interação social de pessoas com problemas de mobilidade.

Esses locais planejados para acessibilidade (como dito anteriormente, a lanchonete, os banheiros adaptados e o memorial), são poucos em relação a toda a área do parque. Considerando os que poderiam propiciar os processos de interação, que são a lanchonete e o memorial, as observações e entrevistas demonstram que eles são pouco utilizados em comparação às outras áreas como as áreas gramadas do Bosque, a Esplanada, as imediações do Centro de Apoio e os *playgrounds*.

Dessa forma, as áreas mais acessíveis são as menos utilizadas, aliado a este fato, a pouca opção de atividades para serem desenvolvidas não favorecem os processos de interação para as pessoas com problemas de mobilidade. No Bosque, Esplanada e *playgrounds* há maior probabilidade de interação social devido a presença de muitas pessoas que pode se relacionar a um pouco mais de variedade nas atividades. Então, se essas áreas forem mais acessíveis, as possibilidades de interação social para pessoas com problemas de mobilidade podem aumentar.

## **6.5 Última confrontação: a visita acompanhada**

Como dito anteriormente nos procedimentos metodológicos, além das observações e entrevistas realizadas para esta pesquisa, pensou-se numa última forma de confrontar os dados obtidos como forma de reforçar os resultados alcançados.

Foi realizada então uma visita acompanhada ao parque com uma jovem de 24 anos, usuária de cadeira de rodas. Isabela (nome fictício) tem ensino médio completo e trabalha nos Correios.

Acompanhando essa pessoa com problemas de mobilidade ao visitar o parque e ouvindo suas impressões e opiniões sobre as áreas e atividades disponíveis, pretendia-se entender melhor como as dificuldades de acessibilidade poderiam influenciar em seu comportamento e beneficiar ou dificultar sua interação com outras pessoas. Além disso, buscou-se esclarecer sobre quais aspectos do ambiente eram mais relevantes para ela, fato que de certa forma, poderia ser comum às outras pessoas com problemas de mobilidade.

Segundo Isabela, durante a realização do seu parto, sua mãe teve dificuldades, mas nenhum problema havia sido detectado quando do seu nascimento. Aos 7 meses de vida dela, a mãe começou a perceber que ela tinha dificuldades para firmar o corpo e para fazer alguns movimentos e resolveu investigar. Foi quando se descobriu que, por falta de oxigenação durante o parto, Isabela teve paralisia cerebral que afetou o desenvolvimento de suas pernas e braços.

Isabela consegue caminhar com muita dificuldade com a ajuda de um andador, mas só o faz para se exercitar. Como seus braços também foram afetados pela paralisia ela não consegue impulsionar uma cadeira de rodas comum sozinha. Hoje ela utiliza uma cadeira motorizada que a possibilita trabalhar, sair e estudar sem depender de alguém para sua movimentação.

A visita com Isabela foi realizada num sábado de manhã, dia 23 de fevereiro de 2013, das 08:45h às 11:30h. Ao chegar ao parque, pela portaria 1, foi solicitado a ela que ficasse à vontade para se deslocar pelas áreas e para comentar o que quisesse

sobre o percurso ou sobre o parque. Serão descritos então os trechos mais relevantes para as conclusões desta pesquisa:

E assim que começou a subir a grande rampa em madeira na entrada 1 ela comentou:

*“Dá uma sensação estranha isso aqui né? Fica tudo mexendo embaixo da gente e faz um barulho... Uma vez eu tombei pra trás, eu fui subir um morro e tinha um quebra molas, aí fui subir no quebra molas e eu tava sozinha aí eu caí pra trás com essa cadeira. Aí eu fico com mais cuidado agora sabe?”*

Passou a subir devagar pela rampa e seguiu pela trilha rumo à Área de Proteção Ambiental, quando de repente a rampa termina e ela passa para a trilha de areia e seixos e Isabela comenta novamente:

*“Tem lugar que parece um rally sabe de tanto buraco, mas aqui ainda tá tranquilo, com essa cadeira que tem a rodinha da frente mais grossa tá vendo? Ainda dá. Mas se eu tivesse vindo na outra cadeira a gente já teria agarrado na rampa lá atrás”.*

Aproveitando a deixa, questionou-se à ela se havia mudado muito de um piso para outro, já que ela estava na cadeira motorizada e ela responde:

*“Ah, já mudou né, mudou bem. Isso é areia né? Será que essa areia tá mole? Será que ela afunda? Porque aqui óh... tem horas que já dá umas agarradas”.*

*“É, com certeza essas pedrinhas não são boas, aqui elas parecem que estão pior! Terra pra cadeira de rodas não é bom, quando chove então... Aqui nós vamos ter que mudar porque tá muito ruim”.*

E quando questionada do porquê de ela ter escolhido aquela direção para subir:

*“Eu virei ali mas não foi por nada não, mas se eu soubesse que em cima ficava assim eu tinha optado ter vindo por lá mesmo”.*

Ao chegar na Área Silvestre e visualizar a área gramada ela pergunta:

*“Aqui as pessoas podem pisar no gramado é isso?”*

*“Mas assim... cadeira na grama... não passa, assim, essa aqui até passa, mas as outras, elas agarram muito e só vai se empinar a cadeira pra trás. E com essa cadeira balança né? Eu sinto que balança bastante na grama”.*

E assim que houve oportunidade mudou-se para a trilha de piso intertravado e após caminhar um pouco, ao passar por uma área de descanso, ela comenta:

*“Nossa isso aberto assim né? Nesse solão todo... podia ter uma árvore né? Mas se alguém quiser suar ali deixa né? Ou então pra pegar um bronzado (risos)”.*

É possível perceber através deste comentário que, provavelmente, a Isabela já sentia os reflexos da trilha sem áreas de sombra. Até que ao visualizar o prédio do Centro de Apoio ela comenta ao ver pessoas “cortando caminho” pela grama:

*“Ah aqui por exemplo, se eu quisesse ir pela grama aqui... Porque assim, eu não vou querer ir na grama, mas se eu quisesse, num tinha jeito... Tá vendo ali? (e aponta para um tipo de calha no piso entre a trilha e a grama). Não dá pra passar com a cadeira ali. Assim, tem a trilha né? Não precisa passar pela grama, mas vamos supor que eu quisesse sentar ali naquela sombra e fazer um piquenique, pelo menos daqui pra lá seria complicado”.*

Ao passar por um trecho sombreado por árvores na trilha Isabela demonstra gostar da mudança de sensação térmica:

*“Mas ah, com a sombra é bem melhor né? Parece que eu só sei reclamar!”*

Fica nítida nesse trecho a percepção sensorial quanto ao conforto térmico, fator que pode determinar quanto tempo a pessoa permanece no parque e quais atividades ela decide fazer.

Quando chega num ponto de entroncamento de trilhas ela pergunta para onde ir, e é dito a ela que havia passado por uma placa, ela comenta:

*“É mesmo? Nossa! Onde que eu não vi?” E ao avistar a placa, “É que eu só ando olhando pro chão. Eu não olho pra frente e muito menos pra cima! Acho que já é o costume pra olhar onde que eu tô passando”.*

Ela decide seguir para o Centro de Apoio para conhecer os banheiros e enquanto falava de outros assuntos, de repente retoma a questão de andar olhando para o chão:

*“Mas sabe, eu tenho mania de olhar pro chão, não sei mas eu gosto de ver onde eu tô passando, igual no centro... Eu não sei andar no centro, porque tem tanto buraco lá e eu fico com medo de passar e agarrar a cadeira, aí minha mãe fala, ‘Isabela sabe aquele lugar assim que a gente passou?’ E eu falo, ah não!”*

*“Eu não lembro sabe! Porque eu não olho pros lados! Aí ela fica ‘Isabela, olha frente, olha pra onde você tá, olha à sua volta...’ Igual aquela placa, eu nem reparei nela, talvez se ela fosse mais baixa eu teria visto.”*

Ela faz uma breve visita ao Centro de Apoio, pois queria conhecer os banheiros. Ela aprova as instalações e volta para a trilha decidindo ir conhecer o Memorial da Imigração Japonesa.

No trajeto para o Memorial, ao passar ao lado do parquinho, ela se intriga e comenta a ausência de brinquedos para que todas as crianças pudessem usar:

*“Porque olha só, eu já sou adulta e eu não vou querer brincar, mas... e pra uma criança cadeirante?..., tem uns que vão querer ficar lá no meio né? Com as outras crianças. Até que quando eu era mais novinha, nossa! Eu gostava de balanço, mas nunca dava pra eu balançar, mas só de sentar um pouquinho eu já ficava alegre,*

*sabe? Mas este tipo de balanço assim, só da pra gente sentar, pra ficar assim mais firme, quando ele tem encosto atrás sabe? Que aí a gente não fica tão solta”.*

Ao chegar ao memorial, a área como sempre estava vazia e o mesmo estava fechado, e Isabela parece ficar decepcionada com a situação:

*“Lá dentro tem o quê? Ah, pena que tá fechado né?”*

Sem tentar prosseguir ela retorna na trilha e, por isso, acaba não conhecendo o Caramanchão que fica depois do Memorial. Continua sempre seguindo a trilha de piso intertravado e se desloca em direção ao Bosque passando pela trilha central até chegar ao coreto. Ao passar pelo coreto e perceber que depois dele a trilha central termina e a faz mudar de direção, segue com outro comentário:

*“Aqui é bom né? Pra passar um tempo, pra fazer um piquenique. Mas aqui poderia ter trilha pelo menos nessa parte toda do meio né? Porque é ruim né? A gente já teve que sair de onde a gente tava pra continuar. Ali, por exemplo, tem mais sombra né, mas a gente tem que passar por aqui, porque ali fica complicado, deveria ter mais trilha no meio. Depois na hora de voltar a gente passa por lá pra ver como que é na grama”.*

Isabela passa a fazer o percurso periférico em torno do Bosque, pois naquele ponto não havia outra opção de piso, a não ser que ela fosse pela grama. Ao se aproximar da Esplanada ela desiste de continuar pela trilha. Neste ponto ela faz comentários interessantes:

*“Acho que vou pra grama. Aqui também não dá pra ver nada né? Você enxerga alguma coisa daí? A gente pode virar aqui agora né, pra lá tem muito sol”.*

Esse trecho no qual ela se recusa a passar, além de estar sob insolação intensa naquele momento é exatamente o trecho identificado anteriormente na pesquisa como o de trilha ociosa, e que fica “escondida” pelo talude. Saindo da trilha de intertravado ela passa a andar na grama em direção ao centro do Bosque:

*“Pra mim ainda tá tranquilo aqui, mas na outra cadeira eu nem arriscava, aqui eu tenho que andar com mais cuidado, eu vou até mais devagar, porque até com essa cadeira a gente vira”.*

E ao adentrar o Bosque e avistar a Esplanada ela percebe que percorreu todas as áreas do parque e comenta:

*“É grande aqui né... mas não tem nada pra fazer aqui não! Só piquenique! Pra mim... não sei se faria outra coisa, é bom pra sentar e conversar né, só isso. Mas tá bom né? Eu que não faço nada, tá ótimo! Mas ia ser melhor se tivesse mais coisa pra fazer”.*

Isabela retorna pelo Bosque, passando pela área central que não havia trilha, mas afirma que naquele ponto estava melhor pois a grama estava mais baixa. Justamente no trecho identificado nos mapas e na imagem de satélite do parque onde há desgaste o da grama provocado pela circulação mais intensa de pessoas.

Assim que tem oportunidade, ela retoma a trilha. Decide voltar ao Centro de Apoio para fazer um lanche rápido antes de ir embora e lá ela observa que os bebedouros não lhe atendem por serem altos pra ela. Já na trilha de volta, questionou-se à ela se voltaria ao parque com a família pra fazer um piquenique, como um grupo de pessoas que estava no Bosque próximo a trilha e ela responde:

*“Ah eu até voltaria, só que eu não ia ficar assim que nem eles não. Sentar no chão não dá pra mim sabe, eu só sento se eu tiver como apoiar, se encostar na árvore por exemplo, mesmo assim é muito ruim porque todo mundo tem que mexer comigo, tem que me segurar, tem que me ajudar né? E eu não gosto de chamar a atenção, porque as pessoas já não olham pra mim, e quando olham é de um jeito estranho sabe? Agora até que eu melhorei sabe, mas eu me achava feia por causa da cadeira, me achava esquisita. Mas ainda prefiro não chamar a atenção.”*

Com essas palavras fortes, Isabela demonstra como a experiência de viver cotidianamente enfrentando barreiras e se sentindo excluída pode interferir

negativamente na autoestima da pessoa, o que conseqüentemente pode dificultar uma postura exploradora dos espaços e dos meios sociais, e prejudicar sua interação com outras pessoas.

Mas antes de deixar o parque, ela tece outro comentário interessante relacionado ao corrimão instalado num trecho da trilha de intertravado em que havia uma rampa. Apontando para o corrimão ela diz:

*“Ah, isso aqui é muito bom viu?”.*

Mas como ela não “usa” o corrimão com as mãos, questionou-se o porquê do comentário e ela explica:

*“Ah porque essa trilha é bem estreita né, e tem essa alturinha do lado, então eu fico preocupada olhando com medo da cadeira sair, mas com isso aqui eu sei que eu tô no limite, dá mais segurança. Ali na frente não precisa mais que é bem mais largo, mas aqui eu achei isso bom”.*

E com esse comentário ela demonstra como seu ponto de vista é realmente diferente de uma pessoa que caminha sem precisar da cadeira de rodas e como uma solução, como um simples corrimão, pode auxiliar quem precisa se apoiar nele, mas também pode ter outras funções e ajudar outras pessoas, como no caso dela, definindo uma delimitação da trilha e lhe dando mais segurança para caminhar.

O trajeto realizado por Isabela e seus comentários quanto às condições de deslocamentos nas diferentes trilhas, seu questionamento sobre a quantidade e disposição das trilhas no bosque, a observação quanto à inacessibilidade no playground, dentre outros comentários, reforçam os aspectos já levantados nas observações e nas entrevistas, assim como ajudam a confirmar as hipóteses.

A hipótese de que “as condições verificadas nos locais projetados com acessibilidade que aumentam a distância e tempo de percurso interferem na interação social das pessoas com problemas de mobilidade” é reforçada pelos comentários de Isabela em que ela questiona as condições das trilhas durante

quase todo o percurso no parque, assim como a distribuição e quantidade das mesmas pela área do Bosque, que é a área mais utilizada pela maioria dos visitantes do parque.

O comportamento de Isabela, percorrendo diversos caminhos pelo parque, inclusive os que não foram especificamente planejados para acessibilidade, pode reforçar a hipótese de que “pessoas com problemas de mobilidade não se limitam aos locais especificamente planejados para acessibilidade e utilizam o parque, independente do espaço ser plenamente acessível, mesmo com problemas de interação social”.

Os comentários que ela faz ao falar que não havia variedade de atividades para ela fazer no parque e ao mencionar a situação de piquenique em que ela se sentiria desconfortável, reforçam a ideia da dificuldade de interação provocada pela inacessibilidade dos espaços.

A hipótese de que “certos setores do parque mesmo tendo sido planejados para acessibilidade, de acordo com as normas da ABNT, não favorecem a interação social de pessoas com problemas de mobilidade”, também é reforçada pois, pelos comentários de Isabela, parece que a existência dos espaços acessíveis não representavam possibilidades de atividades para que ela as desempenhasse ou as compartilhasse com outras pessoas, ou seja, ela não considerou esses espaços como possíveis locais de interação com outras pessoas. Pelo contrário, seus comentários relacionados a atividades que ela poderia realizar com outras pessoas, como conversar e fazer piquenique com a família, se referem à área do Bosque que não foi planejada para acessibilidade.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo, acredita-se ter alcançado dados relevantes no que se refere à acessibilidade ambiental em áreas públicas de lazer, como os parques, com a identificação de condições ambientais que podem estimular ou dificultar, ou até mesmo impedir, a experiência de interação social das pessoas com problemas de mobilidade em função de deficiências dos espaços.

A partir da temática tratada no referencial teórico, é reconhecida a importância do lazer na sociedade contemporânea. Como a principal característica do lazer é a liberdade (MEDEIROS, 1975), é através de seu usufruto que as pessoas têm a oportunidade de se desenvolverem socialmente (BRHUNS, 1992), podendo se expressar dentro de seu tempo livre duramente conquistado (BRAMANTE, 1998), ou seja, o lazer é em si um “campo de humanização das relações” (PINTO *et al*, 1998).

Dada a importância do lazer, são tão importantes quanto, os espaços disponíveis para que ele aconteça. Os espaços públicos de lazer representam a oportunidade de indivíduos conviverem com a diversidade e assim se desenvolverem através das relações sociais.

No caso dos parques públicos especificamente, o lazer e as relações sociais podem ainda ser acompanhados da melhoria da qualidade de vida das pessoas pelas características naturais do ambiente e as possibilidades de se exercitar o corpo, e ainda, através do contato com a natureza, ser uma oportunidade para a educação ambiental da população (CAMARGO 1998, OLIVARES *et al.*, 2003).

Para que toda a sociedade possa usufruir dos benefícios do lazer e se expressar através dele é preciso que os parques públicos e outros espaços de lazer sejam democráticos, pois a democratização do lazer é em si a democratização do espaço (MARCELLINO, 2007).

Essa democratização do lazer acontece, sobretudo, garantindo que os espaços sejam acessíveis a todas as pessoas, sem distinção de condição física, cognitiva,

idade ou gênero, fazendo-se necessária a aplicação da acessibilidade para os espaços e para as atividades que ele oferece.

Através dessa pesquisa foi possível perceber que, diante dos estudos nessa área em pleno desenvolvimento e com as garantias de acessibilidade estabelecidas em leis e normas, alcançar a acessibilidade de fato, que vai além do simples acesso a algo ou algum lugar, ainda é uma realidade distante mesmo em projetos de parques mais recentes.

Ficou evidente que a existência de normas e legislação direcionadas à questão da acessibilidade não são suficientes para garantir que a inclusão aconteça. Por seu caráter mais indicativo que definitivo (GUIMARÃES, 2009) a legislação gera lacunas que podem ser convertidas em adaptações que não solucionam verdadeiramente os problemas de acessibilidade e que muitas vezes separam ou segregam, sendo necessário, portanto, um constante aprimoramento dos estudos nessa área e o compromisso dos profissionais envolvidos em projetos com uma visão integrada das soluções e pensar em ir além do que está referido nas normas.

Somente dessa forma a Acessibilidade, “com ‘A’ maiúsculo” (DUARTE e COHEN, 2010) servirá ao processo de inclusão de todos na sociedade, gerando a sensação de pertencimento e importância nas pessoas antes excluídas deste processo. Para isso deve haver condições para que pessoas possam “desenvolver afetos pelo Lugar” (DUARTE e COHEN, 2010) e, portanto, não basta que acesso ocorra se não houver possibilidades de uso e de interação.

Para que haja acessibilidade em parques públicos faz-se necessária a compreensão dos aspectos físico-espaciais do ambiente e sua relação com o comportamento humano (LEWIN 1965, BARKER 1968) e mais ainda, a influência do espaço na comunicação interpessoal (HALL, 1966).

Saber dessa relação e observar os comportamentos dos usuários, como foi feito nesta pesquisa, pode ser um bom caminho para que se alcance dados relevantes

para nortear novos projetos ou ainda promover melhorias ou aumento da qualidade dos espaços através de processos de revitalização.

A qualidade de um espaço ou projeto será tanto maior quanto mais se concretizarem as atividades previstas para ele de forma satisfatória (REIS e LAY,2006) e acrescenta-se, quanto mais vasto for o público atendido.

É importante, pois, compreender as diferenças entre os usuários para que se possa pensar no uso equitativo. Como cada pessoa percebe e usa os espaços de diferentes formas (REIS e LAY, 2010), uma análise a partir das percepções e experiências dos usuários é uma potente ferramenta para que se melhore a qualidade dos espaços e como consequência, a autonomia das pessoas para realizarem atividades e a confiança para se engajarem em experiências de interação social.

Foi possível notar através dos resultados que, para os usuários do parque com problemas de mobilidade, o ordenamento do espaço e o mapeamento cognitivo (LYNCH 1960, LANG 1987, STEINFELD, DUNCAN e CARDELL 1997) são mais difíceis de se realizar em face às restrições que os espaços os impõem, impedindo que eles tenham uma noção da estrutura geral do parque uma vez que tendem a ficar limitados a determinadas áreas. Dessa forma eles podem ter a segurança para explorar o espaço abalada e conseqüentemente, terem as possibilidades de interação diminuídas ou sua qualidade prejudicada.

A partir dos conceitos de *affordances*, ou o que o ambiente proporciona ao usuário (GIBSON 1977, NORMAN 1998, SOEGAARD 2010) e de *behavior settings* (BARKER, 1968), ou os padrões de comportamento em função das características espaciais e temporais, notou-se que para os usuários sem problemas de mobilidade há formas de uso e comportamento típicos e mais possibilidades de atividades a serem realizadas do que para as pessoas com problemas de mobilidade.

Essa “falta de opção” para os usuários com problemas de mobilidade quanto ao que fazer e quanto a onde permanecer no parque, interfere em sua capacidade de

regulação do limite interpessoal, desrespeitando assim a privacidade dos mesmos (ALTMAN e CHEMERS, 1984).

As pessoas com problemas de mobilidade sem muita autonomia sobre sua proximidade ou distância individual em relação a outras pessoas, e sem domínio de sua territorialidade, ora tendo o espaço pessoal invadido por depender de outras pessoas, ora permanecendo isolada por não conseguir se aproximar, tem dificuldades no intercâmbio das informações pessoais e para a interação social (SOMMER 1973, HALL 1966).

No Parque Ecológico da Pampulha, os aspectos levantados como as condições de deslocamentos nas diferentes trilhas, a insolação intensa por quase todo o parque, a distância dos sanitários às portarias, a pouca quantidade e má disposição das trilhas de melhores condições no bosque, que se pode dizer a principal área do parque, e a influência desses elementos no comportamento das pessoas observadas, reforçam a hipótese:

“As condições verificadas nos locais projetados com acessibilidade que aumentam a distância e tempo de percurso interferem na interação social das pessoas com problemas de mobilidade”.

A tendência de pessoas com problemas de mobilidade permanecerem à periferia das grandes áreas numa tentativa de acessá-las, a inacessibilidade no *playground* e em setores como o bosque e a área silvestre que mesmo assim foram utilizados por pessoas com problemas de mobilidade, dentre outros aspectos, ajudam a confirmar a hipótese:

“Pessoas com problemas de mobilidade não se limitam aos locais especificamente planejados para acessibilidade e utilizam o parque, independente do espaço ser plenamente acessível, mesmo com problemas de interação social”.

Percebeu-se ainda que, pessoas com problemas de mobilidade, quando estavam distantes da maioria das outras pessoas, pareciam se resguardar para evitar

constrangimentos diante dos obstáculos, ou, simplesmente, o espaço não lhes dava outra possibilidade.

E, por fim, o fato de os espaços mais frequentados e utilizados por pessoas com e sem problemas de mobilidade serem os não planejados para acessibilidade, reforçam a hipótese de que:

“Certos setores do parque mesmo tendo sido planejados para acessibilidade, de acordo com as normas da ABNT, não favorecem a interação social de pessoas com problemas de mobilidade”.

O que demonstra novamente a tendência das pessoas a optarem pelas áreas mais povoadas e utilizadas, e a necessidade de se melhorar esses espaços para que eles atendam satisfatoriamente a todos os usuários.

Dessa forma, retoma-se outro importante conceito estudado no referencial teórico que é o Design Universal (MACE, 1989), com uma visão diferenciada na criação de projetos e produtos buscando que o maior número de pessoas possa usufruir dos mesmos. Como a igualdade de tratamento e de mérito são conceitos chave para o Design Universal (ALASKSEN *et al.*, 1997), pode-se dizer que a ele compete a evolução do conceito de acessibilidade para que tenha o “A maiúsculo” e que a inclusão de fato ocorrerá quando os espaços passarem a fornecer o uso equitativo.

Com os resultados dessa pesquisa foi possível estabelecer uma compreensão dos dados coletados à luz do referencial teórico, confirmando as hipóteses e alcançando os objetivos, pois verificou-se que a acessibilidade pode determinar comportamentos e influenciar na qualidade da interação social de usuários com problemas de mobilidade em parques públicos.

Recomendações podem ser válidas quando obtidas a partir da experiência dos usuários e de observações de projetos existentes. Em visitas a grandes parques urbanos da cidade de São Paulo, o Parque Villa-Lobos e o Ibirapuera, foi possível notar que os parques são extremamente movimentados e que apresentam grande

diversidade de público, bons indícios da qualidade do espaço em atender seus usuários. É fato que todos os parques têm problemas, mas o interesse aqui é focar nas possibilidades de uso mais equitativo e que podem ser replicadas em outros lugares, sem a intenção, é claro, de comparar os parques aqui citados com o Parque Ecológico da Pampulha.

Tanto no Parque Villa-Lobos quanto no Ibirapuera, numa primeira visita, foi possível perceber que seus espaços são amplamente ocupados por usuários. Em ambos, os visitantes contam com pistas de caminhadas separadas de pistas para bicicletas, patins, skates e afins, sendo que estas são bem largas e de pavimento liso, comportando muitas pessoas ao mesmo tempo com conforto e segurança (FIGURAS 95 e 96).



**Figura 95** – Pistas Parque Villa-Lobos  
Fonte: Arquivo da autora, 2013.



**Figura 96** – Pistas Parque Ibirapuera  
Fonte: Arquivo da autora, 2013.

Além das grandes áreas para deslocamento das pessoas nos parques, boa parte delas é bem sombreada, pois as árvores nesses parques já são maiores e houve um cuidado em se criar trechos de pistas bem próximos a essas áreas de sombreamento (FIGURA 97).



**Figura 97** – Pista sombreada, Parque Ibirapuera  
Fonte: Arquivo da autora, 2013.

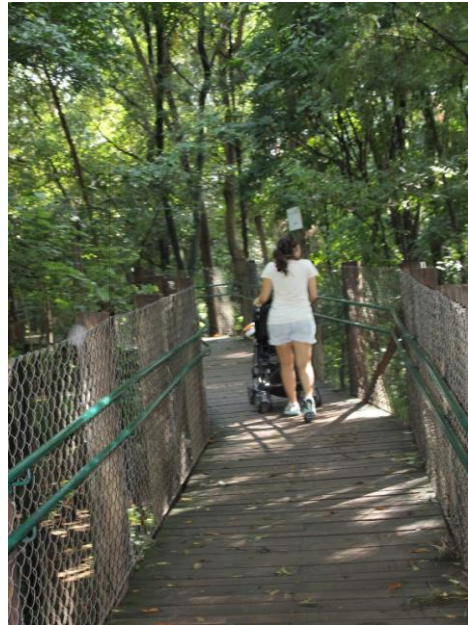
Outros aspectos interessantes de ressaltar são a disponibilidade de muitos bancos e instalações sanitárias bem distribuídas ao longo dos trajetos e a existência de diversas portarias, quatro no Villa-Lobos e dez no Ibirapuera. Logicamente, uma necessidade referente às dimensões dos mesmos, mas também uma forma de promover o uso de áreas que possivelmente permaneceriam ociosas sem a existência de todas as portarias.

Além das atividades de caminhar, andar de bicicleta, fazer piquenique e contemplar a natureza esses parques possuem diversas outras atividades disponíveis aos seus usuários.

No Villa-Lobos existem quadras de esportes, um orquidário, projeto de empréstimo de livros, praça dos pássaros para contemplação de aves, “Ouvillas” que consiste numa área com espreguiçadeiras e bancos cercada por caixas de som que tocam obras do compositor Heitor Villa-Lobos e o interessante Circuito das Árvores que é uma passarela suspensa que sobe em inclinação suave até atingir 3,5 metros de altura possibilitando que os visitantes cheguem bem próximos das copas das árvores (FIGURAS 98 e 99).



**Figura 98** – Circuito das Árvores Villa-Lobos  
Fonte: Arquivo da autora, 2013.



**Figura 99** – Dentro do circuito  
Fonte: Arquivo da autora, 2013.

No Ibirapuera também há quadras, restaurante e lanchonetes, praça de jogos com mesas de pingue-pongue, xadrez e dama, viveiro de plantas aberto ao público, planetário com programação regular aos finais de semana, museus Afro Brasil, de Arte Moderna e de Arte Contemporânea, Auditório dentre diversas outras opções de lazer. Destacando-se a ideia da grande marquise (FIGURA 100) que é uma extensa área sombreada, com piso liso, onde pessoas se reúnem para diversas atividades, e o *playground* acessível (FIGURA 101).



**Figura 100** – Marquise, Ibirapuera  
Fonte: Arquivo da autora, 2013.



**Figura 101** – *Playground* acessível, Ibirapuera  
Fonte: Arquivo da autora, 2013.

Conhecer o que feito está, no Parque Ecológico da Pampulha e em outros parques, pode ser uma fonte importante de informações para melhores projetos no futuro e para a promoção de revitalizações com melhores resultados nos já existentes. Como

afirmou Lefebvre (1969), “inventariar a partir da experiência obtida, tirar lições dos fracassos” é o caminho para que se avance no ato de projetar e, nesse caso, nas áreas em desenvolvimento: acessibilidade e design universal.

As decisões de projeto deveriam considerar os resultados de pesquisas na área Ambiente-Comportamento, partindo do pressuposto de que as predições são mais acuradas quando refletem um conhecimento do existente, e que é possível aferir os erros (patologias) e acertos no projeto construído em uso, a ser avaliado a partir do ponto de vista do usuário (REIS; LAY, 1995; ZEISEL, 1995).

Com base nessas experiências e com as informações obtidas nas observações, poder-se-ia recomendar alguns itens para melhoria dos serviços do Parque Ecológico da Pampulha e melhor aproveitamento de suas áreas por todas as pessoas como:

- Criação de atividades monitoradas para educação ambiental aos finais de semana;
- Criação de nova portaria próxima ao Memorial da Imigração Japonesa e Caramanchão para promover o uso dessas estruturas;
- Ampliação das trilhas, criando rotas acessíveis, principalmente nos pontos identificados de grande circulação;
- Separação clara e segura, e alargamento de pistas de caminhada e de bicicletas, com melhorias na pavimentação;
- Criação de mais instalações sanitárias;
- Criação de pontos de parada e descanso à sombra;
- Criação de áreas sombreadas ao longo das trilhas, mesmo que artificialmente como treliças e pergolados;
- Criação de mesas e bancos nas áreas de piquenique que possibilitem que uma pessoa usuária de cadeira de rodas se acomode nela;
- Instalação de bebedouros em diferentes alturas e ao longo das trilhas, etc.

É claro que não se pretende com esta pesquisa e com essas recomendações simplificar um campo de estudo tão complexo, muito menos esgotar as discussões sobre o tema, como afirma Minayo (1994), “o produto final da análise de uma pesquisa, deve ser sempre encarado de forma provisória e aproximada”.

Mas espera-se que a partir desta, possam ser realizadas outras pesquisas com o mesmo viés, em outros parques, espaços públicos de lazer de estruturas diversas, com o intuito de se comparar resultados e identificar aspectos comuns relevantes para projetos desse tipo, ressaltando a importância da acessibilidade e mais, do Design Universal e do projeto com foco no usuário.

Esta pesquisa pode ainda servir de banco de informações e indicações de fontes teóricas para profissionais interessados em entender o comportamento das pessoas em espaços públicos antes de projetarem novos espaços de convivência e de lazer e quiçá, como referência metodológica para novas pesquisas relacionadas ao tema.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Sérgio Luís. **Espaço Público: Do urbano ao político**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008. 196 p.
- ALTMAN, I. CHEMERS, M. **Culture and environment**. New York: Cambridge University Press, 1984, 316 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050-2004: Acessibilidade a Edificações, Espaços e Equipamentos Urbanos**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: ABNT. Junho, 2004. 97 p.
- ARCOWEB. **Pavilhão sobre espelho d'água liga Minas ao Japão**. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/gustavo-penna-mariza-machado-coelho-memorial-imigracao-japonesa-03-11-2009.html>>. Acessado em 15 de dezembro de 2012.
- ASLAKSEN, Finn *et al.* "Universal Design and Equal Status", capítulo 1, em **Universal Design: Planning and Design For All**, Askaksen, Finn *et al* (edt.). The Norwegian State Council on Disability, 1997. p. 9-15.
- BARKER, R. G. **Ecological psychology**. Stanford: Stanford University Press, 1968.
- BENTLEY I., *et al.* **Responsive environments**. London: The Architectural Press, 1985.
- BORJA, Jordi & MUXÍ, Zaida. **El espacio público: cuidad y ciudadanía**. Barcelona: Electa, 2003.
- BRAMANTE, Antônio C. **Lazer: Concepções e significados**. Belo Horizonte: LICERE, vol.1, n.1, 1998. p. 9-17.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acessado em 23 de outubro de 2012.
- BRASIL. **Decreto Federal no. 5296, de 02 de dezembro de 2004**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm)>. Acessado em 31 de abril de 2011.
- BRUHNS, Heloisa Turini. "O culto do corpo-prazer: o fenômeno lazer e o lúdico". **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.12, n1/3, p. 271-275, 1992.
- CAMARGO, Luiz O. Lima. **Educação para o Lazer**. São Paulo: Ed. Moderna, 1998. 160 p.
- CONNELL, B. R., JONES, M. L., MACE, R. L., MUELLER, J. L., MULLICK, A., OSTROFF, E., SANFORD, J., *et al.*, **The Principles of Universal Design**. Version 2.0, Raleigh, N.C.: Center for Universal Design, North Carolina State University, 1997. Disponível em: <<http://www.ncsu.edu/project/design-projects/udi/center-for-universal-design/the-principles-of-universal-design/>>. Acessado em 2 de março de 2012.
- DELONG, A. J. "The Micro-Spatial Structure of the Older Person: Some Implications for Planning the Social and Spatial Environment" em L.Pastalan e D.Carson (eds.), **Spatial Behavior of Older People**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1970.
- DISKIN, L. "Qualidade de vida é possível?". **Revista E**, São Paulo: SESC, outubro 2000, p. 34-39.
- DUARTE, R. C., COHEN, R. "Acessibilidade como fator de construção do Lugar" em Prado, A.R. Lopes, M.E. e Ornstein, S.W. (orgs.) **Desenho Universal: Caminhos para a Acessibilidade no Brasil**. ISBN: 978-85-391-0055-2. São Paulo: Annablume, 2010. p. 81-94.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 17-64.

EICH, Neri Vitor. "Nova lei manda parques adaptarem brinquedos para deficientes". **Estadão**, 17 de julho de 2009. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,nova-lei-manda-parques-adaptarem-brinquedos-para-deficientes,404303,0.htm>>. Acessado em 05 de junho de 2012.

ELALI, G.; PINHEIRO, J. Q. "Edificando espaços, enxergando comportamentos: por um projeto arquitetônico centrado na relação pessoa-ambiente". Em: LARA, Fernando; MARQUES, Sonia (Org.). **Projetar: Desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto**. Rio de Janeiro: EVC, 2003, p. 130-144.

ELALI, G. "Uma contribuição da Psicologia Ambiental à discussão dos aspectos comportamentais da Avaliação Pós-Ocupação". Em: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**. São Paulo, n. 20, p. 158-169, dezembro, 2006.

GIBSON, J. J. "The theory of affordance" em SHAW, R. e BRANSFORD, J (eds.) **Perceiving, acting and knowing: toward and Ecological psychology**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1977.

GUIMARÃES, M. P. "Desenho universal é Design Universal: conceito ainda a ser seguido pela NBR9050 e pelo Decreto Lei da Acessibilidade," em **Portal Arquitectos: Vitruvius**, 0996.03, ano 08. Maio 2008. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/08.096/141>>. Acessado em 14 de abril de 2011.

\_\_\_\_\_. "Acessibilidade Ambiental Para Todos na Escala Qualitativa da Cidade". In: **DESIGNING FOR THE 21<sup>st</sup> CENTURY: AN INTERNATIONAL CONFERENCE ON UNIVERSAL DESIGN**, em Hofstra University - USA, 1998, com o título "Dynamic Aspects of Applying Universal Design in Architecture Require Use of Rating Scales".

\_\_\_\_\_. "Conceitos: Sociedade Inclusiva" em **Adaptse**. (2010). Disponível em: <<http://www.adaptse.org/>>. Acessado em 24 de maio de 2011.

\_\_\_\_\_. "O Ajuste Ser Humano – Espaço Edificado: Evidência Científica" em **Fundamentos do Barrier-Free Design**. Belo Horizonte: IAB-MG & SETAS/CAADE, 1991. p. 26.

\_\_\_\_\_. "Uma Abordagem Holística na Prática do Design Universal" em Rosa Maria Correa. **Avanços e Desafios na Construção de Uma Sociedade Inclusiva**. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2009, v.1, p. 88-104.

HALL, E.T. **The Hidden Dimension**, New York: Doubleday, 1966. 216 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Resultados\\_Gerais\\_da\\_Amostra/resultados\\_gerais\\_amostra.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/resultados_gerais_amostra.pdf)>. Acessado em 15 de novembro de 2012.

ITTELSON, W.; PROSHANSKY, H.; RIVLIN, L. "The environmental psychology of the psychiatric ward". Em: PROSHANSKY, H. M. et al. (Orgs.). **Environmental psychology**. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1970.

LANG, J. T. "Cognitive Maps and Spatial Behavior" em **Creating Architectural Theory: The Role of the Behavioral Sciences in Environmental Design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987. p. 136-143.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos Ltda., 1969.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

LUSHER, R. H., MACE, R. L. "Design for Physical and Mental Disabilities" em **Encyclopedia of Architecture: Design Engineering and Construction**, ed. J. Wilkes and Sons, 3, 1989.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

LYNCH, Kevin. A boa forma da cidade. Lisboa: Edições 70, 1981

MACE, R. L. HARDIE, G. J., PLACE, J. P. **Accessible Enviroments: Toward Universal Design**. Raleigh: North Carolina State University, 1991. 44p.

MANLEY, S. "Creating an Accessible Public Realm" em **Universal Design Handbook**, W. F. E. Preiser e K. H. Smith (eds.), 2ed. New York: McGraw-Hill, 2011.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. "Acesso aos espaços e equipamentos de lazer em regiões metropolitanas" em **Coletânea VI Seminário "O lazer em debate"**. Belo Horizonte: UFMG|DEF|CELAR, 2005. p. 166-174.

MARCELLINO, Nelson Carvalho *et al.* **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana: o caso da RMC – Região Metropolitana de Campinas**. Curitiba: Opus Print Editora, 2007. 120 p.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. **O Lazer no Planejamento Urbano**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1975. 253 p.

MENEGUETTI, A. P. e SAMPAIO, T. M. V. "A importância das atividades de lazer e recreação para os portadores de necessidades especiais" em **Coletânea VI Seminário "O lazer em debate"**. Belo Horizonte: UFMG|DEF|CELAR, 2005. p. 281-282.

MINAYO, M. C. S. *et al.* **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NORMAN, Donald. **The Design of Everyday Things**. New York: Double-day, 1997. p. 01-58.

OLIVARES, Bruna Sensulini S. *et al.* "Uma proposta de reestruturação das atividades e dos equipamentos de lazer do Parque Estadual do Jaraguá / SP" em **Coletânea VI Seminário "O lazer em debate"**. Belo Horizonte: UFMG|DEF|CELAR, 2005. p. 157-165.

OSTROFF, Elaine. "Universal Design: An Evolving Paradigm" em **Universal Design Handbook**, W. F. E. Preiser e K. H. Smith (eds.), 2ed. New York: McGraw-Hill, 2011.

PBH. **Fundação Zoo-Botânica: Parque Ecológico**. (2007). Disponível em: <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPIC=ecpTaxonomiaMenuPort al&app=fundacaobotanica&tax=8661&lang=pt\\_BR&pg=5522&taxp=0#](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPIC=ecpTaxonomiaMenuPort al&app=fundacaobotanica&tax=8661&lang=pt_BR&pg=5522&taxp=0#)>. Acessado em 01 de outubro de 2011.

PINTO, Leila M. *et al.* Lazer: Concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, vol.1, n.1, p. 9-37, 1998.

PRADO, A. R. C. LOPES, M. E. ORNSTEIN, S.W. "Trajetória da acessibilidade no Brasil," em Prado, A.R. Lopes, M.E. e Ornstein, S.W. (orgs.) **Desenho Universal: Caminhos para a Acessibilidade no Brasil**. ISBN: 978-85-391-0055-2. São Paulo: Annablume, 2010. p. 9-17.

REIS, A., LAY, M. **As técnicas de APO como Instrumento de Análise Ergonômica do Ambiente Construído**: Curso III Encontro Nacional – I Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído. Gramado, RS: ANTAC – Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 1995, 34p.

REIS, A., LAY, M. C. "Avaliação da qualidade de projetos – uma abordagem perceptiva e cognitiva". **Revista Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 21-34, jul./set. 2006.

REIS, A., LAY, M. C. "Percepção e análise dos espaços – Desenho Universal," em Prado, A.R. Lopes, M.E. e Ornstein, S.W. (orgs.) **Desenho Universal: Caminhos para a Acessibilidade no Brasil**. ISBN: 978-85-391-0055-2. São Paulo: Annablume, 2010. p. 105-115.

RESENDE, A. P. C . **Todos na Cidade: o direito das pessoas com deficiência física em Uberlândia.** 2003.197F.Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

ROSSO, S. M. "Arquitetura inclusiva" em **Revista Arquitetura e Urbanismo**. Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/180/artigo128101-1.asp>>. Acessado em 22 de dezembro de 2012.

SANTINI, R. de C. G. **Dimensões do lazer e da recreação**. São Paulo: Angelotti, 1993. 101 p.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos**. 3 ed. Rio de Janeiro: WVA,1999. 174 p.

SOEGAARD, Mads (2010). **Affordances** . Disponível em: <<http://www.interaction-design.org/encyclopedia/affordances.html>>. Acessado em 21 de janeiro de 2012.

SOMMER, R. **Espaço Pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos**. São Paulo. EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

SOMMER, B. B.; SOMMER, R. **A practical guide to behavioral research: Tools and techniques**. Nova York: Oxford University Press, 1986.

STEINFELD, Edward, DUNCAN, J. and CARDELL, P. "Toward a Responsive Environment: The Psychological Effects of Inaccessibility" in **Barrier-free Environments**, M. Bednar (edt.), Community Development Series. Stroudsburg, PA: Dowden, Hutchinson and Ross, 1977. p. 7-16.

STORY, M. F. "The Principles of Universal Design" em **Universal Design Handbook**, W. F. E. Preiser e K. H. Smith (eds.), 2ed. New York: McGraw-Hill, 2011.

TEIXEIRA, Ricardo dos Santos. **Análise da apropriação pelos usuários de parques urbanos: Estudos de casos na Bacia da Pampulha – Belo Horizonte, MG**. 2007. 144p. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Viçosa, 2007.

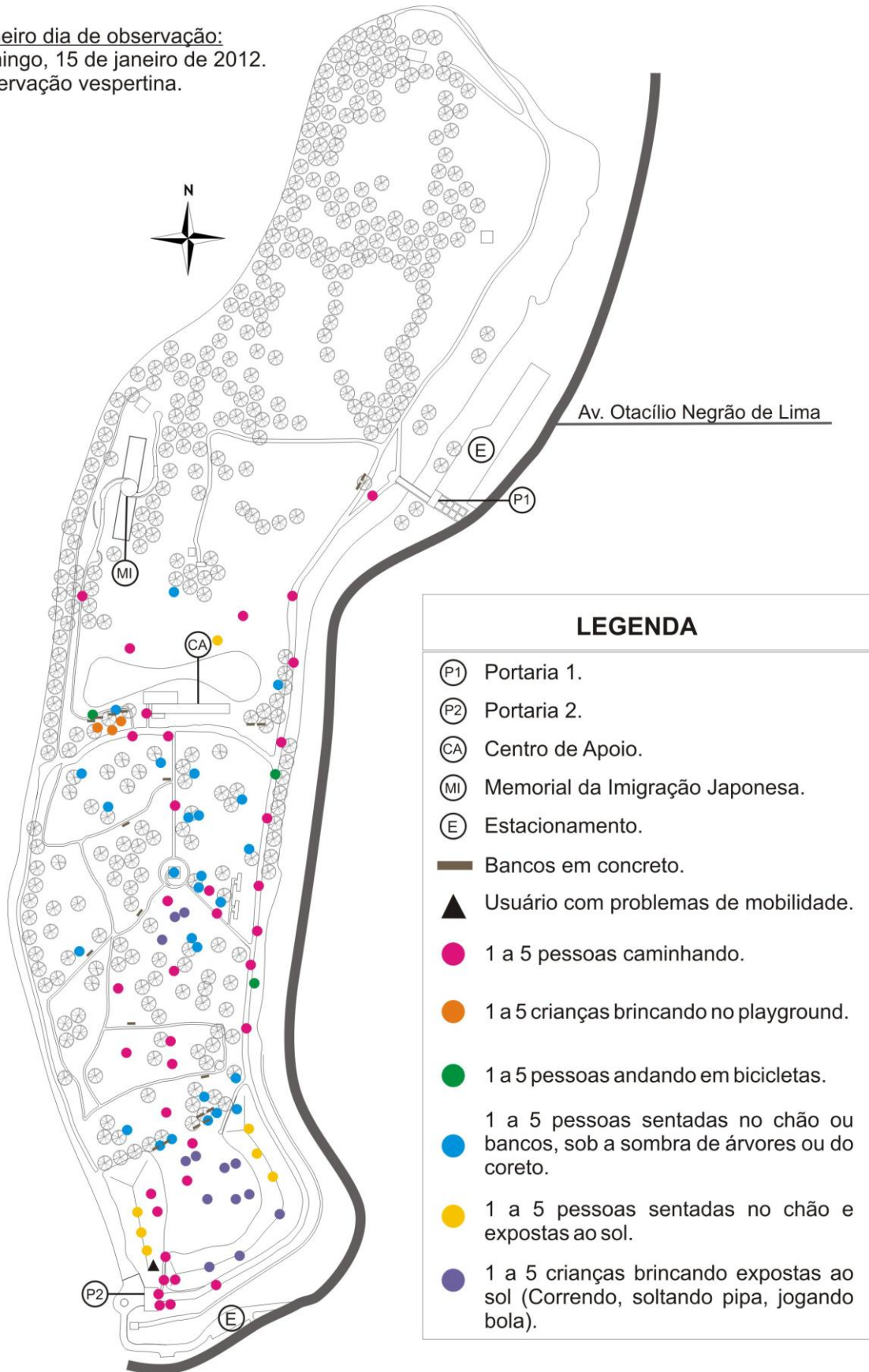
VIEIRA, B. C. "A inclusão da pessoa com deficiência nos equipamentos de lazer e cultura na cidade do Rio de Janeiro – Uma experiência com animação cultural" em **Coletânea VI Seminário "O lazer em debate"**. Belo Horizonte: UFMG|DEF|CELAR, 2005. p. 279-280.

ZEISEL, J. **Inquiry By Design: Tools for environment-behavior research**. New York: Cambridge University Press, 1995, 247p.

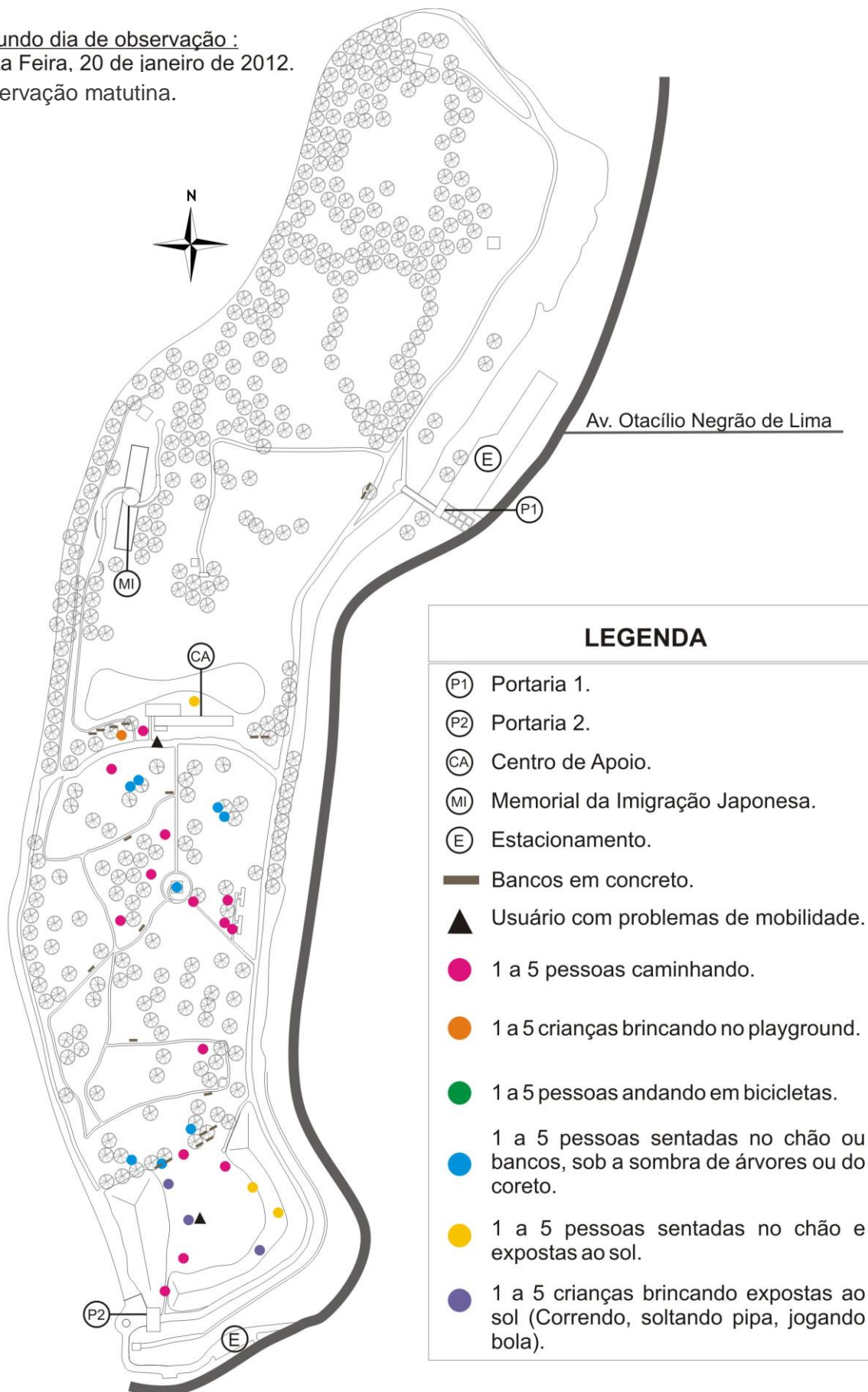
WHITE, R. W. "Motivation Reconsidered: The Concept of Competence" em H. M.Proshansky, W. H. Ittelson e L. G. Rivlin (eds.), **Environmental Psychology**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970. p. 125-33.

## APÊNDICE A – Mapas individuais da concentração de usuários e atividades

Primeiro dia de observação:  
Domingo, 15 de janeiro de 2012.  
Observação vespertina.



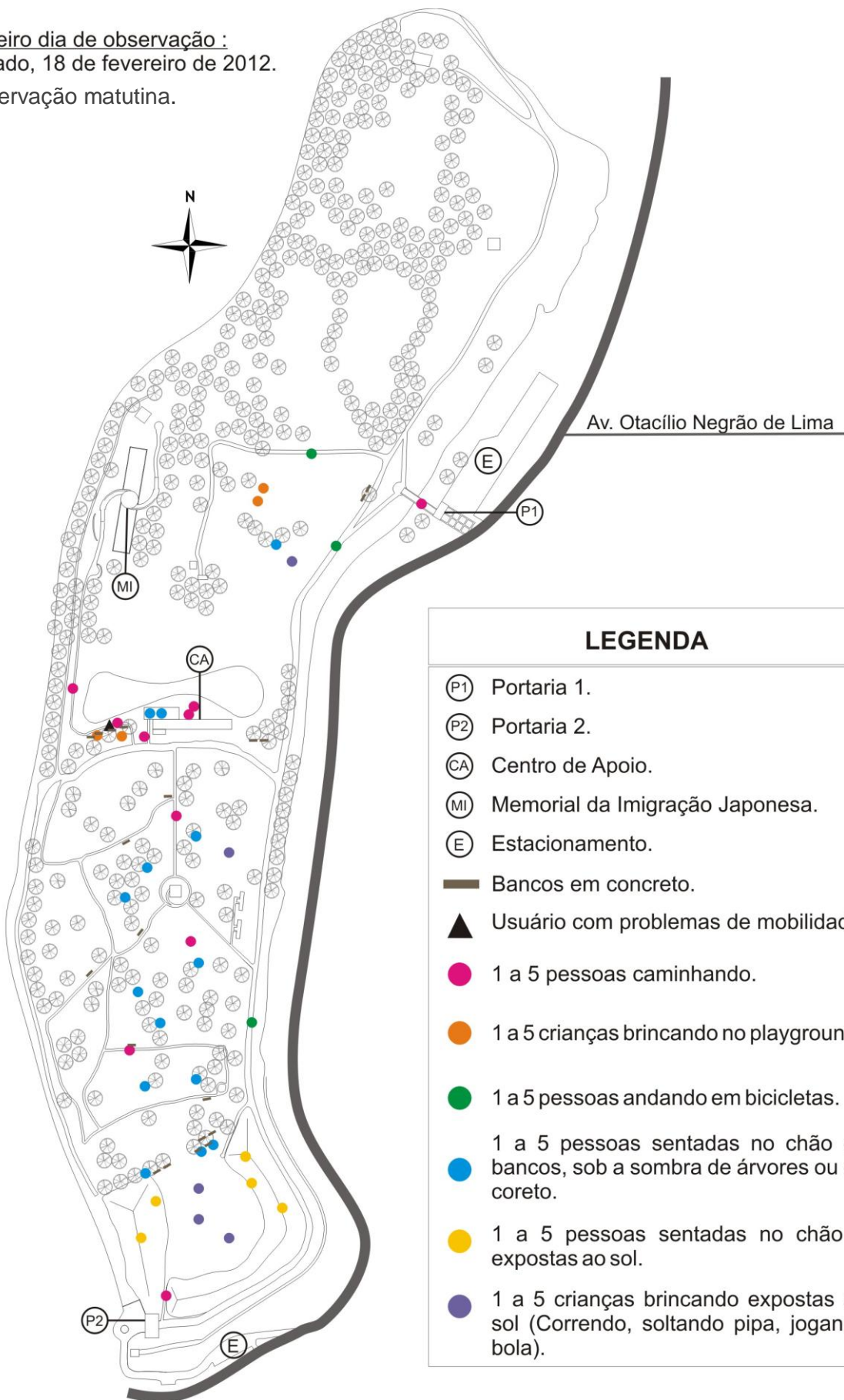
Segundo dia de observação :  
 Sexta Feira, 20 de janeiro de 2012.  
 Observação matutina.



### LEGENDA

- (P1) Portaria 1.
- (P2) Portaria 2.
- (CA) Centro de Apoio.
- (MI) Memorial da Imigração Japonesa.
- (E) Estacionamento.
- Bancos em concreto.
- ▲ Usuário com problemas de mobilidade.
- 1 a 5 pessoas caminhando.
- 1 a 5 crianças brincando no playground.
- 1 a 5 pessoas andando em bicicletas.
- 1 a 5 pessoas sentadas no chão ou bancos, sob a sombra de árvores ou do coreto.
- 1 a 5 pessoas sentadas no chão e expostas ao sol.
- 1 a 5 crianças brincando expostas ao sol (Correndo, soltando pipa, jogando bola).

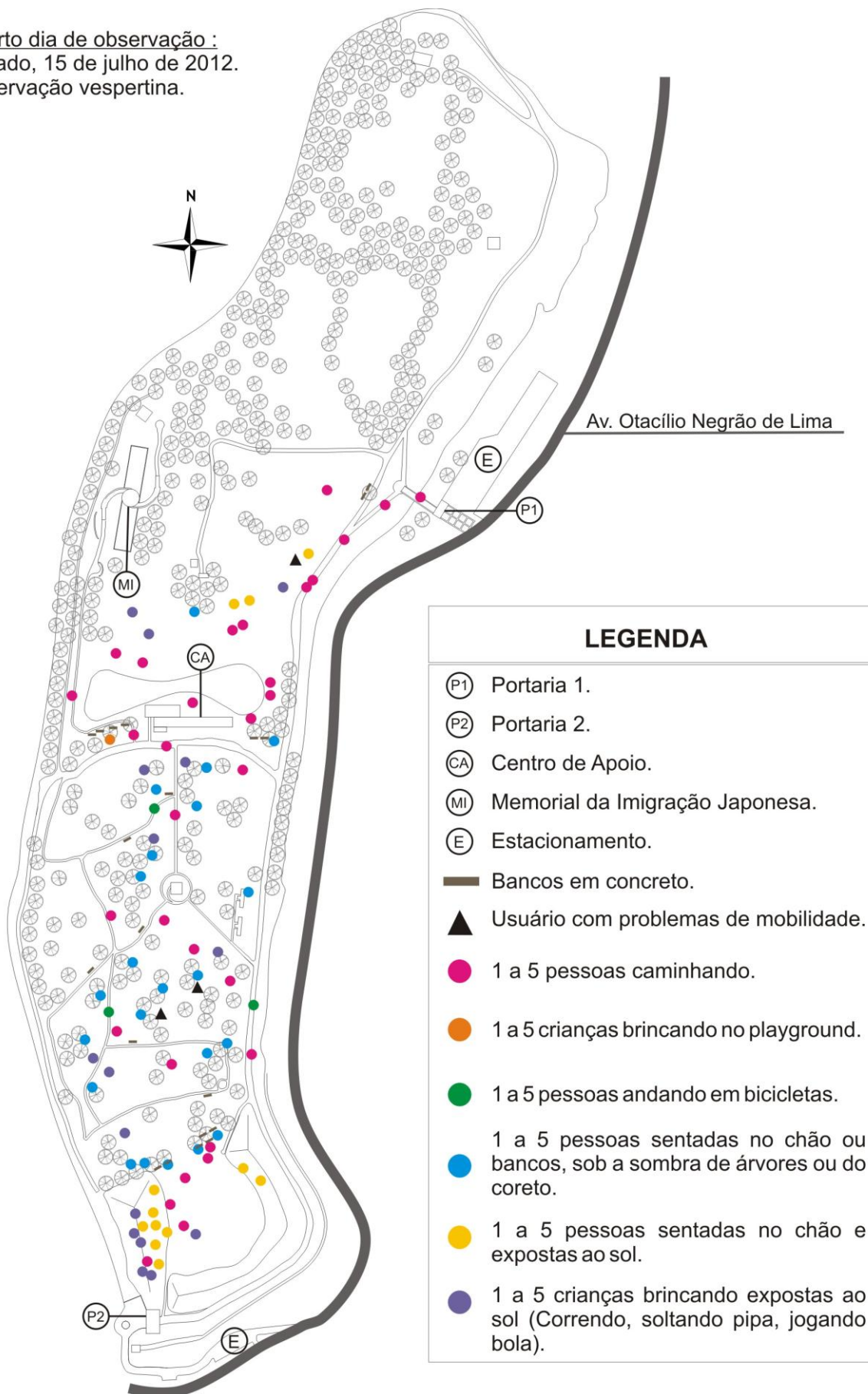
Terceiro dia de observação :  
 Sábado, 18 de fevereiro de 2012.  
 Observação matutina.



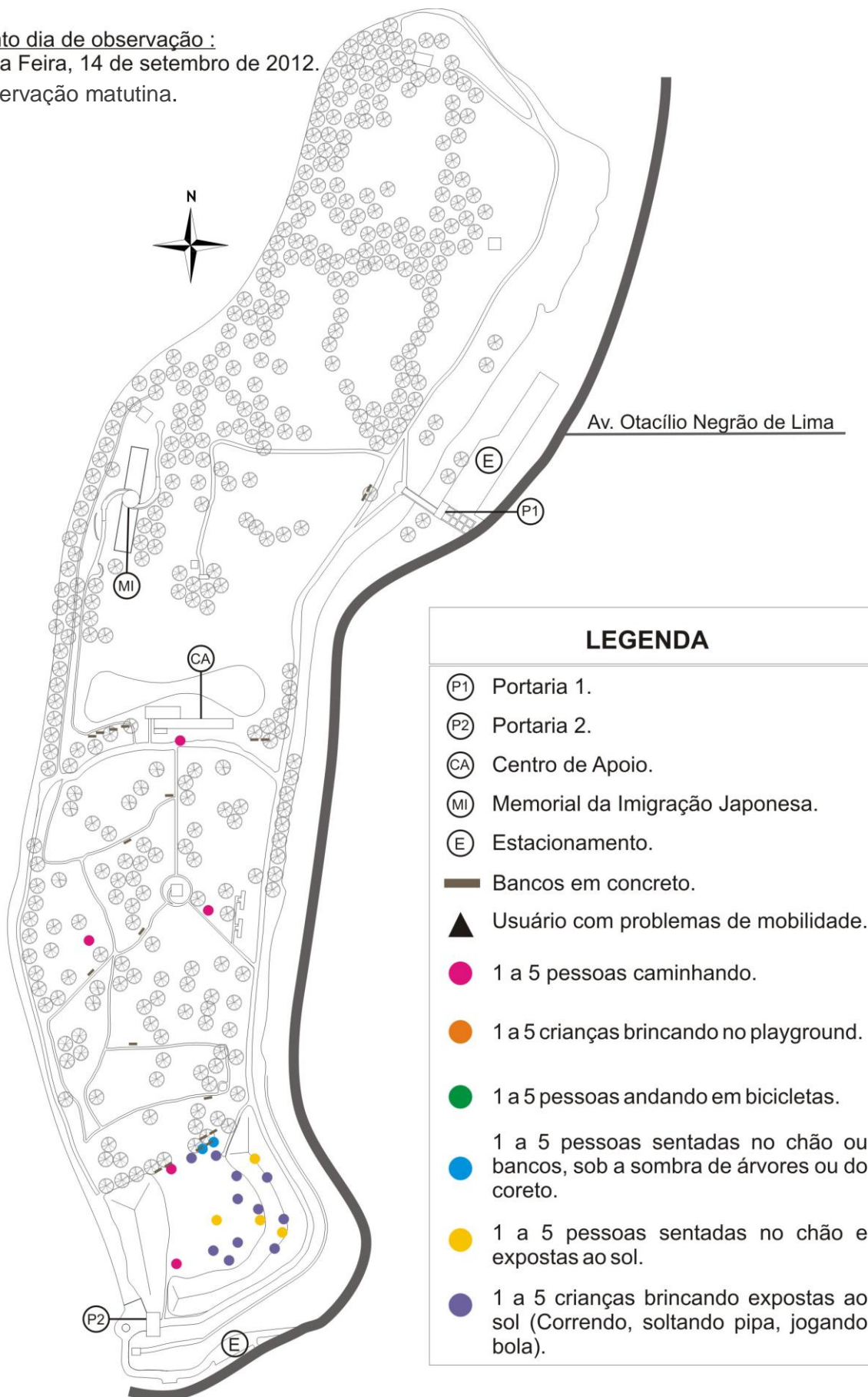
**LEGENDA**

- (P1) Portaria 1.
- (P2) Portaria 2.
- (CA) Centro de Apoio.
- (MI) Memorial da Imigração Japonesa.
- (E) Estacionamento.
- Bancos em concreto.
- ▲ Usuário com problemas de mobilidade.
- 1 a 5 pessoas caminhando.
- 1 a 5 crianças brincando no playground.
- 1 a 5 pessoas andando em bicicletas.
- 1 a 5 pessoas sentadas no chão ou bancos, sob a sombra de árvores ou do coreto.
- 1 a 5 pessoas sentadas no chão e expostas ao sol.
- 1 a 5 crianças brincando expostas ao sol (Correndo, soltando pipa, jogando bola).

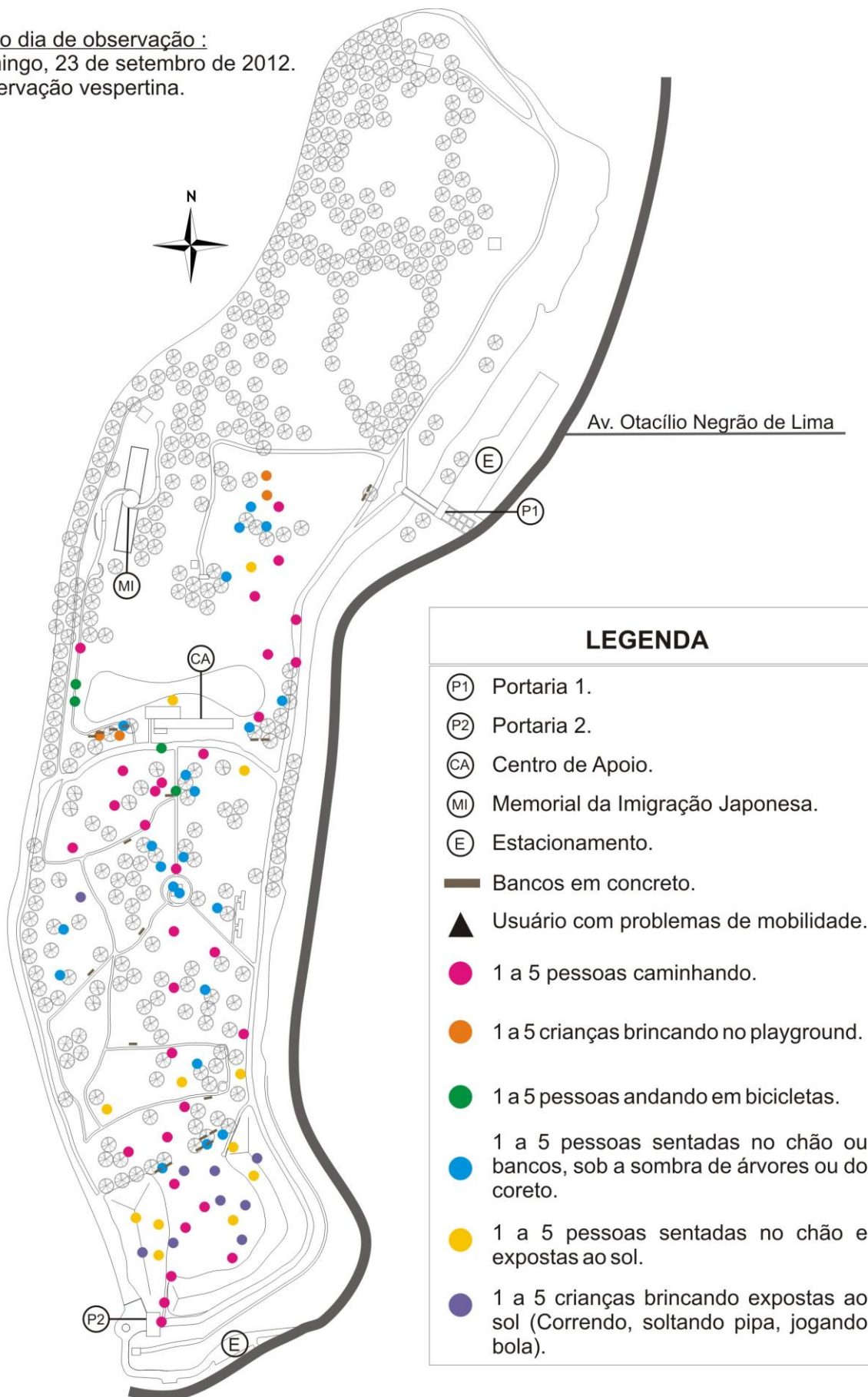
Quarto dia de observação :  
 Sábado, 15 de julho de 2012.  
 Observação vespertina.



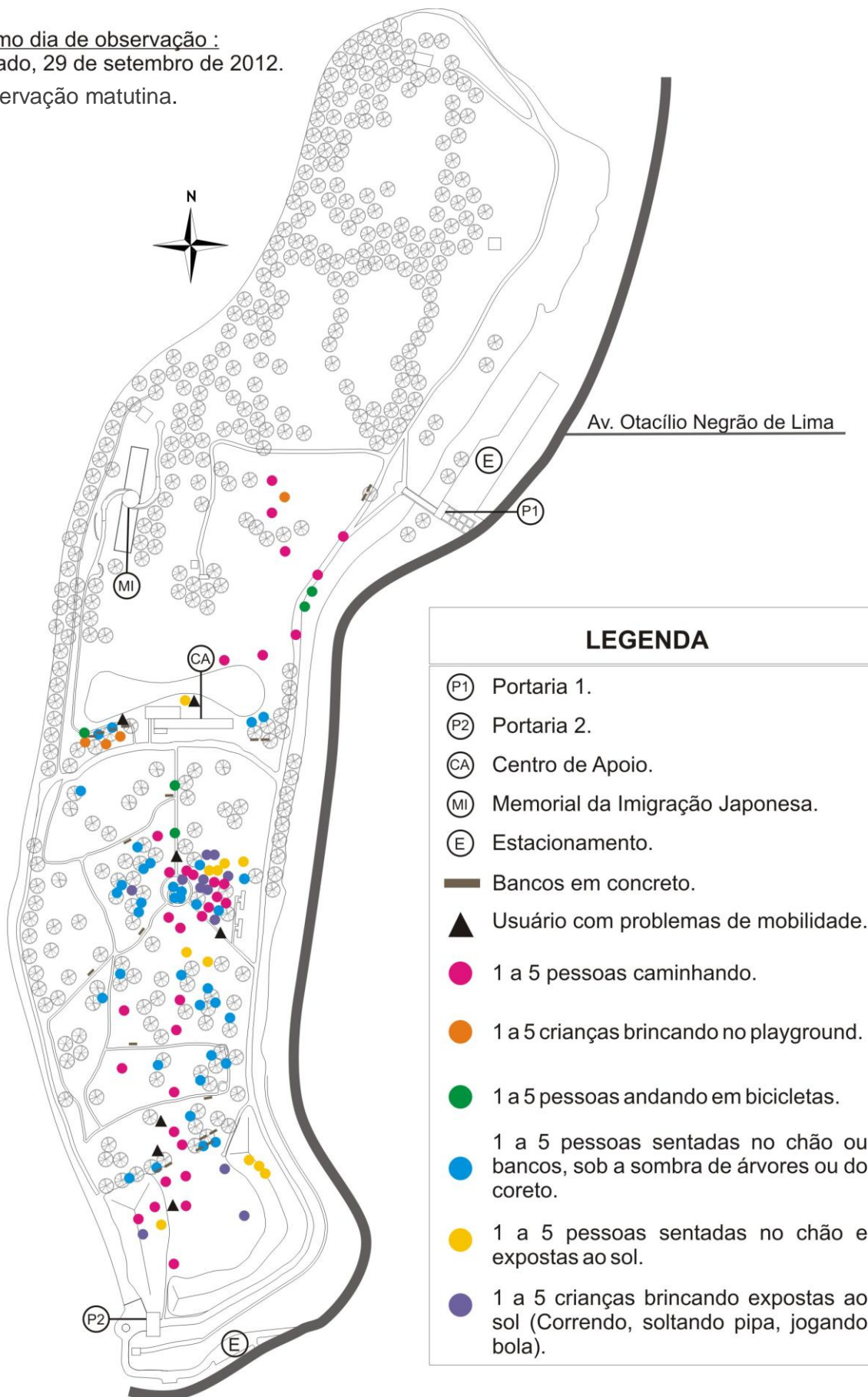
Quinto dia de observação :  
 Sexta Feira, 14 de setembro de 2012.  
 Observação matutina.



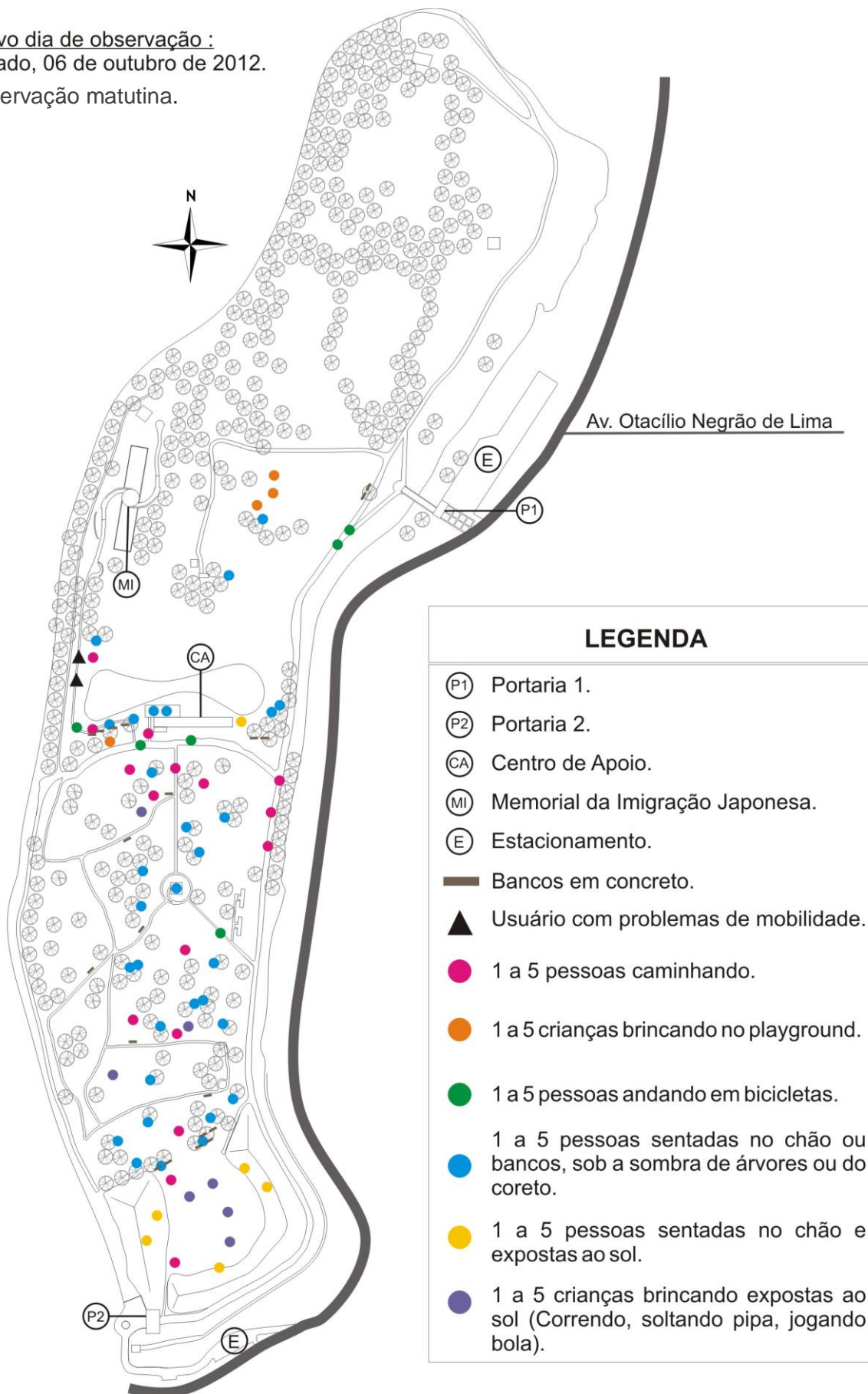
Sexto dia de observação :  
 Domingo, 23 de setembro de 2012.  
 Observação vespertina.



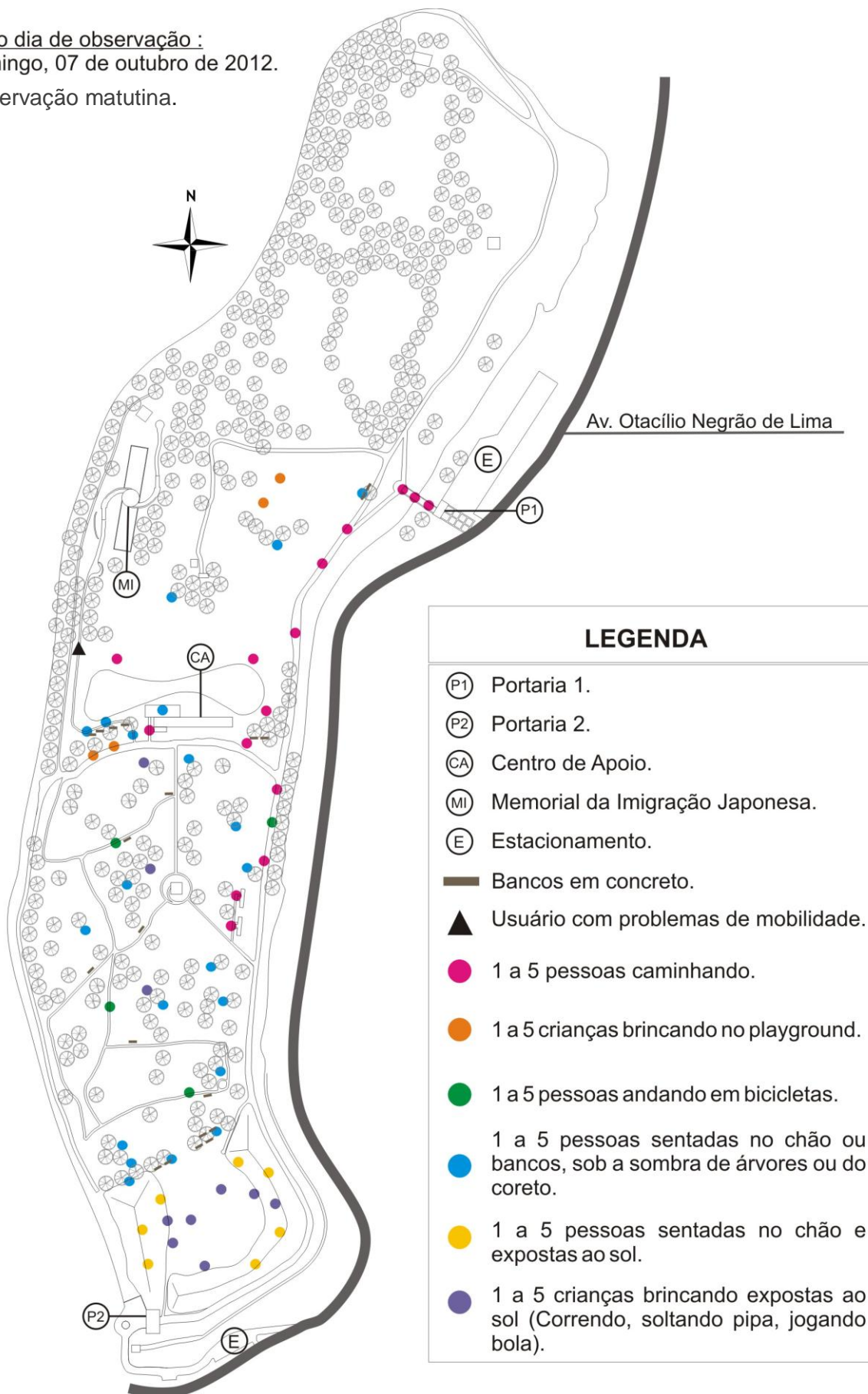
Sétimo dia de observação :  
 Sábado, 29 de setembro de 2012.  
 Observação matutina.



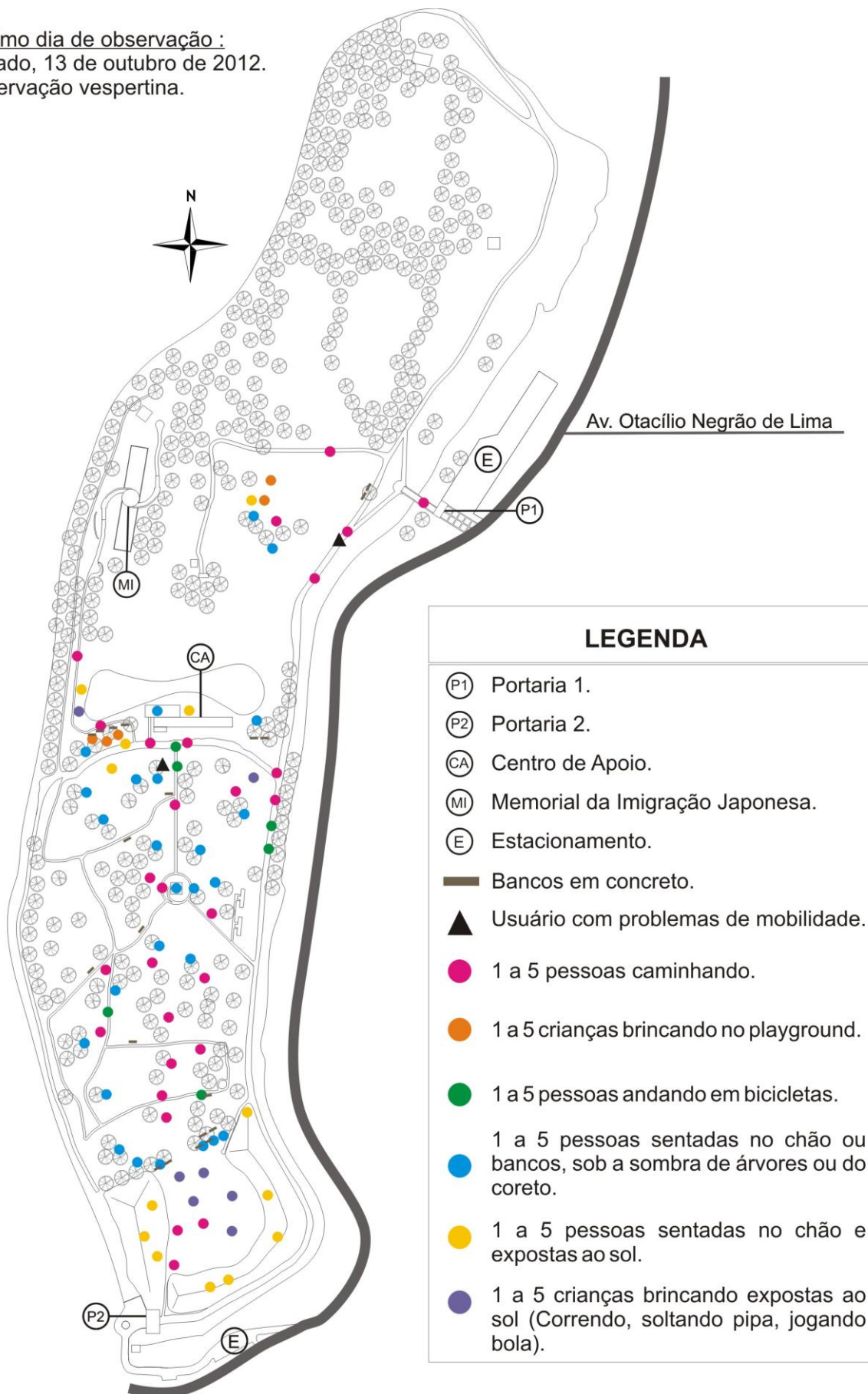
Oitavo dia de observação :  
 Sábado, 06 de outubro de 2012.  
 Observação matutina.



Nono dia de observação :  
 Domingo, 07 de outubro de 2012.  
 Observação matutina.

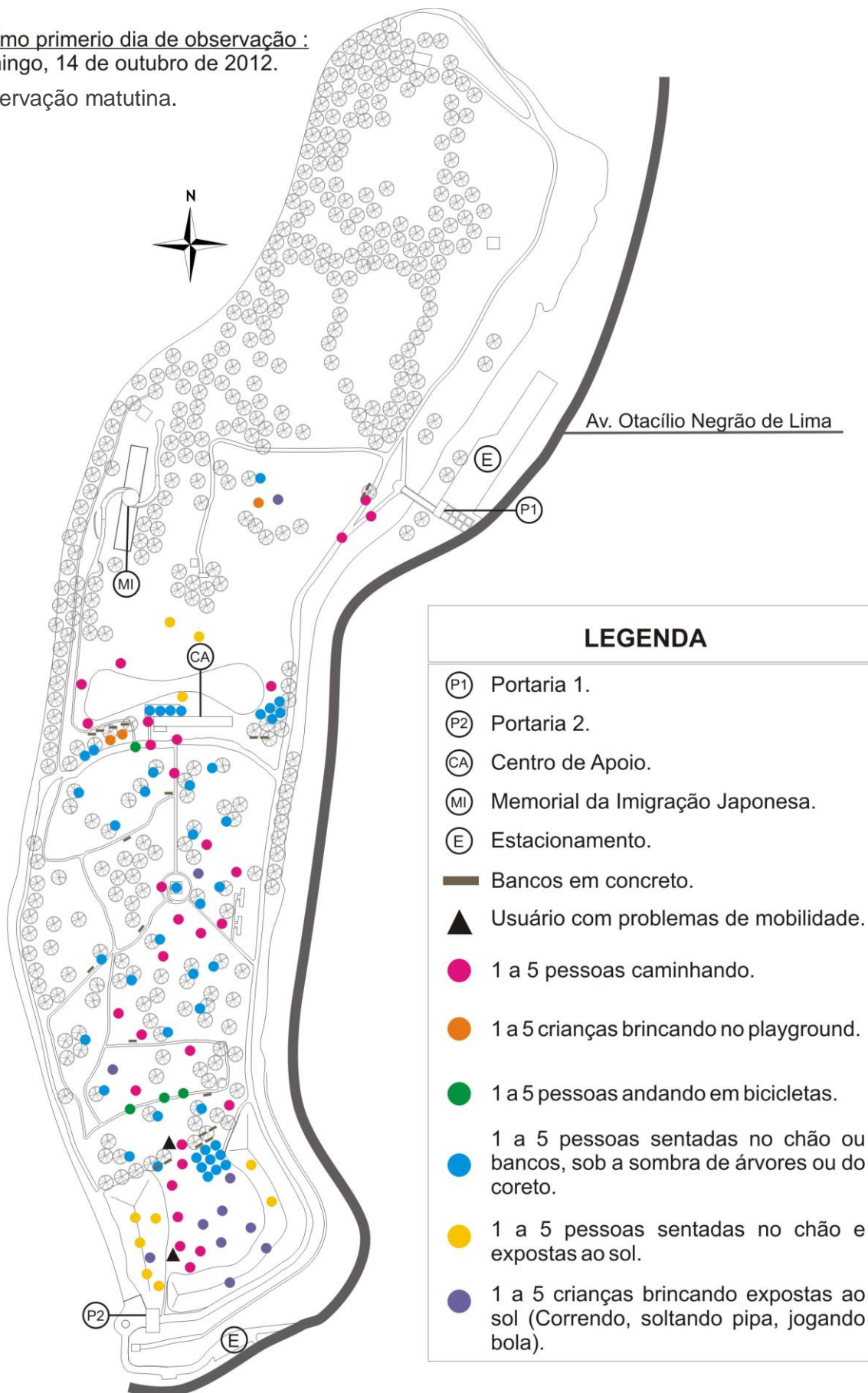


Décimo dia de observação :  
 Sábado, 13 de outubro de 2012.  
 Observação vespertina.



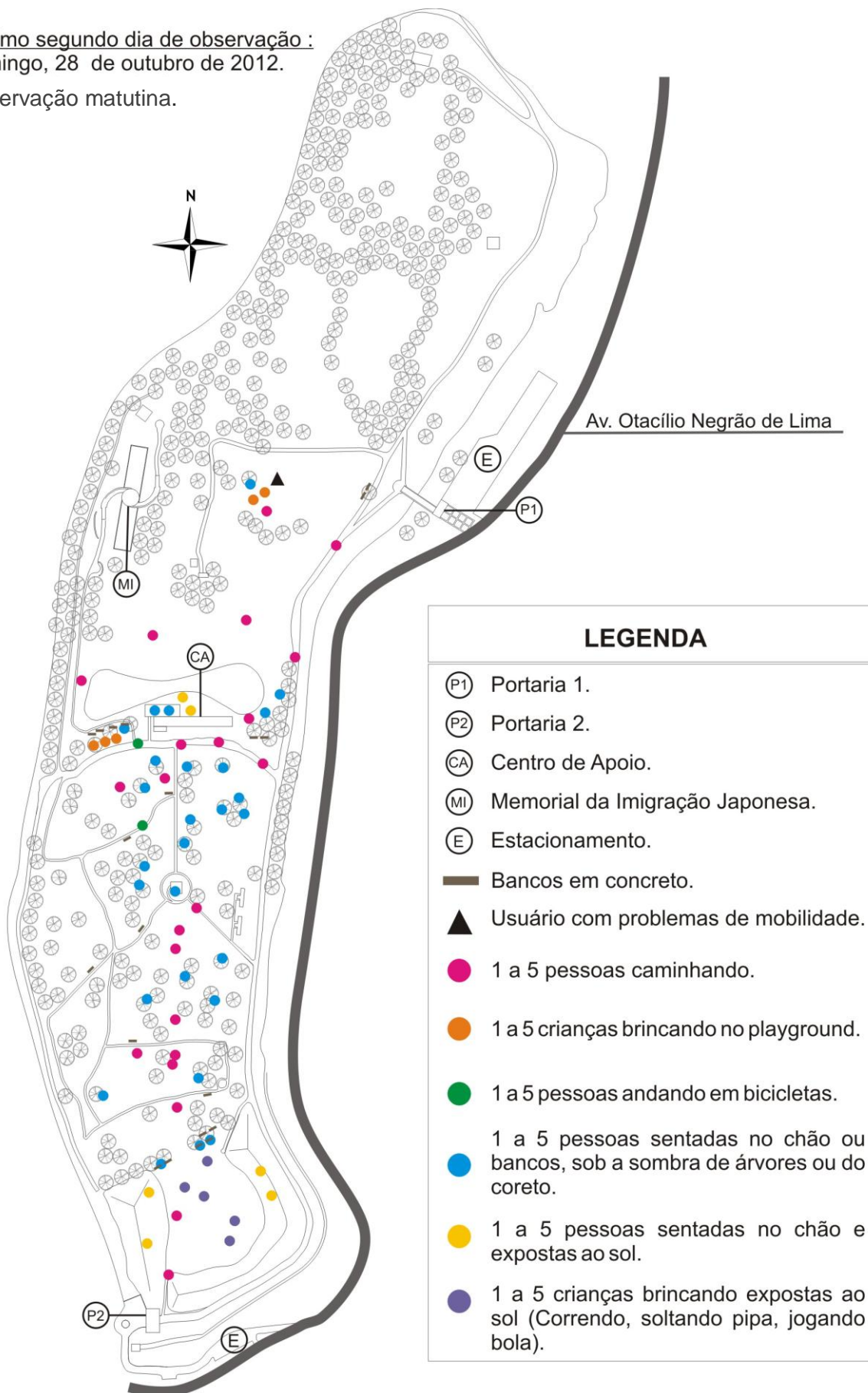
Décimo primeiro dia de observação :  
Domingo, 14 de outubro de 2012.

Observação matutina.



Décimo segundo dia de observação :  
Domingo, 28 de outubro de 2012.

Observação matutina.



## APÊNDICE B – Entrevista Semiestruturada

Questionário nº: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_  
O respondente estava: Só Acomp. Idade: \_\_\_\_\_ Formação: \_\_\_\_\_  
Condição de mobilidade: \_\_\_\_\_

1- Você já visitou este Parque alguma outra vez?

( ) SIM ( ) NÃO

2- O que você veio fazer no Parque?

- a) Caminhar
- b) Interagir com amigos ou outras pessoas
- c) Brincar (jogar bola, soltar pipa, etc.)
- d) Fazer piquenique
- e) Descansar
- f) Outros

Explique:

3- Você já quis fazer alguma atividade no Parque que não conseguiu ou teve dificuldade? Como:

- a) Caminhar
- b) Interagir com amigos ou outras pessoas
- c) Brincar (jogar bola, soltar pipa, etc.)
- d) Fazer piquenique
- e) Descansar
- f) Outros

Explique:

4- Qual área do Parque Ecológico da Pampulha você mais gosta?

- a) Área gramada sem árvores (Esplanada)
- b) Área gramada com árvores (Bosque)
- c) Área da lanchonete e parquinho
- d) Trilhas
- e) Área próxima ao Memorial da Imigração Japonesa (Área Silvestre)
- f) Outra

Explique:

5- Como você avalia a distância dos banheiros em relação às portarias?

Muito Longe	Longe	Neutro	Perto	Muito Perto
-------------	-------	--------	-------	-------------

6- O que você acha da sinalização do parque para se orientar dentro dele?

Não funciona	Pouco funciona	Neutro	Funciona bem	Funciona muito bem
--------------	----------------	--------	--------------	--------------------

7- O que você acha de sentar na grama?

Péssima ideia	Má ideia	Neutro	Boa ideia	Ótima ideia
---------------	----------	--------	-----------	-------------

8- O que você acha de haver mesas e bancos como opção para pessoas que queiram fazer piqueniques?

Péssima ideia	Má ideia	Neutro	Boa ideia	Ótima ideia
---------------	----------	--------	-----------	-------------

9- O que você acha da existência de pista para bicicletas e pista para caminhadas separadas?

Péssima ideia	Má ideia	Neutro	Boa ideia	Ótima ideia
---------------	----------	--------	-----------	-------------

10- O que você acha da quantidade de áreas de sombra no Parque?

Muito Ruim	Ruim	Neutro	Bom	Muito Bom
------------	------	--------	-----	-----------

11- O que você acha a respeito de andar sobre a grama?

Péssima ideia	Má ideia	Neutro	Boa ideia	Ótima ideia
---------------	----------	--------	-----------	-------------

12- O que você acha a respeito de andar sobre o piso intertravado?

Péssima ideia	Má ideia	Neutro	Boa ideia	Ótima ideia
---------------	----------	--------	-----------	-------------

13- O que você acha a respeito de andar sobre o piso de areia e pedriscos?

Péssima ideia	Má ideia	Neutro	Boa ideia	Ótima ideia
---------------	----------	--------	-----------	-------------

14- Quando você se locomove pelo Parque, e vai de um lugar a outro, como se sente em relação ao cansaço?

Nada cansado	Pouco Cansado	Neutro	Cansado	Muito Cansado
--------------	---------------	--------	---------	---------------

15- Descreva o que vê em cada figura, no cartão de figuras 1:

Situação 1:

Figura A: \_\_\_\_\_

Figura B: \_\_\_\_\_

Figura C: \_\_\_\_\_

Figura D: \_\_\_\_\_

Escolha uma situação como satisfatória e aponte os elementos que lhe motivaram na escolha:

--

Situação 2:

Figura A: \_\_\_\_\_

Figura B: \_\_\_\_\_

Figura C: \_\_\_\_\_

Figura D: \_\_\_\_\_

Escolha uma situação como satisfatória e aponte os elementos que lhe motivaram na escolha:

--

16- Qual das paisagens mostradas no cartão de figuras 2 você conhece no Parque Ecológico?

- ( ) Figura A      ( ) Figura B      ( ) Figura C      ( ) Figura D  
( ) Figura E      ( ) Figura F      ( ) Figura G      ( ) Figura H

17- Dos lugares que você conhece, qual deles você já visitou/utilizou?

--

## APÊNDICE C – Cartão de Figuras aplicado junto à entrevista

### Cartão de figuras 1:

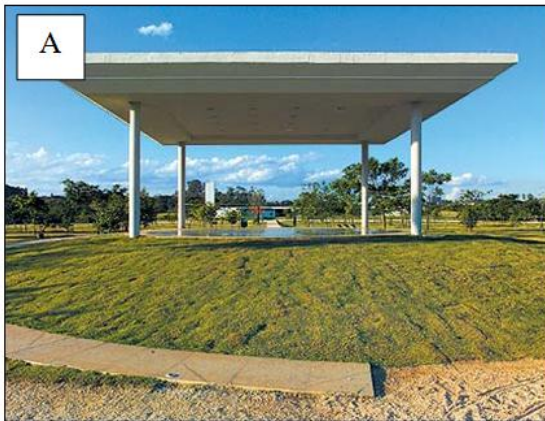
#### Situação 1:



#### Situação 2:



**Cartão de figuras 2:**



## APÊNDICE D – Entrevista com Gustavo Penna



Diana Penna <diana@gustavopenna.com.br>

para mim ▾

Oi Danielle, boa tarde!

Desculpe pela demora, mas aí estão as questões respondidas.

Espero que dê tudo certo.

Obrigada por entrar em contato conosco.

Um abraço,

Diana Penna . RP  
Diretoria São Paulo

Gustavo Penna  
Arquiteto & Associados

### Questões sobre o Parque Ecológico Promotor Francisco Lins do Rego

- 1- O que motivou conceitualmente a definição das atividades e comportamento dos usuários em cada área do parque?

*Na primeira fase de pesquisa e de ouvir muita gente, nos veio a ideia de criar grandes espaços livres com árvores e gramados. Privilegiar o verde e deixar livres as visadas e os caminhos a permitir usos variados.*

- 2- Como as áreas de Esplanada, bosque e área silvestre asseguram atividades previstas e ainda assim permitem diversidade de público e comportamento?

*Para nós quanto mais construímos, ocupamos os vazios mais dividimos e compartimentamos o todo. Para nós liberdade é a soma de todos os lugares: as áreas se interligam convidando às atividades conjuntas e os usuários ficam à vontade para escolher o que querem fazer. A visão contínua traz a sensação de amplitude e liberdade.*

- 3- Houve alguma alteração, provocada por questões externas imprevistas, do projeto inicial para o final que fora executado?

*É uma obra de custo reduzido, baseada nas ondulações do solo, plantio de árvores, caminhos para pedestres e bicicletas. Por isso, geraram pouquíssimas alterações.*

- 4- Após a implantação do parque, quais seriam as releituras sobre conceito, intenções e possibilidades para os espaços criados?

*Acho o conceito até hoje válido, um Parque substantivo: Nada de adereços, trenzinhos coloridos, brinquedos medíocres (muitas vezes perigosos) e repetitivos. Queríamos oferecer espaços para a criança poder correr, estar com seus pais, inventar aventuras e dar a todos a oportunidade de experimentar o contato com a natureza e deixar soltos o corpo e o olhar.*